



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Música

DISCENTE: TIAGO JOSÉ DA SILVA
PROF. DR. GUSTAVO ALVES ALONSO FERREIRA

Amaro Freitas: trajetória de um jazz híbrido e forjado na interlocução entre
afrobrasilidades e pernambucanidade

TIAGO JOSÉ DA SILVA

Amaro Freitas: trajetória de um jazz híbrido e forjado na interlocução entre afrobrasilidades e pernambucanidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Música, PPGM, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Música.

Área de Concentração: MÚSICA, CULTURA E SOCIEDADE.

Orientador: Dr. GUSTAVO ALVES ALONSO FERREIRA

Recife

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva, Tiago José da.

Amaro Freitas: trajetória de um jazz híbrido e forjado na interlocução entre afrobrasileiridades e pernambucanidade / Tiago José da Silva. - Recife, 2024.

144f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Música, 2024.

Orientação: Gustavo Alves Alonso Ferreira.

Inclui referências.

1. Amaro Freitas; 2. Jazz; 3. Pernambuco; 4. Identidade cultural; 5. Afrobrasilidade. I. Ferreira, Gustavo Alves Alonso. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

Tiago José da Silva

TÍTULO DO TRABALHO: Amaro Freitas: trajetória de um jazz híbrido e forjado na interlocução entre afrobrasilidades e pernambucanidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Música da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Música

Aprovada em _24_/05_/2024_.

BANCA EXAMINADORA
Gustavo Alves Alonso Ferreira

Professor Doutor ____ (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco
Amílcar Almeida Bezerra

Professor Doutor ____ (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco
Jeder Silveira Janotti Junior

Professor Doutor ____ (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho a minha esposa e filhos, e a todos os pesquisadores negros desse país. Sobretudo aqueles que, assim como eu, tiveram sua formação básica em escolas públicas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, dono de tudo o que sou e tenho, a minha mãe pelo incentivo necessário desde sempre e para sempre. A minha esposa pela paciência, carinho e auxílio na realização das minhas conquistas. Ao meu pai e filhos por me ensinarem sobre esperança e recomeço. Ao meu Avô Manoel José da Silva (in memoriam) por me apresentar a música e a cultura popular pernambucana. A todo o colegiado do Programa de pós-graduação em Música da Universidade Federal de Pernambuco, em especial ao meu orientador Gustavo Alonso.

"A cultura popular tem sempre sua base em experiências, prazeres, memórias e tradições do povo" (HALL, 2003, p. 340).

RESUMO

Esta dissertação explora a trajetória musical de Amaro Freitas, destacando sua habilidade em fundir o jazz com elementos culturais de Pernambuco, criando um estilo único de jazz híbrido. Originário de Recife, uma cidade com uma rica cena musical e uma profunda influência do jazz, Freitas utiliza o jazz como uma plataforma para reimaginar e dialogar com as tradições locais, especialmente evidenciado em seus álbuns “Sangue Negro”, “Rasif” e “Sankofa”. A análise foca na maneira como ele integra a musicalidade de Pernambuco em seu trabalho, projetando essa essência para um público global, ao mesmo tempo em que mantém raízes profundas na cultura local. Este estudo visa ilustrar como Freitas representa uma nova voz no cenário do jazz contemporâneo, usando sua música como uma expressão de identidade cultural e afrobrasilidade.

Palavras-chave: Amaro Freitas; jazz; Pernambuco; identidade cultural; afro brasilidade.

ABSTRACT

This dissertation examines the musical journey of Amaro Freitas, highlighting his ability to blend jazz with cultural elements from Pernambuco, creating a unique style of hybrid jazz. Originating from Recife, a city with a rich musical scene and deep jazz influences, Freitas uses jazz as a platform to reimagine and engage with local traditions, particularly evidenced in his album "Rasif". The analysis focuses on how he integrates the musicality of Pernambuco into his work, projecting this essence to a global audience while maintaining deep roots in local culture. This study aims to illustrate how Freitas represents a new voice in the contemporary jazz scene, using his music as an expression of cultural identity and Afro-Brazilian heritage.

Keywords: Amaro Freitas; jazz; Pernambuco; cultural identity; Afro-Brazilian heritage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 - Capa da playlist “Jazz Brasileiro”, do Spotify.
- Figura 2 - Imagem do Vinil com a música *Journey to Recife*
- Figura 3 - Notícia do sexteto no Diário de Pernambuco
- Figura 4 - Parte da cena jazz de Recife em 2018
- Figura 5 - Amaro na adolescência
- Figura 6 - Amaro faz convite
- Figura 7 - Amaro no Esquina do Jazz
- Figura 8 - Amaro no Daniel Podsk Quartet
- Figura 9 - Lançamento do disco no Paço do Frevo
- Figura 10 - Destaque da orquestra no exterior em 2010
- Figura 11 - Destaque da orquestra no exterior em 2014
- Figura 12 - Encontro de Amaro e Rafael Vernet em 2015
- Figura 13 - Foto do trio e do produtor na produção do álbum “Sangue Negro” no Estúdio Carranca, em 2016
- Figura 14 - Amaro é destaque da MIMO Festival
- Figura 15 - Sangue Negro é destaque no Jornal do Commercio
- Figura 16 - Capa LP Coisas
- Figura 17 - Representação de figura rítmica
- Figura 18 - O jazz do sanfoneiro Dominginhos
- Figura 19 - Fotografia de Lula Calixto
- Figura 20 - Capa do Álbum Rasif
- Figura 21 - Capa do livro Rasif
- Figura 22 - Foto de Luna Vitrolira
- Figura 23 - Amaro primeira fase
- Figura 24 - Amaro segunda fase
- Figura 25 - Amaro terceira fase
- Figura 26 - Amaro representa o jazz brasileiro no Spotify
- Figura 27 - Amaro e Lenine
- Figura 28 - Amaro e Lenine
- Figura 29 - Amaro e Stefano Bollani
- Figura 30 - Amaro e Stefano Bollani Programa de TV
- Figura 31 - Rasif é destaque no G1

- Figura 32 - Rasif é destaque na Downbeat
- Figura 33 - Faixas de “Sangue Negro” na plataforma Spotify
- Figura 34 - Faixas de “Rasif” na plataforma Spotify
- Figura 35 - Amaro e a Montreux jazz Academy
- Figura 36 - Amaro, Milton Nascimento e Criolo
- Figura 37 - Amaro em parceria com Sandy
- Figura 38 - Símbolo Sankofa
- Figura 39 - Personagem Baquaqua
- Figura 40 - Retrato de Tereza de Benguela
- Figura 41 - Vestimenta Cazumbá
- Figura 42 - projeto Ancestral Cumbe
- Figura 43 - Lucas dos Prazeres e o Ilu
- Figura 44 - Naná Vasconcelos
- Figura 45 - Amaro e as crianças no festival

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 SANGUE NEGRO.....	13
1.1 AMARO FREITAS É FRUTO DE UM RECIFE “JAZZIFICADO”.....	13
1.2 O PIANO ENTRE O FREVO E O JAZZ.....	28
1.3 SANGUE NEGRO: JAZZ COM UM SOTAQUE DE RECIFE.....	36
2 RASIF.....	55
2.1 UMA RELEITURA DAS TRADIÇÕES DE PERNAMBUCO.....	55
2.2 A TRANSFORMAÇÃO ESTÉTICA DO PIANISTA.....	70
2.3 PROJEÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL.....	81
3 SANKOFA.....	99
3.1 STACCATO DO PRESENTE E UMA RELEITURA DO PASSADO.....	99
3.2 NEGRITUDE E VIRTUOSISMO EM CONTRAPONTO.....	111
3.3 “O BAMBA DO JAZZ!”: ADMIRAÇÃO E CONTRADIÇÕES NO JAZZ DO ARTISTA.....	121

INTRODUÇÃO

No dia 12 do mês de fevereiro do ano de 2023, a plataforma de música de maior popularidade global, o *Spotify*, colocou como capa de sua playlist de jazz brasileiro a foto do pianista pernambucano Amaro Freitas. A imagem, que é bastante representativa, expõe o pianista com seu cabelo (com um tipo de corte afro) e pele negra, enquadrado em plano (fotográfico) fechado, destacando assim, algumas peculiaridades. Como se isso não bastasse, seu rosto está coberto por um Mayaka. Os Mayakas são adornos que promovem conexões, potencializando afetos e apresentando histórias e contextos culturais oriundos de povos originários, sobretudo os representantes da diáspora negra africana tal como apresenta a figura abaixo¹.

Figura 1 - Capa da playlist “Jazz Brasileiro”, do Spotify.



Fonte: site do Spotify.

A música é uma forma de arte que não apenas reflete, mas também molda a cultura e a identidade de uma região. Amaro Freitas, pianista pernambucano, surge como um emblema dessa afirmação, inserindo-se de maneira proeminente no cenário musical tanto nacional quanto internacional. Originário de Recife, uma cidade "jazzificada" (tal como demonstrado

¹ Playlist do Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/37i9dQZF1DWU5TxeYcalut>. Acesso em 15 out. 2023.

no documentário *Cena Jazz*), o artista traz uma fusão que se debruça tanto sobre as complexidades do frevo quanto sobre aquelas do jazz. Além disso, ele traz em suas composições as narrativas culturais de sua terra natal.

Esta dissertação explora como o artista tece elementos de pernambucanidade, utilizando o jazz como plataforma para uma releitura estética das tradições locais, evidenciada em seu álbum “*Rasif*”. A análise se detém em como o álbum não só dialoga com a musicalidade intrínseca de Pernambuco, mas também como projeta essa “essência” para um diálogo híbrido e globalizado.

Sendo Amaro, atualmente, um fenômeno musical brasileiro, essa pesquisa tem como objetivo contar parte de sua trajetória junto ao jazz a partir de tudo que pude acompanhar e coletar entre o período de 2016 a 2024. Logo, pude constatar – como músico e, posteriormente, como pesquisador – que o artista não teve um começo musical muito distante das maiorias dos jovens musicistas de sua geração. Portanto, o presente trabalho pretende também apresentar os acontecimentos e eventos (bem como seus significados) pelos quais o artista passou ao longo do seu trajeto para se tornar este fenômeno que se tornou.

A transformação estética operada por Freitas revela um híbrido de estilos que desafia as fronteiras tradicionais do jazz, introduzindo um repertório que inclui desde o vigoroso staccato do presente até uma profunda releitura do passado cultural de Pernambuco e do Brasil. Além disso, será examinado o contraponto entre negritude e virtuosismo em sua música, destacando a contribuição dessas dimensões para a formação de uma voz singular no cenário do jazz contemporâneo.

O músico trouxe como referência para suas composições, personagens da cultura popular pernambucana como Dominginhos, Capiba, Naná Vasconcelos, Lula Calixto entre outros. Para algumas músicas, trouxe personagens, lugares e filosofias que exaltam a cultura afro-brasileira, a exemplo temos “*Sankofa*”, “*Afrocatu*”, “*Baquaqua*”, “*Villa Bella*” e o já citado *Rasif*. Com isso, Amaro pôde adentrar no mundo da música instrumental contemporânea, e está constantemente nos maiores e mais renomados palcos de jazz mundo afora, sendo internacionalmente reconhecido e ovacionado pela crítica e pelo público.

Entretanto, nenhuma carreira artista se faz sozinha. De tal maneira, essa pesquisa serviu também para demonstrar o quanto a sua trajetória artística contou e ainda conta com parcerias, eventos e acontecimentos peculiares que podem mapear os valores gestados no surgimento de um nome de relevância tanto em Pernambuco quanto nacionalmente e internacionalmente.

Além dessas questões, o trabalho utilizou-se de teorias e conceitos culturais e sociais como hibridismos, identidade (FRIDMAN, 2010), negritude (GILROY, 1993; Ayoh'Omidire, 2005), antropofagia cultural e memória (POLLAK, 1989). Sendo estes conceitos, os balizadores que ajudaram a compreender os atravessamentos sociais, o fazer cultural e musical experienciados pelo artista aqui investigado.

Este estudo busca, portanto, compreender a amplitude e as nuances da obra do pianista, considerando sua capacidade de gerir a complexidade de sua herança cultural, ao mesmo tempo em que se insere e se destaca em palcos internacionais e plataformas digitais, potencializando admiração e contradições por meio de sua arte.

1 SANGUE NEGRO

“Sangue Negro” (2016) é o álbum de estreia de Amaro, lançado de forma independente e com a produção musical do pianista Rafael Vernet. Composto por seis faixas, o disco é a porta de entrada do pianista no chamado universo artístico autoral. Parte do álbum contém composições próprias. Algumas delas indicam sua relação com a cidade do Recife por meio de bairros e especificidades ligados a periferias da zona norte da cidade. Como exemplo, dessa relação temos as seguintes faixas: “Encruzilhada” e “Subindo o morro”. A última faixa leva o título do álbum. Em certo sentido, pode-se argumentar que esta é um “sinal” ou “premonição” do que viria a seguir, uma ponta solta que vai se desenvolvendo nos álbuns seguintes.

1.1 AMARO FREITAS É FRUTO DE UM RECIFE “JAZZIFICADO”

Esse capítulo será dedicado a demonstrar como a cidade de Recife, sendo ela um dos principais berços culturais do nordeste brasileiro, conseguiu e ainda consegue desenvolver vários trabalhos artísticos que têm o jazz como uma de suas fontes de inspiração. Entretanto, antes de iniciarmos a discussão sobre o fato de Amaro Freitas ser ou não fruto de um Recife “jazzificado”, gostaria de ambientá-los a respeito da origem do gênero jazz e sua chegada ao Brasil, sobretudo em Recife, capital do estado de Pernambuco.

O gênero surgiu em Nova Orleans, capital do estado de Luisiana, nos Estados Unidos. De acordo com o artigo "De Nova Orleans ao Brasil: o jazz no Mundo Atlântico", cuja autoria é de Petrônio Domingues, o jazz:

Foi da amálgama de estilos sonoros, do ragtime e do blues, acrescido da antiga tradição de *brass bands* (bandas musicais que seguiam em carroças e animavam de casamentos a funerais), que surgiu o jazz. Não há consenso de quando isso ocorreu exatamente. Marshall Stearns acredita que, antes de se usar o nome jazz, o gênero já existia sem nome próprio ou se confundia com outras formas musicais. Podemos, então, adotar a primeira década do século XX como a de nascimento e/ou consolidação do jazz; e o período de 1900 a 1920 como o de sua consagração como gênero específico nos Estados Unidos, sem falar de sua divulgação em outros países (DOMINGUES, 2020, p.173).

Além disso, é indicado por historiadores e sociólogos que o gênero em si emana principalmente da cultura negra norte-americana. Argumenta Domingues que, o jazz “ganhou força como um som eminentemente negro, associado à cultura da boemia de Nova Orleans. Não tardou, entretanto, para o jazz sair do “gueto”, cair no gosto de pessoas brancas e da “boa sociedade” [...]” (DOMINGUES, 2020, p. 173).

Dito isto, faz-se necessário destacar que o jazz é um gênero de origem negra que, ao longo de décadas, se expandiu por diversos estados norte-americanos, influenciando a indústria e cultura musical de todo aquele país.

Após sua expansão pelo seu país de origem e parte da Europa, sobretudo Paris, o jazz chega ao Brasil através do grupo Oito Batutas. Sob o comando de Pixinguinha, os Oito Batutas viajam em 1922 para Paris, entrando, através de outros grupos, em contato com o gênero. Neste caso, aponta Domingues:

Nessa temporada, o grupo – na França chamado de Les Batutas – apresentou- -se no *Shéhérazade*, *Chez Duque*, *La Réserve de Saint Cloud* [...]. A princípio, o repertório do grupo era formado somente por ritmos brasileiros – chorinhos, maxixes, sambas e outras músicas “indígenas” (Domingues, 2020, p. 172).

O autor continua:

O intercâmbio com a música norte-americana teria influenciado fortemente os Oito Batutas. Basta dizer que Pixinguinha voltou de Paris tocando saxofone e, sob o patrocínio de Arnaldo Guinle, o grupo encomendou uma bateria igualzinha à usada pelas bandas da terra de Tio Sam. Na “bagagem”, portanto, os Oito Batutas trouxeram novos instrumentos – saxofone, clarinete e trompete –, além do foxtrote, charleston, shimmy e outras novidades sonoras e dançantes ligadas à experiência jazzística. Três dias depois do retorno de Paris, os Oito Batutas realizaram um *show* na sede do aristocrático Jóquei Clube Brasileiro, no Rio de Janeiro, ocasião na qual o grupo teria exibido, pela primeira vez, o “gênero jazz-band”, o que começou a virar mania (DOMINGUES, 2020, p.172).

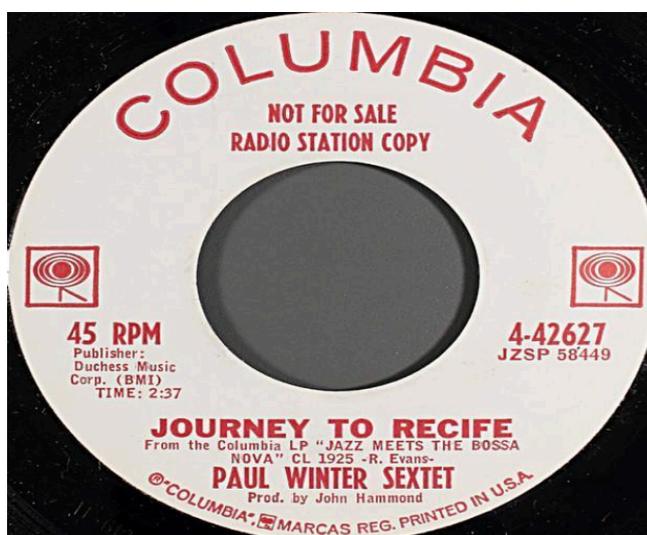
Após esses acontecimentos, o jazz adentra o Brasil, chegando em capitais como São Paulo, Rio de Janeiro entre outras. No Recife, há registros de que o gênero foi “importante” por um “grupo de jovens universitários que, sob o comando do compositor Capiba, formou em 1931 a Jazz-Band Acadêmica de Pernambuco (SALDANHA, apud DOMINGUES, 2020, p.185)”. Desse modo, Capiba também teve sua participação no que diz respeito à mistura do jazz com elementos da música pernambucana. O pesquisador Amilcar Bezerra, no artigo “O frevo e o jazz: parentesco, afinidades e diálogos possíveis”, destaca que:

O próprio Capiba, expoente maior entre os compositores de frevo-canção, foi integrante da Jazz-Band acadêmica, a primeira do gênero no Recife. Após a chegada do swing e a era das big bands, toda uma geração de maestros pernambucanos acabaria influenciada pelos arranjos de orquestras como a de Glenn Miller, com seus volumosos naipes de metais. (BEZERRA, 2021, s/p)

Em 1962, o Recife virou rota do jazz graças a um grupo que desembarcou em Pernambuco para conhecer mais sobre a música brasileira, berço da bossa nova. Esse grupo

era o *Paul Winter Sextet*, que protagonizava, como embaixador do Departamento de Estado norte-americano, uma turnê pela América do Sul, com 160 concertos em 23 países. Nesse período, um dos integrantes do grupo, o baixista Richard Evans, compôs uma música chamada “Journey to Recife”. Segundo Paulo Goethe (GOETHE, 2016), “a música em homenagem ao Recife abriu o lado A do vinil gravado ainda em 1962 no Rio de Janeiro e em Nova York, “Jazz Meets The Bossa Nova”, lançado pela Columbia Records, com produção de John Hammond”.

Figura 2 - Imagem do Vinil com a música *Journey to Recife*²



Fonte: Blog do Diário de Pernambuco.

Ainda tratando desse fato curioso e inédito, o jornal Diário de Pernambuco é uma das fontes que indicam que houve essa turnê em terras recifenses. Paulo Goethe (GOETHE, 2016) diz que : “No dia 1º de maio de 1962, em uma matéria perdida entre muitas outras na sua página 5 do primeiro caderno, o Diário de Pernambuco anunciava que o Paul Winter Sextet se apresentaria nos dias 22 e 23 de junho no Teatro de Santa Isabel conforme indica a figura a seguir”.

²

Disponível em: <https://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2016/03/16/o-recife-no-mapa-do-jazz/>. Acesso em 10 set. 2023.

Figura 3 - Notícia do sexteto no Diário de Pernambuco³



Fonte: Blog do Diário de Pernambuco.

A imagem acima seria uma das fontes que o autor se baseia para indicar com precisão documental o fato de que Recife foi uma das capitais que acompanhou a difusão do jazz pela América Latina, sobretudo no nordeste brasileiro. Em Pernambuco, grandes festivais tiveram o jazz e a música instrumental como parte de suas programações, alguns deles fora da grande Recife. Um dos principais e mais famosos é o Festival de Inverno de Garanhuns (FIG)⁴. A cidade de Garanhuns também é anfitriã do Festival de Jazz e Blues, que ocorre anualmente, recebendo atrações musicais e turistas do mundo todo durante o período carnavalesco, além desse, também temos o festival Jazz Porto⁵.

Além das regiões citadas acima, alguns dos municípios de Pernambuco que sediaram festivais de jazz são os de Gravatá e Triunfo. Outros festivais de música instrumental também

³ Disponível em: <https://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaedacao/2016/03/16/o-recife-no-mapa-do-jazz/>. Acesso em 10 set. 2023.

⁴ Com sua estreia em 1991, O FIG é um festival que ocorre (na cidade de Garanhuns, a 209 km de Recife) no agreste de Pernambuco. Ele reúne, em nove dias de evento, elementos da cultura nordestina e do restante do país, com shows, encenações teatrais e circenses, mostras audiovisuais e desfiles de moda. Anualmente, o festival conta com um gigantesco público e é considerado um dos mais bem sucedidos eventos do país, com palcos destinados a vários segmentos musicais.

⁵ O Festival de Jazz & Blues de Porto de Galinhas, acontece na região litorânea situada em Ipojuca-PE. Estreou em 2007, com o palco principal localizado no Restaurante Itaoca, Praça das Piscinas Naturais, Porto de Galinhas, Pernambuco.

ocorrem em Jaboatão dos Guarapes e Olinda (cidades que formam a região metropolitana do Recife).

Desse modo, podemos compreender que em Pernambuco existe uma efervescência cultural e de fomento artístico atrelado ao jazz. Recife, por ser a capital, concentra um maior fluxo da cena, potencializando e promovendo a cultura de um jazz recifense. Amaro Freitas é um dos frutos dessa efervescência cultural, tal como implica a figura abaixo.

Figura 4 - Parte da cena jazz de Recife em 2018⁶



Músicos pernambucanos reunidos em fotografia que remete ao Great Day in Harlem, em Nova York (Foto: Divulgação)

Em 2018, quase 30 músicos do estado se reuniram para uma fotografia que remete ao Great Day in Harlem, em Nova York - quando músicos que compunham o movimento jazzístico posaram juntos. Angelo Mongioli, os irmãos Fernando e Niltinho Rangel, Amaro Freitas, Henrique Albino, Miguel Mendes, Ítalo Sales, Marquinhos Diniz, Bráulio Araújo, Maestro Spok (que tem um frevo fundamentado na organização da big band norte-americana) e Alex Corezzi (fundador do Recife Jazz Festival) são alguns dos músicos presentes na fotografia.

Fonte: *Screenshot* retirado da página do jornal Diário de Pernambuco.

A partir de tudo que consegui coletar e acompanhar do pianista no período de 2016 a 2024, pude constatar que Amaro Freitas teve, na sua formação musical, uma trajetória muito similar ao da maioria dos jovens músicos de sua geração. Aqui me refiro ao acesso dos álbuns, artistas e teoria da música. Contudo, quero pontuar que ele era um garoto simples, de baixo poder econômico. Em suma, mais um garoto pobre do morro de Nova Descoberta (Bairro do Recife), com baixíssimos indicativos de se destacar como um gênio do piano, sobretudo do jazz. Entretanto, como pontua Elias (1995, p. 54),

O dom especial – ou como se dizia no tempo de Mozart, o ‘gênio’ que uma pessoa tem, mas não é – em si mesmo constitui um dos elementos determinantes de seu

⁶ Disponível em:

<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2020/10/selo-musical-de-jazz-em-pernambuco-quer-fomentar-lancamentos-e-pesquis.html>. Acesso em 22 abr. 2023

destino social, e, neste sentido, é um fato social, assim como os dons simples de uma pessoa sem gênio.

Como demonstram os exemplos anteriores, o jazz está em terras pernambucanas há mais de seis décadas. Ao longo desse tempo, influenciou trabalhos e artistas que serão, a partir desse momento, a tônica deste trabalho. Nos anos 1970, por exemplo, o sanfoneiro pernambucano Dominginhos, figura bastante representativa no cenário do forró, também teve sua cota de contribuição no cenário do jazz nacional, dividindo palco e construindo parcerias com diversos “artistas improvisadores”, a exemplo de Hermeto Pascoal. Domingos, como também era chamado, participou do II Festival Internacional de Jazz em São Paulo na década de 1980, do Free Jazz em 1987, entre outros. Sua atuação no cenário do jazz nacional não foi de um período apenas, mas se entendeu até os últimos anos de sua carreira: em 2011, ele dividiu o palco com a Orquestra Jazz Sinfônica.

Nessa esteira, podemos também citar o grupo chamado Contrabanda. Grupo instrumental pernambucano, a Contrabanda vem atuando desde 1987 em casas noturnas, festivais e eventos diversos em Recife e outras cidades da região. O seu primeiro álbum, “Summertime”, lançado em 1995, contém uma mistura de clássicos do jazz, bossa-nova, MPB e canções autorais. Desse modo, temos provas de que a influência do jazz se faz presente em Recife desde os tempos passados. Esta influência abocanhou outros gêneros reconhecidos como legitimamente pernambucanos.

Por um lado, através desse encontro entre diferentes culturas, os músicos e artistas pernambucanos contribuem com a renovação do gênero jazz. Por outro, essa renovação é uma via de mão dupla, ou seja, alcança gêneros e movimentos culturais oriundos de Pernambuco também. Portanto, em um cenário globalizado “os fluxos culturais também adquirem dinâmicas que passam a concorrer com os controles do estado-nação, redefinindo as possibilidades de filiações culturais de seus habitantes” (HOBSBAWN, apud. NICOLAU NETTO, 2012 p. 109).

Em Recife, não é muito difícil se deparar com nomes de grupo ou artistas que circulam ou registram trabalhos que flertam de alguma maneira com a temática ou a nomenclatura jazz. Grupos como Sertão jazz⁷ e o Trio Corjazz, que assinam juntos o projeto

⁷ É um quinteto formado por estudantes e ex-estudantes do Conservatório Pernambucano de Música. O grupo transita entre a música regional do Nordeste brasileiro e o Jazz, tendo como referência compositores como: John Coltrane, Charlie Parker, Dominginhos, Hermeto Pascoal, Sivuca e Chico Buarque.

“Nosjazztinos”⁸, seriam apenas um recorte daquilo que se pode achar no meio de uma prateleira de produtos musicais recifenses.

Ainda que o gênero não esteja na raiz de uma cultura muito recorrente nos bairros de Recife e região metropolitana, sua temática faz parte de uma proposta que faz pensar, produzir e experimentar a música instrumental em suas mais variadas funções. Por isso, laboratórios de estudos em jazz e/ou espaços para *jam sessions* fazem parte da cidade desde o início dos anos 2000, tanto as oferecidas pelos cursos de formações musicais do Conservatório Pernambucano de Música, bem como o Centro de Criatividade Musical do Recife (atual Escola Técnica Estadual de Criatividade Musical).

No mesmo período, eram comuns as apresentações de música instrumental em frente às lojas de instrumentos musicais (uma das principais era a Band Music) localizadas na Rua da Concórdia, que está localizada entre os bairros de Santo Antônio e São José no Recife.

Além desse exemplo, temos o do projeto “Jazz lá em casa”, ou casos mais recentes, tais como a parceria entre o Casbah (bar situado em Olinda) e o multi-instrumentista Henrique Albino: uma vez por mês, o músico comanda a Albino’s jam, encontro que reúne músicos e amantes do jazz num encontro voltado à música instrumental (ou não) experimental e improvisada, realizado entre os anos de 2019 e 2022.

Como resultado do agito provocado por essa cena, a revista digital Leia Já⁹ apresentou, em 2020, uma lista de locais para que os admiradores e curiosos do gênero pudessem apreciá-lo em casas noturnas, bares e restaurantes, listando, por conseguinte, nomes de artistas e grupos que ocuparam esses espaços durante os períodos de 2018 a 2020.

Nesse sentido, é possível concordar com o trabalho “A Reinvenção Musical do Nordeste”, de Felipe Trotta:

A música é uma forma de organização do tempo, com profundos desdobramentos simbólicos nas formas de organização temporal da sociedade. Como modo de sentir e expressar o tempo, fazer música e participar de uma experiência musical representa compartilhar maneiras de ser e estar coletivamente, moldando modos de pensar e viver. Enquanto forma cultural que ocorre no tempo, a música manifesta uma relação direta com a própria vida, que também ocorre no tempo, separando a existência em tempos fortes e tempos fracos, padrões rítmicos, melódicos, harmônicos e convenções culturais. (TROTTA, 2010, p. 11).

⁸ Trata-se de um projeto coletivo e pernambucano, que contempla sobretudo os ritmos brasileiros, especialmente os de Pernambuco, com o sotaque jazzístico.

⁹ Disponível em: <https://www.leiaja.com/cultura/2020/03/03/onde-ver-e-ouvir-jazz-no-recife/>. Acesso em: 6 abr. 2023.

Os exemplos citados acima indicam que os músicos da capital de Pernambuco, bem como de sua região metropolitana, veem no jazz uma fonte capaz de se adequar às muitas manifestações artísticas locais. Essa questão é um indicativo do quanto é evidente a força do gênero na cidade. Nesse sentido, as diversas intervenções e programações mostram que é possível ouvir jazz o ano todo e em espaços distintos.

Reitera-se então que, na terra do frevo e maracatu, há espaço tanto para o jazz mais tradicional (intitulado *standard*), quanto para as correntes mais contemporâneas do gênero. Além disso, há também muitos produtos fonográficos relacionados ao gênero que foram sendo lançados por quase duas décadas. Desse modo, a partir daqui, nos dedicaremos a apresentar quais são os trabalhos e artistas que contribuíram e contribuem para o fortalecimento dessa cena por meio de lançamentos musicais.

Um dos nomes é o trompetista Fabinho Costa, que lançou, em 2007, seu debute “Fabinho Costa Performance”. O músico é um dos mais experientes músicos de sua geração, possuindo cadeira na banda sinfônica do Recife, e presente em diversos trabalhos (gravações em estúdio e festivais) no Brasil e festivais de jazz mundo afora.

No ano de 2015, o baterista Daniel Podsk estreou como músico independente, lançando o álbum de estreia “Relembrando PE”. Neste trabalho, Podsk mistura gêneros pernambucanos com o jazz norte-americano. Vale ressaltar que, Amaro Freitas, cerne do presente trabalho, compunha o time que gravou esse álbum. Um ano antes de lançar-se como artista independente com o “Sangue Negro”, Freitas participou da turnê de lançamento de Podsk.

Por fim, o guitarrista recifense Ítalo Sales, lançou em 2017 o disco “Dorsal”. O álbum não só o levou a participar do Savassi Jazz Festival daquele ano, na categoria Novos Talentos do Jazz, como se destacou por ganhar menção honrosa no referido evento. Estreado em 2003, o festival acontece anualmente na cidade de Belo Horizonte-MG, e é um dos mais respeitados do país.

Dando seguimento a essa curta lista de músicos e artistas que de alguma maneira contribuem para o fomento cultural da cidade, destaco que Recife tem seu próprio selo de jazz, o *Boa Vista Jazz Records*. Criado em 2020, o selo tem como objetivo fomentar lançamentos no campo musical e pesquisas sobre o gênero. Em um curto período após ser estreado, o selo lançou alguns álbuns, são eles: “Angelo Mongiovi Trio” (2020), “Luciano Magno Solo” (2021)¹⁰, “Música Tronxa de Henrique Albino” (2021) e o último lançamento

¹⁰ Apesar de citar apenas esse álbum como exemplo, quero deixar registrado que Luciano é um dos guitarristas mais ativos na cena instrumental pernambucana. Em 2000, lançou seu primeiro álbum cujo título é “Liberdade”.

chamado “Grammelot” (2022). Todos esses trabalhos dialogam diretamente com o gênero em questão, visando o improviso e destacando o hibridismo presentes nas composições e performances.

Para fechar essa conta, e não limitando o texto a apenas grupos instrumentais, ainda é possível citar a cantora recifense Cláudia Beija com o seu projeto de jazz autoral, o EP “Cláudia Beija and The Oldies” (2021), de Arthur Philipe Quinteto, e o grupo de jazz “Clave de Fá”. Embora não aprofundados, os poucos exemplos demonstrados até o momento dão a entender que em Recife, há uma forte tendência que se impõe através do jazz. Seja nas produções já citadas, ou em eventos como o “Panela do jazz”¹¹, “Esquina do jazz”¹² e “Recife Jazz Festival”¹³, o gênero é uma realidade vivenciada por muitos admiradores.

Entre os anos de 2018 e 2019, com a ajuda de professores e alguns colegas estudantes/graduandos dos cursos de cinema e rádio e TV, realizei o documentário “Cena Jazz”. O curta-metragem mostra, através de um recorte temporal (últimos cinco anos daquele período), as relações musicais representadas por uma cena de jovens músicos recifenses de jazz, que contribuíram com suas performances e composições para disseminação do gênero por bares e restaurantes da cidade. Tendo em vista que os personagens do filme fazem parte de uma “linhagem” mais contemporânea, na maioria dos casos esses músicos faziam parte da mesma geração do pianista Amaro, que concedeu entrevista para o curta-metragem.

Como consequência desses processos, temos diversos subgêneros locais, aos quais podemos categorizar de baião-jazz, frevo-jazz. Além disso, o maracatu ganha também uma linguagem jazzística no meio artístico e em apresentações de música instrumental. Quando proponho pensar em um Recife *jazzificado*, a ideia central não é lançar juízo de valor estético sobre as mais variadas manifestações artísticas, mas sim refletir sobre uma cidade que produz música diversificada e com uma enorme carga multicultural. Como afirma Sá Júnior,

O termo “multiculturalismo” pode ser compreendido em dois sentidos distintos, não obstante relacionados entre si: como fato social e como teoria normativa. O primeiro

Desde 2003 contribuí ativamente junto ao trio Sotaque, que é um trio de música instrumental de Pernambuco, que perpassa por gêneros como frevo, baião, choro e jazz.

¹¹Festival de Música Instrumental originalmente realizado no Poço da Panela, bairro do Recife. Tem o intuito de fortalecer o cenário da música instrumental popular de Pernambuco e através desta ação valorizar a diversidade existente na cena musical da cultura popular brasileira.

¹²O Esquina do Jazz foi um evento que reunia gastronomia e um grupo de jazz tocando na calçada semanalmente no Bairro de Setúbal no Recife. O cachê dos músicos viam por meio da colaboração entre *food trucks* que participavam do evento. Tudo era realizado na rua mesmo, gratuito e com acesso liberado para os mais diversos públicos.

¹³O Recife Jazz Festival é um dos mais tradicionais e conhecidos da cidade do Recife, anualmente trazia aos palcos atrações do Jazz mundial, além de representantes locais da música instrumental.

sentido refere-se ao fato de a maior parte das sociedades políticas contemporâneas se destacarem pela diversidade cultural características de suas populações, isto é, pela existência de cidadãos não apenas com origens culturais distintas, mas também com reivindicações conflitantes e não raras vezes inconciliáveis, em razão deste fato, a respeito de recursos sociais escassos passíveis de distribuição - como renda, riqueza, oportunidades educacionais e ocupacionais – e bens imateriais ou simbólicos [...] (SÁ JÚNIOR, 2019, p. 18).

Dito isto, podemos ter em mente que Amaro Freitas, pianista aqui analisado, se deparou com diversas referências locais ao longo de sua trajetória musical. Entretanto, não eram os *standards* clássicos de jazz. De acordo com a entrevista concedida ao colunista da UOL¹⁴, Fred Di Giacomo, em 2020, o pianista relembra o fato de que na sua infância era comum ouvir muitos bregas que vinham de casas vizinhas. Já em sua casa, era comum ouvir “louvores” (termo utilizado em músicas do movimento gospel nacional) por conta de seus pais evangélicos. “Acho que a igreja tem uma coisa do lirismo no sentido da adoração, até um pouco embranquecida, muito europeia. Muitos cantores do brega vêm dessa igreja. Diz Amaro.”¹⁵

No ano de 2017, o músico concedeu uma entrevista ao programa “No Balaio”, programa transmitido pela TV Pernambuco. Em seu relato, o pianista disse que começou tocando bateria na igreja a qual congregava com a família. Por sugestão de seu pai, músico multi-instrumentista desta mesma igreja, teve que trocar de instrumento (nesse caso o teclado). “Eu achava muito difícil (se referindo ao teclado) mas eu fui tomando gosto pela coisa, e hoje acaba sendo o meu instrumento de trabalho (No Balaio [...] 2017)”¹⁶.

No decorrer da entrevista, o músico relata que recebeu de presente um DVD de jazz do famoso pianista estadunidense Chick Corea, ainda na adolescência, por volta dos 15 anos. Pelo virtuosismo e capacidade técnica extraída do instrumento, a performance de Corea lhe chamou muita atenção. Ao entrar em contato com essa obra, o jovem pianista percorre por esse caminho mais “jazzificado” da música.

¹⁴ O UOL é uma das empresas pioneiras da internet no Brasil. Surgiu em 1996 como o primeiro portal de conteúdo no país. A companhia também ajudou a popularizar o acesso à web no país, sendo um dos primeiros provedores, ainda na época da conexão discada. Diariamente fornece notícias na área de esporte, tecnologia, lazer e cultura em seu site.

¹⁵ Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/05/21/amaro-freitas-o-genio-do-piano-que-o-estado-brasileiro-nao-matou.htm>. Acesso: 05 mai. 2023

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zR2AExbxB-A>. Acesso: 05 mai. 2023

Figura 5 - Amaro na adolescência¹⁷

Fonte: *Screenshot* retirado do site da UOL.

É válido ressaltar que uma das principais questões que rodeiam a trajetória de Amaro Freitas tem a ver com sua saída da igreja, que se deu justamente pelo fato do pianista não mais se adequar aos dogmas estabelecidos pela liderança da instituição religiosa à qual ele prestava serviços como músico do grupo de louvor. O pianista chega a dizer na entrevista concedida ao UOL: “Eu falei pro presbítero da igreja que estava trabalhando com música. E ele disse: 'Mas, irmão, você não quer trabalhar como eletricitista, não?' E eu tinha passado uma vida no teclado, nunca tinha mexido com energia” (Fred Di Giacomo, 2020).

Após romper com a igreja, Amaro costura sua trajetória a partir de outras fontes. Dessa maneira, a descoberta catalisado por Chick Corea o instigou a ingressar e ter uma jornada de apenas seis meses no Conservatório Pernambucano de Música (CPM). Dito isto, é válido considerar que ao se aprofundar nos estudos de teoria musical, bem como na história música pernambucana/brasileira e do jazz norte americano, Amaro Freitas pôde olhar para

¹⁷ Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/05/21/amaro-freitas-o-genio-do-piano-que-o-estado-brasileiro-nao-matou.htm>. Acesso em: 05 mai. 2023.

novos horizontes referentes a valores estéticos no campo das sonoridades, ritmos, melodias e harmonias.

Nesse sentido, destaco algumas das referências importantes nesse processo, das quais ele cita durante sua entrevista ao programa “No balaio”. São elas: o sanfoneiro Dominginhos e o maestro Spok. Dominginhos apresenta recursos suficientes para ser uma fonte de inspiração para Amaro. O sanfoneiro pernambucano foi um músico que rompeu as barreiras entre o popular e o erudito. Sua sanfona, de tal modo, serviu tanto ao mundo do baião e do xote, quanto do choro e do jazz. O improvisado, bem como a utilização de músicos jazzistas para compor suas apresentações, foi com toda a certeza um de seus maiores trunfos enquanto artista. Essa influência do sanfoneiro se mostra ainda mais evidente no segundo álbum de Amaro, o “Rasif”, tema que irei tratar no segundo capítulo.

Já no caso do Maestro Spok, não somente a estética musical (do jazz) foi reverenciada, mas também a projeção que o projeto “Spok Frevo Orquestra” teve em território nacional e internacional. O grupo foi pioneiro ao aliar uma sonoridade mais moderna de frevo com um virtuosismo técnico, fazendo com que músicos e críticos musicais ficassem surpresos, como relatou Amílcar Bezerra: “A maior parte da crítica nacional o acolheu como um bem-vindo sopro de renovação, projetando o gênero local para além do debate provinciano entre tradição x modernidade. Por este ponto de vista, entre o frevo e o jazz haveria mais afinidades do que diferenças irreconciliáveis” (BEZERRA, 2021, s/p).

Pelos exemplos e referências já citadas, a proposta musical do jovem Amaro Freitas – formar um trio e gravar um disco – não foi, de modo algum, uma ideia fora da caixa naquele momento. Tratava-se de mais um estudante de música engajado a partir das mesmas referências que outros jovens estudantes. Logo, não é exagero considerar o fato de que os jovens músicos do Recife daquele período também foram atraídos pela música instrumental, passaram por um aprimoramento técnico em seus instrumentos, e como consequência, formaram um trio ou quarteto para demonstrar essa força em caráter experimental, contexto que a música instrumental e o jazz de forma geral proporcionam.

A escolha dos músicos para gravação do álbum “Sangue Negro” seguiu um fluxo condizente a seu tempo, própria da sua relação com a música instrumental em Recife. Dito isto, vale pontuar que o artista sempre esteve presente e bastante engajado nos eventos de jazz que ocorriam na cidade, construindo diversas parcerias musicais do norte ao sul da cidade.

Amaro tocava por variados bares, restaurantes, festivais e eventos de rua, alguns inclusive promovidos por ele mesmo, como podemos ver nas figuras¹⁸ 6 e 7 logo a seguir :

Figura 6 - Amaro faz convite



Fonte: *screenshot* do Facebook de Amaro Freitas.

Figura 7 - Amaro no Esquina do Jazz

¹⁸A figura 6 é um Print retirado do facebook de Amaro Freitas, o pianista faz um convite para uma *jam session* em Casa Amarela - zona norte do Recife. Já na figura 05, Amaro Freitas toca na esquina do jazz junto a mim na bateria e mais um baixista, conhecido como Del Lima. O evento era realizado semanalmente no bairro de Setúbal, zona sul do Recife. Disponível em: <https://www.facebook.com/AmaroFreitaspiano/> e acervo pessoal do autor. Acesso em: 13 abr. 2023.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Por meio desses dados, podemos considerar que Amaro estava bem inserido na cena instrumental da cidade, contribuindo com ela. Toda semana, dividia palcos com diversos musicistas. Logo, o pianista possuía muitas e boas opções para escolher quem iria somar com ele em um trabalho autoral. No meio do percurso, Freitas já tinha à disposição não somente músicos parceiros, mas produtores audiovisuais, como é o caso de Luara Olívia e João Vicente, responsáveis pela produção de imagens fotográficas e também de vídeos. Com recursos midiáticos em mãos, o pianista construiu pontes importantes: uma delas é o acesso a canais de televisão locais, a exemplo da TV Pernambuco, onde o pianista esteve entre os anos de 2017 e 2019, participando em programas como “TVPE no ar” e “No Balaio”, divulgando o seu álbum.

Além desses exemplos, Amaro sempre esteve atento quanto a conceder entrevistas em eventos musicais e materiais audiovisuais, inclusive documentários, como é o caso do filme *Cena Jazz*. Ele chegou a dizer nos bastidores do documentário que essa parceria com os meios de comunicação deveria ser bem explorada. Inclusive ele mesmo entrevistou outros artistas para complementar a programação do TVPE no AR no ano de 2019, uma contrapartida do músico que já tinha sido entrevistado antes. Esse era um acordo recorrente entre as partes envolvidas na programação da TV.

Além disso, ainda houve uma entrevista concedida ao *Jornal do Commercio* (como analisaremos adiante) no ano de estreia do álbum “Sangue Negro”. Para um artista de jazz autoral/local, em início de carreira, ter uma estreia tão bem aproveitada midiaticamente fez toda a diferença.

Amaro foi construindo sua trajetória para além da bolha da música instrumental, expandiu seus contatos, colocou-se como disponível e acessível. Sua forma de gerenciar o próprio trabalho autoral gerou frutos e debates importantes quanto ao hibridismo da música pernambucana e o jazz, renovação de repertórios e um novo momento da música recifense.

Dos músicos que lhe acompanharam na gravação, dois foram bastante importantes para sua formação artística. O primeiro deles é o baixista Jean Elton: o músico é uma figura que está relacionado com a cena de jazz na cidade há dez anos mais que Amaro, e pertence portanto a uma geração anterior a do pianista. Em Recife, Elton é uma das principais referências no instrumento. Foi companheiro de Amaro quando o mesmo tocava semanalmente no Restaurante Mingus¹⁹, tanto em dueto como com outros músicos. Na figura 8, no canto inferior da foto, vemos Amaro e Jean trabalhando juntos na gravação e turnê do disco “Relembrando PE” do baterista pernambucano Daniel Podsk.

Figura 8 - Amaro no Daniel Podsk Quartet²⁰



Fonte: Revista O Grito.

A parceria com o baixista lhe rendeu uma troca de experiência bastante significativa, indo desde suporte adequado nas regiões mais graves do piano sem comprometer a função do baixo até a utilizar boas funções harmônicas de maneira equivalente e dinâmica entre a mão esquerda e a mão direita.

¹⁹ Inaugurado no ano de 2001 e localizado em Boa Viagem-Recife, o restaurante Mingus aposta no dueto entre o jazz e a alta gastronomia, se tornou referência em gastronomia contemporânea e música instrumental. Leva o sobrenome do contrabaixista e compositor Charles Mingus. O restaurante também é um espaço que ao longo de sua existência trouxe artistas diversos do mundo jazz, nacional e internacional.

²⁰ Amaro Freitas em foto divulgação do trabalho de Daniel Podsk em frente ao restaurante Mingus em Boa Viagem. Disponível em: <https://www.revistaogrito.com/o-que-eu-descobri-daniel-podsk-quartet-lanca-o-disco-relembrando-pe/>. Acesso em: 07 mar. 2023.

O segundo exemplo é o do baterista Hugo Medeiros. O músico é professor de bateria do Conservatório Pernambucano de Música (CPM). Bastante experiente, tem uma carreira conhecida por “subverter” a música instrumental mais tradicional, inclusive o jazz. O baterista é um dos nomes remanescentes do projeto "Jazz lá em casa", um dos projetos pioneiros em trazer uma nova roupagem aos stands jazzísticos executados na cidade, reforçando características mais contemporâneas e experimentais. No começo de sua carreira, e durante sua participação em alguns eventos, um deles o Esquina do Jazz, Amaro costumava dizer que Hugo era o músico mais matemático que ele conhecia, dada a sua maneira de lidar com compassos mais complexos e composições que flertam com polirritmias.

Em entrevista concedida ao Jornal do Commercio em 2016²¹, o pianista relata que, ao procurar por um baterista de jazz, indicaram Hugo. "Me falaram: ‘tem um doido do Conservatório que faz umas músicas em (compasso) 7/8 e 6/4’. Eu queria gravar uns standards com ele, mas ele disse: ‘Mermão, eu não vou gravar standard que todo mundo já gravou, mas se for pra tocar suas músicas eu quero’” (Jornal do Commercio, 2016, s/p). Essa implicância do baterista incentivou as composições, relatou Amaro na entrevista.

Em resposta a uma pergunta feita por mim em 2021 durante uma oficina online relacionada ao processo criativo de seus três álbuns, promovido pela Petrobras²², o pianista disse que Hugo vivia lhe desafiando o tempo todo ritmicamente falando, e isso lhe servia como engajamento para seguir estudando e evoluindo.

Levando em consideração todo esse contexto, é justo considerar o fato de que Amaro Freitas é fruto de uma rede de músicos engajados em manter uma cena de jazz viva na capital pernambucana. Logo, o pianista propôs uma nova fórmula junto com outros músicos da mesma geração, sobre a qual comentou em entrevista ao Jornal do Commercio:

Eu vejo muito como um processo natural das pessoas, dos novos músicos [...]. A gente compõe frevo, compõe samba naturalmente e sem ser da mesma forma, entende? A gente pensa no jazz – me refiro a essa nova cena com Hugo Medeiros, Jean Elton, Henrique Albino, Ítalo Sales – e é diferente, já se renovou. E acredito que as próximas gerações também vão vir com novas perspectivas. (Jornal do Commercio, 2016, s/p)²³

²¹ Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2016/11/29/amaro-freitas-renova-estruturas-do-jazz-em-s-angue-negro-262003.php>. Acesso em 20 abr. 2023.

²² Oficina Petrobras “O jazz autoral: influências, processos e criações”, com Amaro Freitas.

²³ Jornal Do Commercio. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2016/11/29/amaro-freitas-renova-estruturas-do-jazz-em-s-angue-negro-262003.php>. acesso 02 de maio de 2023

Em 2028, durante sua participação no Festival Aurora Instrumental²⁴, o pianista diz em entrevista (transmitida no Youtube) que o projeto "Amaro Freitas" é a ciência dos três, se referindo a sua parceria com os dois músicos citados.

No primeiro momento, a produção do debute passou despercebida por muitos, até que descobrimos que quem iria produzir era o conceituado pianista Rafael Vernet, cuja contribuição ao álbum de estreia de Freitas trataremos de mostrar. “Sangue Negro” é um álbum renovador, se levarmos em consideração sua estética sonora e musical, sobretudo no que diz respeito à ressignificação do piano e jazz local. Nesse sentido, o piano e a sua relação com o jazz e o frevo pernambucano é o tema que será explorado no próximo tópico.

1.2 O PIANO ENTRE O FREVO E O JAZZ

O piano é um instrumento cuja participação teve certo lugar de destaque quando o relacionamos com inúmeros pianistas negros que contribuíram com o *ragtime* e o *boogie-woogie* (modalidade derivada do blues e sub categoria do jazz). Como exemplo, temos os pianistas Pinetop Smith, pianista e compositor norte-americano, eternizado no *Alabama Jazz Hall of Fame*²⁵, seguido por Cow Cow Davenport, cantor, pianista e um dos pioneiros do gênero. Até chegar ao embrionário jazz concebido em Louisiana, o piano teve inserção um tanto acanhada. Apesar disso, foi ganhando espaço conforme o gênero se desenvolvia em suas primeiras décadas de existência, consolidação e difusão.

A forma como os pianistas tocavam o instrumento seguiu se aprimorando. Novos estilos surgiram e tiveram que reinventar formas de execução e adequação (técnica), sempre atrelada a uma forma mais solta e “apropriada” de tocar. Ainda que sofrendo algumas contradições no início, como o autor Rex Harris indica em sua obra chamada “*Jazz*” no capítulo VIII, intitulado “O Jazz de Piano”, ele destaca que:

Poder-se-á ver neste título uma contradição de termos, considerando que a introdução do piano no jazz foi tão tardia que melhor seria designá-lo como “ragtime de piano” em obediência às suas verdadeiras origens. Já em 1927, R.W. S. Mendl afirmava: “Não pode tocar-se música de jazz num solo de piano: se executar música de dança sincopada ao piano é ragtime e não jazz. Só se torna jazz quando tocado por uma orquestra de jazz” (HARRIS, Rex, 1952, p. 177).

²⁴ Festival que nasceu no Recife, no ano de 2018. É um espaço de apreciação e experimentação da música instrumental com artistas de diversas gerações e de diversas cidades do Estado de Pernambuco.

²⁵ O Alabama Jazz Hall of Fame foi fundado em 1978. A instituição é um arquivo e museu dedicado a preservar e homenagear as realizações dos alabamianos na história do jazz.

Antes de se difundir em Recife, a história do jazz teve seu momento de dissipação pelo Rio de Janeiro. Por lá, passou por um processo híbrido bastante significativo junto ao samba. Por meio das muitas mudanças derivadas da relação com o jazz, o samba foi ganhando nova roupagem, novos espaços e se modificou ao ponto de ter recebido uma nova forma, surgia assim o "Sambajazz".

Fica evidente que foi através de alguns desdobramentos que o jazz ganhou força em terras cariocas, fomentando eventos e diversas programações em veículos de comunicação. Nesse sentido, é importante considerar que, como aponta Saraiva, a

“música popular americana [...], muito tocada no meio do repertório eclético dos “conjuntos de boite”, e também em programas de rádio, discos e filmes, começou a ganhar exclusividade nas chamadas “jam sessions” que se propagam pela cidade, e em festivais e concertos de jazz.” (SARAIVA, 2007, p.36).

O jazz influenciou bastante a forma de se fazer samba no Rio de Janeiro, mas antes mesmo de surgir o formato ou termo *samba jazz* entre os anos de 1950 e 1960, o samba já tinha passado por modernizações e nomenclaturas que sinalizava o diálogo entre diferentes ritmos, pontua a autora Joana M. Saraiva em sua dissertação a “Invenção do Sambajazz”²⁶.

O piano, através de alguns músicos da época, exerceu um papel fundamental referente ao processo de modernização e hibridação entre o samba e o jazz. As noites cariocas passaram por transformações referentes ao consumo, apreciação e performances de música instrumental. De maneira geral, o jazz é uma das principais vias de 'sofisticação', demonstração e fortalecimento do preciosismo técnico. Logo, o gênero passou a ser o principal motor das noites badaladas no Rio e Janeiro, conforme nos conta Saraiva:

Apesar de pequena em tamanho físico, a casa do Barão von Stuckart, apresentava a excelente orquestra de negros importados dos EUA e, como outra marca registrada, o piano suave de Sacha Rubin [...]. Revezavam com o pianista Sacha Rubin o conjunto da casa com Moacyr Silva no sax tenor, Fats Elpidio ao piano e Maurício no piston. [...] Muitos outros músicos por lá passaram, como Chaim Lewack, Zé Maria, diversos outros músicos, como João Donato Maurício Einhorn, João Gilberto, Carlos Lyra, Luis Eça, Dural Ferreira, Milton Banana, frequentadores das “jam sessions” que variam a madrugada. “Fomos ver o bar do Plaza, com Johnny Alf e seu conjunto moderno [...] a freguesia é a mais jovem do Rio e, em sua maioria, toma cuba livre”. Como escreve também Ruy Castro, “no pequeno espaço do Plaza tocava-se de tudo e do jeito que os músicos quisessem, porque seus poucos frequentadores eram outros músicos ou jovens que gostavam de jazz e de tudo que fosse moderno” (CASTRO, 1990, p. 192 apud SARAIVA, 2007, p. 25-26).

²⁶ Subtítulo da dissertação: “Discursos sobre a cena musical de Copacabana no final dos anos de 1950 e início dos anos 1960”.

Pode-se dizer que o samba carioca, bem como parte dos músicos do Rio de Janeiro, passaram, naquele momento (entre 1950 e 1960), por uma transformação estética fomentada pela cultura do jazz, assim como ocorreu no Recife dos anos 2000, 2010 até o presente momento, como aponta a primeira parte deste capítulo.

Essa questão é tão séria que não é de se espantar o fato de que tanto no Recife como em sua região metropolitana é possível se deparar com músicos (a maioria deles pianistas) chamarem de jazz as músicas pops tocadas em redes de churrascarias e pizzarias espalhadas pelos shoppings e por alguns bairros mais centrais da cidade. Como exemplo desse fato, temos os pianistas contratados pelas redes da Pizzaria Atlântico: como parte do repertório das performances "jazzísticas", estão músicas *pops* internacionais dos anos 1980, e em alguns casos até música gospel estão no repertório, demonstrando que o sotaque do jazz está enraizado nas muitas composições e releituras realizadas por músicos recifenses.

No Brasil (especialmente no Rio de Janeiro) do anos 1960, o movimento conhecido por pilantragem²⁷ foi alvo de muitas críticas (boas e ruins) por protagonizar a “banalização” do jazz junto ao universo pop, como aponta o historiador Gustavo Alonso.

A Pilantragem, diferente da Jovem Guarda, era feita por músicos experientes e profissionalizados, e as levadas jazzísticas eram incorporadas a essas canções banais. E não se pode esquecer as referências presentes nas harmonias, que davam novos ares às composições simples. Na introdução de "Mamãe passou açúcar em mim" [gravada por Wilson Simonal,] há uma clara referência pop ao tema da série Peter Gunn, sucesso da televisão americana composto pelo jazzista Henry Mancini. (ALONSO, 2011, p. 44).

Levando em consideração a sua identidade local, um dos primeiros gêneros que Amaro evidencia, ao se apropriar do jazz através do piano, é o frevo. Sendo assim, pretendo apresentar daqui para frente a relação do pianista com esses dois gêneros, argumentando que parte de suas composições se utiliza dessas duas fontes. Considerando o fato de que a carreira inicial do artista está entre o frevo e o jazz, o trabalho apresenta a relação e similaridades entre os dois gêneros na obra do artista.

As faixas “Encruzilhada” e “Subindo o morro”, do álbum “Sangue negro”, apresentam em sua estrutura rítmica e harmônica uma identidade sonora que representa duas culturas de origem negras distintas, nesse caso, o frevo e o jazz. O frevo faz jus ao desdobramento histórico/social no contexto da música pernambucana, que tem na percussão e na dança um dos principais balizadores entre as composições populares. Tal como aponta o livro "Arte e

²⁷ A pilantragem é um gênero que surgiu no Brasil dos anos 60, tem como principais protagonistas o cantor Wilson Simonal e Carlos Imperial, o gênero recebeu uma grande influência no jazz americano e no boogaloo latino.

Espiritualidade – o cristão e a cultura brasileira”, essa relação pode ser vista não só em Pernambuco, mas em diversos territórios brasileiros.

Desde as origens de sua presença no contexto brasileiro, a expressão artística mais típica da população negra foi o registro de suas danças e expressões performáticas fortemente comunitárias por curiosos observadores europeus. Por não poderem cultivar livremente artefatos plásticos que remeteram a suas origens africanas, o imaginário estético dos negros brasileiros se manifestava sobretudo em performances e atos corporais comunitários, sendo os registros de tal expressão quase sempre vinculados ao olhar etnocêntrico de observadores europeus distantes das sensibilidades e gostos estéticos dos negros. O maior exemplo de tais registros se dá em relação às danças e aos batuques negros que estão por trás de grande parte de nossa cadência e ritmo musical contemporâneo. (Amorim; Almeida; Lago, 2022, p. 515).

O autor Luis Carlos Friedman afirma que o historiador Eric Hobsbawm destaca o fato de que o jazz carrega consigo a expressão de raízes culturais populares. Seguindo essa linha, argumenta o autor: “ao contrário de Adorno, os estudos e a vivência de Hobsbawm nos ambientes jazzísticos realçam a expansão das fronteiras da música popular e novas formas de ‘erudição’, dessa vez acessíveis à massa dos subalternos” (FRIEDMAN, 2020, p.01).

Não apenas o jazz passa por essas transformações a partir de eventos externos e contextos populares massivos, mas o frevo também, como aponta a pesquisa de Ítalo Sales:

O jornalista José Teles reforça esta hipótese ao concluir que haveria uma ampla rede de influências “externas” movendo músicos e compositores na música do frevo pernambucano em meados do séc. XX. Em seu livro *Do Frevo ao Mangubeat*, Teles afirma que, embora famosos por seus frevos, Capiba e Nelson Ferreira almejavam produzir obras em outros formatos, e que “ambos faziam questão de ressaltar que o frevo era música circunstancial, feita para o carnaval” (TELES, 2012: 75). Neste processo de desassociação de uma única linguagem, os compositores teriam realizado gravações de obras pertencentes a outros gêneros musicais, como o LP *Sambas de Capiba, Valsas de Nelson Ferreira, Aula de Ballet* (onde Nelson Ferreira interpreta peças de Tchaikóvski ao piano), *Pastoril* (produzido pelos Irmãos Valença, com direção musical de Nelson Ferreira), e *A Formiguinha Valente* (disco infantil, com Nelson Ferreira como compositor e regente da orquestra Mocambo), sendo todas estas realizadas nos estúdios da fábrica de discos Rozenblit, em Recife (SALES, 2018, p. 44).

Nesse sentido, tanto o jazz como o frevo carregam um fator que se desprende de tais amarras e convenções artísticas eruditas e “tradicionais”, o que, por sua vez, é um prato cheio para as mais variadas formas de experimentação, se tratando tanto da performance, quanto das composições nos formatos de canções e/ou música instrumental.

Debates sobre uma possível valorização do gênero/cultura em detrimento de outras surge como um fator que não se sustenta dentro o universo artístico. A ideia de pertencer a

uma cultura isolada ou autêntica faz parte de um discurso bastante falível em seu sentido prático. Friedman nos mostra as semelhanças de origem entre os gêneros analisados neste capítulo. Ao falar sobre jazz ele diz:

Seus estruturas musicais derivaram das escalas originárias da África Ocidental misturadas às harmonias europeias, com ritmos que denotam vários tipos de síncopes. [...] Seus instrumentos são incomuns na música erudita, provêm das mais diversas origens e se associam aos metais, às guitarras, ao contrabaixo, à bateria e ao piano, sem que haja um padrão das formações adequadas aos grupos e bandas. Desde o início, seus músicos autodidatas “fugiram às convenções há muito tempo sedimentadas pela música erudita europeia. Os músicos de jazz são grandes experimentadores, explorando até as últimas consequências os recursos técnicos de seus instrumentos, tentando, por exemplo, tocar trompete com a flexibilidade de um instrumento de madeira, ou trombone com registro de trompete (FRIEDMAN, 2020, p.503).

Podemos considerar então, que assim como no jazz, o frevo, choro, samba entre outros ritmos considerados tipicamente brasileiros, compartilham semelhanças no que concerne a trajetória historiográfica de regiões e países que contribuíram de alguma forma com elementos rítmicos, harmônicos e melódicos responsáveis pela estrutura desses gêneros. Nesse fluxo, pontua Paul Gilroy:

[...] esta abordagem cosmopolita nos leva necessariamente não só a terra, onde encontramos o solo especial no qual se diz que as culturas nacionais têm suas raízes, mas ao mar e à vida marítima, que se movimenta e que cruza o oceano atlântico, fazendo surgir culturas planetárias mais fluidas e menos fixas. A contaminação líquida do mar envolveu tanto mistura quanto movimento. Dirigindo a atenção repetidamente às experiências de cruzamento e as outras histórias translocais, a ideia do atlântico negro pode não só aprofundar nossa compreensão sobre o poder comercial e estatal e sua relação com o território e o espaço, mas também resume alguns dos árdios problemas conceituais que podem aprisionar ou enrijecer a própria ideia de cultura (GILROY, 2012, p. 15).

Todos esses gêneros citados passaram por transformações das quais valorizaram parâmetros técnicos em relação à execução formal e não formal de instrumentos, bem como ao virtuosismo e improvisação. O frevo também absorveu e foi absorvido por estes eventos. De alguma maneira, tais eventos se tornaram comuns nas bases dos dois gêneros que baseiam a gramática de Amaro Freitas.

Acentuando um pouco mais a questão que diz respeito à autenticidade cultural/musical ou qualquer discurso parecido que surja nas mais variadas conversas dentro e fora da academia, recorrerei ao pesquisador Amílcar Bezerra, que destaca o seguinte fato: “A história ensina que são os hibridismos, e não os fundamentalismos, que dão origem às invenções artísticas mais interessantes e transgressoras” (BEZERRA, 2021, s/p). Por esse viés,

conseguimos então tratar de questões que facilitam o entendimento de como a contribuição das diferentes redes culturais convergem num sentido mútuo em favor da arte.

[...] Um determinado ritmo musical não necessariamente se enquadra no que é proposto pelo gênero musical com que dialoga, já que algumas definições vão além da regra técnica e formal. O gênero musical jazz apresentado midiaticamente pode conter artistas que compõem em diferentes ritmos, por exemplo (NOGUEIRA, 2021, p.10).

Ou seja, não podemos falar de cultura ou arte sem citarmos os processos de simbioses que se fazem presentes nas manifestações artísticas presentes em Pernambuco de maneira geral. Assim como no frevo, no sentido de hibridismo²⁸, “a origem do jazz é bem mais sofisticada do que a plantação, é uma mistura em que formas musicais europeias têm quase tanta importância quanto a tradição africana, mas uma das suas raízes é o blues rural” (HOBSBAWM, 1989, p. 9).

A respeito do hibridismo cultural, a pesquisadora Leila Lima de Souza aponta que:

Canclini é pioneiro ao pensar o conceito de hibridismo cultural sob um viés político que se estabelece por meio de interações entre as culturas de elite e as indígenas. Para o autor, o processo de hibridação garantiria a sobrevivência da cultura indígena e levaria a um processo de modernização da cultura de elite. O hibridismo cultural, para o autor, traz consigo a ruptura da ideia de pureza. É uma prática multicultural, possibilitada pelo encontro de diferentes culturas. Processo analisado pelo autor, nos movimentos artísticos verificados na América Latina (SOUZA, 2012, p. 2)

Desse modo, trataremos de Amaro Freitas, artista pernambucano, que achou no jazz uma via possível de construir seu som e carreira. Freitas não abriu mão de sua essência local, mas utilizou recursos retirados do gênero local, por exemplo, do frevo. Por assim dizer, o frevo e suas ramificações foram de fato um combustível importante no processo composicional, fazendo-o dialogar com o jazz sem perder características locais.

Devo acrescentar que o piano tocado pelo artista no álbum “Sangue Negro” recorre a uma estética que vai desde as características sonoras do sambajazz, como por exemplo a música "Samba de Cezar" (faixa 4 do disco), e também do jazz mais tradicional, exemplificado pelas faixas 5 e 6, sendo elas "Estudo 0" e "Sangue Negro". Por sua vez, as músicas "Encruzilhada" e "Subindo o Morro" (faixas 1 e 3) fazem com que o artista possa ser mais compreendido em por pessoas e músicos de sua região, por ter o frevo como base da

²⁸O conceito de hibridismo atrelado à cultura, diz respeito à incorporação de elementos através da troca cultural, o que pode ser categorizado por cultura híbrida. Os traços culturais regionais não são dissolvidos por causa desse processo, mas coexistem.

composição. Por atender a esse pré-requisito estético, essas faixas são fomentadoras de ações e parcerias com espaços voltados para a cultura e a música típica de Pernambuco. O principal deles: o Paço do Frevo, no Recife Antigo²⁹. Como ilustra a imagem³⁰ a seguir .

Figura 9 - Lançamento do disco no Paço do Frevo

Amaro Freitas faz show no Paço do Frevo

A apresentação, gratuita, integra o projeto Hora do Frevo.

Por **Folha de Pernambuco**
06/04/17 às 07H44 atualizado em 06/04/17 às 07H45



O lançamento físico do disco de estreia do pianista pernambucano Amaro Freitas será feito no Paço do Frevo, Bairro do Recife, nesta sexta (07), ao meio-dia. “Sangue Negro” mescla jazz a frevo e outras sonoridades populares. A apresentação, gratuita, integra o projeto Hora do Frevo.



Fonte: *screenshot* retirado do jornal folha de Pernambuco

O hibridismo composicional é tanto que o artista faz a estreia do seu disco de jazz em um projeto chamado “A hora do frevo”, promovido pelo próprio espaço para a divulgação e a promoção de ideias musicais que tenham o frevo como principal norte. Na figura acima, podemos ver um trecho da matéria onde o pianista pontua que “há ainda músicas que não são

²⁹ Situado no bairro do Recife, o espaço é um centro de referência dedicado à difusão, pesquisa, lazer e formação artística, contemplando as áreas da dança e música, tendo o frevo como seu principal alicerce. O espaço é também um agente de promoção e celebração da cultura carnavalesca e do frevo durante o ano todo. Veja mais em: <https://pacodofrevo.org.br>. Acesso em: 15 de fev. 2023.

³⁰ *Screenshot* retirado do jornal folha de Pernambuco. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/amaro-freitas-faz-show-no-paco-do-frevo/23514/>. Acesso em: 8 mai. 2023.

rotuláveis. A improvisação e a arquitetura musical são palavras chave de meu trabalho. Posso dizer que há também o afro jazz, samba jazz, frevo jazz” (Folha de Pernambuco, 2017).

Os exemplos aqui demonstrados contribuem para a demonstração de como o gênero jazz viabiliza diversas composições e performances, estas em diálogo com o frevo e diversos outros gêneros pernambucanos. A nomenclatura “jazzística” paira sobre a cidade do Recife de maneira tal que pode ser considerada como uma das temáticas contribuintes na criação de uma “música de Pernambuco”. De tal modo, pensar em um Recife *jazzificado* é pensar sobre possibilidades e engajamentos através de elementos rítmicos e estéticos pertencentes à cultura pernambucana como um todo.

O jazz composto por Amaro Freitas tem um sotaque regionalizado, e isso não o faz menos jazz do que as composições em Nova Orleans ou Nova York, por exemplo. Com base nos desdobramentos da história social do jazz, é sensato considerar que o gênero é símbolo de renovação, manutenção e elaboração de projetos musicais, que contribuem para fomento artísticos locais, e de intensa interlocução com diferentes culturas.

O pianista se lança como artista independente com seu primeiro álbum chamado Sangue Negro (2016). Nele nos deparamos com músicas como “Encruzilhada” e “Subindo o Morro”, que deixam escancarada essa interlocução entre os dois gêneros. Como principal exemplo, temos um jazz executado com base de compasso binário³¹ (muito comum no frevo e outros gêneros nordestinos). Essas peculiaridades tornaram-no um artista interessante e audacioso, destacando-se não só pela mistura de elementos através de um processo antropofágico. Segundo Caetano Veloso em seu livro “Verdade Tropical”:

[...] o Antropófago, desenvolve e explicita a metáfora da devoração. Nós, brasileiros, não deveríamos imitar e sim devorar a informação nova, viesse de onde viesse, ou, nas palavras de Haroldo de Campos, assimilar sob espécie brasileira a experiência estrangeira e reinventá-la em termos nossos, com qualidades locais iniludíveis que dariam ao produto resultante um caráter autônomo e lhe conferiram, em princípio, a possibilidade de passar a funcionar por sua vez, num confronto internacional, como produto de exportação. Oswald subvertia a ordem de importação perene – de formas e fórmulas gastas – (que afinal se manifestava mais como má seleção das referências do passado e das orientações para o futuro do que como medida da força criativa dos autores) e lançava o mito da antropofagia, trazendo para as relações culturais internacionais o ritual canibal. (VELOSO, 1997, p.172)

Além desse processo antropofágico, o artista também se articula em parcerias. No próximo tópico, veremos como algumas delas serviram como ponte para promover sua carreira.

³¹ Na teoria e prática musical, o compasso binário é aquele que é formado por dois tempos, sendo o primeiro forte e o segundo fraco. Em composições de compasso simples temos como exemplo (2/8, 2/4, 2/2) e no caso de composto (6/16, 6/8, 6/4).

1.3 SANGUE NEGRO: JAZZ COM UM SOTAQUE DE RECIFE

O álbum “Sangue Negro” não é só um mero disco instrumental, mas sim, um novo fôlego ao jazz pernambucano. Apesar de Recife e região apresentarem desde o início dos anos 2000 uma série de artistas locais (alguns já citados) que fomentaram suas carreiras através do jazz, raras foram as ocasiões que seus trabalhos vieram a sair de Pernambuco, e muito menos do Brasil. Dominginhos e Naná Vasconcelos³² já eram nomes de destaque por suas contribuições à música instrumental brasileira (nos anos 2000). A contribuição de Naná se estendeu à música instrumental europeia e estadunidense, participando de diversos festivais de jazz mundo afora, algo que Dominginhos nunca realizou pois seu medo de avião o aprisionava em terras nacionais. Mesmo assim, ele teve contatos com acordeonistas jazzistas internacionalmente relevantes, como Frank Marocco e Richard Galliano, que vieram algumas vezes ao Brasil para tocar com Dominginhos, a quem demonstravam profunda admiração.

Tirando esses dois artistas, o que temos de exportação da música instrumental de linguagem jazzística pernambucana para outros distritos brasileiros se restringe a pouquíssimos nomes. Apesar disso, Recife vivenciava naquela década (anos 2000) um momento promissor quanto à música instrumental. Tínhamos música instrumental através dos trabalhos do guitarrista Fred Andrade³³, dos quais destacarei o “Ilusões a Granel (2000), “Projeto Mandinga” (2002) junto com o baterista Ebel Perrelli³⁴. Em 2005, Andrade lançou “Guitarra de Rua” e, no ano seguinte, “Farra de Anjo”. Os álbuns do guitarrista misturavam ritmos pernambucanos com o blues e o rock.

Em seguida, destaco o guitarrista Luciano Magno, junto ao projeto instrumental “Trio Sotaque”. De 2005 a 2007, o projeto obteve a oportunidade de participar de eventos/festivais sediados em países como França e Argentina³⁵ entre outros países europeus. O guitarrista

³² Percussionista pernambucano com uma vasta carreira nacional e internacional, ganhou oito vezes o prêmio de melhor percussionista do Mundo. Esses e outros detalhes estão destacados nos próximos capítulos deste trabalho.

³³ Fred Andrade é um compositor, guitarrista e violonista pernambucano, graduado em música pela UFPE e Mestre em Criação e Execução musical pela Universidade Federal da Bahia. Atuou como professor de guitarra por mais de 20 anos no Conservatório Pernambucano de música, e acompanhou artistas da MPB como Elba Ramalho e o Quinteto Violado. Na música instrumental, fez parcerias com Dominginhos e Naná Vasconcelos, entre outros.

³⁴ Ebel Perrelli é um compositor e músico brasileiro. Experiente baterista da cidade do Recife, já trabalhou com os também pernambucanos Lenine e Naná Vasconcelos. Foi membro de grupos instrumentais, como Malla Voodoo, Trio BPM e Mandinga.

³⁵ Veja <https://www.alepe.pe.gov.br/2005/12/06/trio-sotaque-anima-ultima-edicao-do-segunda-cultural-este-ano/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

Cacau Santos³⁶ também foi outro nome artístico que surgiu naquele período. Integrante da Spok Frevo Orquestra (projeto que falaremos a seguir), ele lançou em 2005 o álbum “Sonhador”. Com esse trabalho, Santos viajou todo o Brasil, realizando parcerias e se consolidando como um nome da música instrumental pernambucana. O baixista e produtor musical Bráulio Araújo³⁷ lançou em 2006 o disco “Ilha”, trabalho instrumental que abordou jazz, samba e funk.

Além desses trabalhos, temos o lançamento do disco “Passo de Anjo” da Spok Frevo Orquestra, um dos principais álbuns de música instrumental de Pernambuco dos anos 2000. Lançado em 2004 de forma independente e relançado em 2006 pela Biscoito Fino³⁸, o álbum de estreia do maestro Spok junto a sua orquestra foi um dos trabalhos instrumentais com influência do jazz que projetou Pernambuco nacionalmente e internacionalmente. Segundo o jornal O Globo: “O show ‘Passo de anjo’ consagrou a orquestra, saindo dos palcos recifenses, passando pelo Tim Festival 2005, aclamado como um dos dez melhores shows do ano, atravessando fronteiras para os palcos da Alemanha, França, alcançando até a China” (O GLOBO, 2008)³⁹.

Nesse sentido, quando tratamos de música instrumental e jazz pernambucano, a Spok Frevo Orquestra era o que havia de maior referência e popularidade até então. Em 2005, a música de autoria do maestro Duda, intitulada de “Nino o Pernambuquino”, ganhou um clipe, e o mesmo foi exibido no programa Fantástico da TV Globo⁴⁰. No ar desde 1973, o programa (em formato de revista eletrônica) é exibido aos domingos, conta com diversos quadros e se moldou ao longo de 50 anos, acumula ao longo de sua trajetória recordes de audiência, desse modo, é uma das grandes vitrines da TV brasileira.

A turnê de “Passo de Anjo” proporcionou, aos instrumentistas da orquestra, festivais internacionais de maiores proporções e relevância. Esse fato pode ser interpretado como um

³⁶ Cacau Santos é um guitarrista pernambucano reconhecido por seu ecletismo, seus projetos e parcerias vem abrangendo desde o início dos anos 2000, a música gospel, nordestina, instrumental, jazz, funk, rock e a black music.

³⁷ Bráulio trabalhou com artistas de renome nacional como Alceu Valença, Elba Ramalho, Geraldo Azevedo e Fafá de Belém. Com dois CDs solo na carreira, “Ilha” e “Ponte”, fez participações nos festivais Cover Baixo, Baixo Brasil e Pixinga Bass Festival. Participou do NH Bass Fest – New Hampshire – MA - USA. Passou por Boston e NYC divulgando seu trabalho autoral em Pubs de Jazz como Rilles em Boston - MA, Zinc Bar e Zirza Mím em NY, além de ter participado do show do Centenário de Luiz Gonzaga no Lincoln Center - NY.

³⁸No ano de 2006, o disco foi relançado pela gravadora Biscoito Fino e recebeu seu primeiro grande reconhecimento nacional: o prêmio Tim de Música, na categoria revelação.

³⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/spok-frevo-orquestra-traz-frevo-pernambucano-sao-paulo-3629577>. Acesso em: 09 dez. 2023.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.spokfrevoorquestra.com.br/sobre/biografia/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

ponto positivo no processo do jazz instrumental de Pernambuco, que se destacou internacionalmente através desse grupo, como demonstra a imagem a seguir⁴¹.

Figura 10 - Destaque da orquestra no exterior em 2010



Fonte: Rádío França Internacional

Durante aquele período, os artistas pernambucanos acima citados desfrutaram de uma projeção de carreira autoral para além do estado de Pernambuco, mas nenhum deles se manteve em destaque (se tratando de projeção e alcance midiático) por tanto tempo quanto a Spok Frevo Orquestra. A Spok conseguiu representar e manter, daquele período em diante, o sotaque do jazz e do frevo pernambucano circulando em festivais de jazz pelo Brasil afora, representando assim, um novo jazz brasileiro fora do eixo Rio-São Paulo. Em 2014, dez anos depois da primeira versão de seu trabalho lançando, a orquestra ainda recebe elogios no exterior, tal como a figura⁴² a seguir demonstra.

Figura 11 - Destaque da orquestra no exterior em 2014

⁴¹ Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/geral/20100717-spok-frevo-orquestra-recebe-elogios-do-jornal-le-monde>. Acesso em: 09 dez. 2023.

⁴² Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2014/10/27/ny-times-elogia-spokfrevo-orquestra/index.html>. Acesso em: 09 dez. 2023.

NY Times elogia a SpokFrevo Orquestra



Anneliese Pires
Publicado em 27/10/2014 às 17:01



Fonte: JC Online.

Esses exemplos nos ajudam a ter uma noção da quantidade de artistas, instrumentistas, álbuns, projetos e eventos de jazz lançados nos anos seguintes, tais como exemplificados no primeiro ponto deste capítulo. Entretanto, nenhum destes trabalhos instrumentais citados até aqui obtiveram o mesmo destaque nacional e internacional da Spok Frevo Orquestra. Nesse sentido, o álbum “Sangue Negro” foi o único trabalho que obteve (mais de uma década depois) uma projeção que se equipara ao da orquestra liderada pelo Maestro Spok.

O trabalho de Amaro Freitas também foi o primeiro a evidenciar o jazz pernambucano através do piano, algo nunca visto em Pernambuco do início dos anos 2000 até 2016. É necessário destacar que Amaro fez parte de um contexto de trabalho que é recorrente nos restaurantes de Recife e região. Redes de restaurantes como Spettus, Galetus, Entre Amigos Praia e Pizzaria Atlântico (citada no primeiro ponto deste capítulo) tinham seus pianistas. Alguns deles contribuíram e ainda contribuem com a cena do jazz recifense, participando de festivais de jazz e blues locais.

Alguns dos nomes são os do pianista Marquinho Diniz, Romero Medeiros e Thiago Albuquerque. Antes mesmo de Amaro se lançar como artista com o “Sangue Negro”, estes eram os principais nomes atrelados à cena daquele período. Assim como Amaro, eles estão presentes na Figura 3 deste trabalho. Entretanto, nenhum deles apresentou trabalhos de jazz autorais que trouxessem repercussão como o de Amaro. No entanto, houve um nome da música instrumental pernambucana, sendo também pianista, que repercutiu por Recife, São Paulo e em outros estados brasileiros, o de Vitor Araújo.

Vitor Araújo é um pianista recifense que ficou conhecido por apresentar uma performance que transitava entre a música erudita e o jazz. Em 2007, aos 17 anos, foi entrevistado pelo "O Programa do Jô"⁴³. Segundo a entrevista concedida para essa pesquisa por um de seus agentes e representantes da época, o Produtor e músico recifense Sérgio Leão, Vitor estava começando a se destacar e foi com muita insistência e articulação via e-mail que chegou a gravar o programa. Além do programa, ele também realizou apresentações solo naquele mesmo período, passando por clubs de jazz como o *Bourbon Street Music Club*, *Blue Note* e o Auditório Ibirapuera, estes situados no estado de São Paulo.

Ainda segundo Sérgio Leão, “apesar de ter uma formação erudita, Vitor foi um prodígio que se utilizou do jazz para tentar dar uma quebrada na sua relação com o erudito, abria a tampa do piano, tocava diretamente nas cordas, batucava no piano, e isso bem antes de Amaro”, destaca o produtor. Seu primeiro trabalho foi lançado quatro anos antes de Amaro Freitas. Em 2012, Vitor lançou o álbum "A/B", fez concertos no teatro Santa Isabel e em festivais de música no Recife, e em outros locais do Brasil, sendo um dos nomes mais conhecidos do piano pernambucano daquele período.

Diferente de Vitor Araújo, Amaro não veio da formação erudita, utilizou-se de gêneros populares como o frevo e o samba, e com isso, apresentou, logo em sua estreia, um jazz com um sotaque mais próximo da cultura popular. O primeiro álbum de Amaro veio após ele acumular recursos financeiros e diferentes experiências por meio de seu trabalho como músico, tocando em bares e restaurantes (a exemplo das redes de Cafeteria São Braz e do restaurante Mingus) para juntar dinheiro.

Em 2018 durante sua participação no festival Porto Musical⁴⁴ sediado em Recife, ele concedeu entrevista ao *VPRO Vrije Geluiden*, programa musical feito pela emissora pública holandesa. Durante essa entrevista, ele pontuou o fato de que começou a tocar com bandas sertanejas, católicas, além de se apresentar com artistas que vinham do sudeste para o nordeste. Sendo o sertanejo uma música muito popular aqui no Brasil, um professor dele certa vez disse: “Amaro, não importa como você entre no mercado, o importante é que você entre. Depois que você entra no mercado, você começa a adequar o mercado a seu favor” (Amaro

⁴³ O Programa do Jô foi um programa de entrevistas exibido pela Rede Globo, que misturava entretenimento e música. É um dos mais famosos talk-shows do Brasil, sua estreia foi em 3 de abril de 2000 e sua última exibição ocorreu em dezembro de 2016. O programa era apresentado pelo humorista, dramaturgo e escritor Jô Soares. O ponto alto do programa eram as entrevistas com convidados variados, alguns famosos.

⁴⁴ Estreado no ano de 2005, o Porto Musical se firmou como um festival multicultural e com foco na música brasileira, atendendo a diversos gêneros e sonoridades do país. O festival que antecede o carnaval, é realizado no bairro do Recife Antigo. Disponível em: <http://portomusical.com.br>. Acesso em: 5 mai. 2023.

Freitas [...], 2018). O pianista disse que levou essa questão a sério, tocando com banda de sertanejo:

“Depois eu fui conhecendo outros músicos, toquei piano bar nos restaurantes, tocando pra galera comer”. Eu brincava (se referindo ao improviso) e isso dava um problema danado, uma vez eu fui fazer uma improvisação, e aí o gerente do piano chegou e disse: “eu não quero mais esse pianista aqui! Eu não estou entendendo nada do que ele está tocando.” E aí eu tive que me adequar aos restaurantes se eu quisesse ganhar dinheiro, como é que eu ia pagar minhas contas? (Amaro Freitas [...], 2018)⁴⁵

Em entrevista ao programa “Um Café Lá em Casa”, em 2022, apresentado pelo guitarrista Nelson Farias, ao se referir ao início de carreira, o pianista disse: “Quando a gente vai crescendo na música, muita gente vai dizendo que não dá pra viver de música... e de música instrumental, pirou! né? aí é que não dá mesmo! (risos)” (Um Café [...], 2022). O pianista disse que foi através dos vários encontros com amigos para assistir diversos materiais (em DVD) de música instrumental brasileira e internacional, que foi adquirindo ainda mais engajamento para iniciar sua jornada com a música instrumental, incluindo o fato de receber apoio direto do Mingus Restaurante e Café São Braz Madalena⁴⁶, ambientes dos quais ele trabalhava como pianista semanalmente naquele período.

O músico cursou entre o ano de 2014 a 2016 o ensino superior de Produção Fonográfica nas Faculdades Integradas Barros Melo, atual Centro Universitário AESO Barros Melo (UNIAESO)⁴⁷. Neste curso Amaro obteve uma formação direcionada a mixagem, masterização, acústica, e introdução ao universo artístico e audiovisual. Toda essa experiência trouxe para ele novos horizontes referentes ao sentido de produzir música. Como consequência desse fato, ele pontuou:

Quando eu faço o vídeo de "Luiza" do Tom Jobim, eu já tô pensando na roupa, já tem quatro câmeras para filmar. E é nesse vídeo que eu ganho o prêmio MIMO, né? Depois eu me encontrei com o curador e ele disse: velho, todo mundo votou em

⁴⁵ Entrevista completa de Amaro ao *VPRO Vrije Geluiden*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CN0goI8VmC4>. Acesso em: 5 mai. 2023.

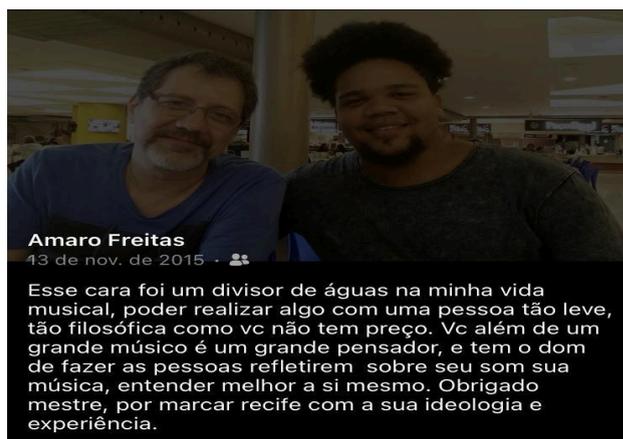
⁴⁶ Essas informações foram retiradas da ficha técnica do álbum *Sangue Negro*, na descrição do vídeo postado na plataforma do YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sc7N2Wl7qww&t=1924s>. Acesso em: 5 mai. 2023.

⁴⁷ A instituição foi fundada em 15 de maio de 1968 pelo advogado e professor Inácio de Barros Melo. Em 1971, foi autorizada a Faculdade de Direito de Olinda - FADO, com sede na Rua de São Bento, nº 200, Varadouro, primeira Instituição de Ensino Superior no município. Para ampliar a área de atuação, foi criado o Centro de Estudos Superiores Barros Melo - CESBAM, também mantido pela AESO. E o tempo passou. O Centro Universitário AESO-Barros Melo.

você... por que quando a gente viu a qualidade do seu vídeo [...]. Então, eu estava na música instrumental naquele momento, mas estava preocupado também com a estética que eu queria carregar (Um Café [...], 2022)⁴⁸.

Se tratando da produção do álbum “Sangue Negro”, um dos pontos chaves neste processo foi a escolha do produtor musical do seu álbum de estreia, nesse caso Rafael Vernet, que também é pianista de formação. Nesse sentido, Freitas não só ampliou sua rede de contatos, mas dividiu a produção com um dos principais nomes do piano nacional, com uma maturidade e experiência notáveis. Em setembro de 2015, meses antes de gravar o disco, Amaro teve momentos de aula com Rafael no Rio de Janeiro. Em novembro daquele mesmo ano, o jovem pianista chega a relatar no seu facebook que Rafael foi um divisor de água em sua carreira como pianista, tal como demonstra a imagem⁴⁹ a seguir.

Figura 12 - Encontro de Amaro e Rafael Vernet em 2015



Fonte: *Screenshot* do Facebook de Amaro Freitas.

Menos de um ano após esse encontro, eles estavam juntos no processo de produção do álbum “Sangue Negro”. Vale destacar que Rafael Vernet é um pianista gaúcho, cujo nome é um dos mais experientes de sua geração, levando em consideração as gravações e participações em projetos artísticos. Apesar de ter uma formação clássica erudita, adquiridas no curso de bacharelado em Piano na UFRGS⁵⁰, ele se tornou ao longo de sua carreira uma

⁴⁸ Trecho retirado da entrevista de Amaro ao programa Um Café lá em Casa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6DCMNtKqDGs>. Acesso em: 5 mai. 2023.

⁴⁹ A imagem/print foi retirada da página oficial do Facebook do pianista Amaro Freitas, onde se encontra. Disponível em: <https://www.facebook.com/AmaroFreitasJazz?mibextid=LQQJ4d>. Acesso em: 5 mai. 2023.

⁵⁰ Segundo informações retiradas da pesquisa “A questão rítmica e a defasagem dos códigos no piano nacionalista brasileiro”, da pesquisadora Aline Martins Oliveira, no ano de 2006 pela UFRJ, o Pianista popular com formação também na música de concerto: fez dois anos de bacharelado em piano na UFRGS.

figura importante no que concerne a mescla do piano jazz junto a música popular brasileira. Vernet também acumula apresentações em vários festivais de jazz nos Estados Unidos, Ásia e também na Europa. No Brasil, o pianista acompanhou e gravou com diversos artistas, alguns deles foram Hermeto Pascoal, Ed Motta, Lô Borges, Paulinho da Viola, Chico Buarque, Roberto Menescal, Wilson das Neves, Alcione, Mauro Senise e Chico Pinheiro. No exterior, gravou com Jean-Paul “Bluey” Maunick, Jan Dumée, Josee Koning e Harvey Wainapel, entre outros.

Durante o processo de elaboração do disco, Amaro contou com ajuda de colegas para registrar tudo em um *teaser*, com sessões curtas, mas bem explicativas. Essa estratégia de divulgação foi importante porque ajudou a projetar e destacar detalhes da produção do álbum, com depoimentos dos participantes e *making of*. Na primeira sessão, o próprio Rafael deu um depoimento significativo (que analisaremos mais adiante).

Ao contratar Rafael Vernet como produtor, Amaro demonstrou que ainda não tinha chegado à maturidade musical e artística naquele momento, e que precisava de um apoio e direcionamento de alguém mais experiente. Não é que ele não estivesse tecnicamente pronto. Entretanto, no mundo da música só a técnica não basta. E Amaro entendeu isso a tempo. Em entrevista ao *Jornal do Commercio*⁵¹ ele disse: “Quando se trata de seu trabalho, você fica muito apegado ao que você quer. Se não fosse por Vernet o disco seria 50% do que é, porque eu não tinha experiência. Às vezes eu me via tão perdido no que achava que era correto. Essa produção dele foi uma aula pra mim” (*Jornal do Commercio*, 2016, s/p).

Apesar de o álbum chamar-se “Sangue Negro”, sua elaboração contou com a direção musical de um homem branco do sul do Brasil. Esse fato pode legitimar as interlocuções entre versões culturais brasileiras. Nesse caso o músico vai na contramão de uma idealização pragmática a respeito da negritude. Naquele instante, o artista contava apenas com a bagagem e linguagem musical que Vernet poderia oferecer, sobretudo a experiência do mesmo com o piano que transitava entre o jazz e a música popular brasileira.

Essa questão em si, não diminui sua essência negra pernambucana, pois, “Sangue Negro é uma musica altamente quente e com essa identidade do negro trabalhador”. conta Amaro ao *jornal do Commercio*⁵²

⁵¹ Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2016/11/29/amaro-freitas-renova-estruturas-do-jazz-em-sangue-negro-262003.php>. Acesso em: 13 mai. 2023.

⁵² Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2016/11/29/amaro-freitas-renova-estruturas-do-jazz-em-sangue-negro-262003.php>. Acesso em: 13 mai. 2023.

Figura 13 - Foto do trio e do produtor na produção do álbum “Sangue Negro” no Estúdio Carranca, em 2016⁵³



Fonte: *screenshot* retirado do perfil do Facebook de Amaro Freitas.

Em depoimento⁵⁴, o produtor Rafael Vernet destaca os pontos fortes de Amaro:

Eu tenho dito que, sem dúvidas, Amaro é um dos pianistas que mais me surpreendeu, eu digo isso sem medo de errar. Eu tenho dito isso pra ele, tenho dito isso pra algumas pessoas, pela criatividade das composições. Eu diria que a arquitetura das composições dele tem uma originalidade incrível. É muito gratificante quando você vê um músico novo assim, chegando com uma coisa tão consistente em termos de composição e arquitetura. Não tem banalidade, não tem nada gratuito, é tudo muito profundo também ao mesmo tempo. Eu acho que meu trabalho como produtor foi ter conseguido que isso viesse pro disco (Teaser 1 [...], 2016).

Essa fala do produtor não foi algo isolado. De fato, o pianista tinha como objetivo escrever de maneira bastante singular a sua carreira. O álbum foi, nesse sentido, não um mero acaso, mas um dos principais colaboradores na renovação e projeção do jazz recifense. Na segunda sessão do teaser, um de seus companheiros de trio, o baixista Jean Elton, comentou coisas do tipo: “A música dele é uma leitura de onde ele veio (...) ele ver naqueles becos, essa música. Que bom que ele não precisou ir para Berkeley nem ter o Mississippi. É o Capibaribe mesmo aqui que trouxe isso pra ele” (Teaser 2 [...], 2016)⁵⁵. O baterista Hugo Medeiros comentou sobre as composições e arranjos: “tem umas músicas diferentes, assim... que não é aquela coisa que você vai encaixar num rótulo tão facilmente” (Teaser 2 [...], 2016).

⁵³ A imagem/print foi retirada da página oficial do Facebook do pianista Amaro Freitas, e se encontra disponível em: <https://www.facebook.com/AmaroFreitasJazz?mibextid=LQQJ4d>.

⁵⁴ O depoimento faz parte do primeiro teaser do álbum em questão, e encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IIw9hQTtCyE>. Acesso em: 14 mai. 2023.

⁵⁵ O relato faz parte do primeiro teaser do álbum em questão, e encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aU9bFI6yjfY>. Acesso em: 14 mai. 2023.

Amaro pôde mudar sua atuação de pianista de restaurante quando decidiu gravar seu primeiro álbum. Portanto, é válido ressaltar que “Sangue Negro” deu ao artista uma notoriedade alcançada por poucos na história mais recente do jazz pernambucano.

Após a estreia do disco, o pianista pôde desfrutar, como poucos estreados, de festivais e casas importantes na cena do jazz nacional. No ano de 2016, Freitas participou do MIMO Instrumental⁵⁶, em Olinda, Savassi Jazz Festival⁵⁷, em Belo Horizonte, e Vivo Open Air⁵⁸, no Recife. Em 2017 participou do Jazz na Fábrica no Sesc Pompeia⁵⁹ (sua estreia em São Paulo), Casa Blue Note⁶⁰, no Rio de Janeiro, entre outros.

O título do disco demonstra uma forte aproximação com a identidade e questões socioculturais presentes na cultura afro-brasileira. Nesse sentido, peças como “Samba de César”, “Estudo 0” e “Sangue Negro” não anulam a força da estética sonora/melódica jazzística que vem tradicionalmente da cultura negra norte-americana. Quanto a essas músicas, é possível afirmar que o pianista ainda estava se reinventando através de suas referências, muitas delas estadunidenses, que intuitivamente se colocam muito presentes ao longo da sua trajetória junto ao jazz.

Figura 14 - Capa do álbum Sangue Negro⁶¹

⁵⁶ Criado em 2004, o MIMO Festival é um evento gratuito realizado em espaços e cidades históricas espalhadas pelo Brasil e também na Europa. Olinda- PE é sua cidade mãe, mas o mesmo foi se ampliando e ganhando espaço por cidades como: Recife -PE, João Pessoa -PB, Ouro Preto- MG, Tiradentes- MG, Paraty - RJ e São Paulo capital.

⁵⁷ Com estreia em 2003, O Savassi Festival é conhecido por sua variedade de performances musicais, tem desempenhado um papel fundamental na promoção da música jazz e na criação de uma experiência cultural rica para o público. Com diversos locais espalhados por Belo Horizonte- MG, o festival oferece um espaço para músicos locais, nacionais e internacionais compartilharem sua música, improvisação e performance para uma plateia ampla e diversificada.

⁵⁸ Vivo Open Air é um festival de cinema e música ao ar livre, a programação conta com shows e exibição de clássicos da sétima arte. Em 2016, teve a participação do artista pernambucano Otto e lançamento do álbum Sangue Negro do Amaro Freitas.

⁵⁹ O festival trabalha com foco na diversidade de estilos, formações e timbres do universo jazzístico. Sua programação conta com nomes consagrados e emergentes, sendo assim, o festival aposta no jazz e nas tradições musicais de diversos cantos do mundo, composta pelas participações de artistas norte-americanos, europeus, mas também africanos e latino-americanos.

⁶⁰ O Blue Note Rio fica localizado na cidade do Rio de Janeiro. O espaço é uma filial do famoso clube de jazz Blue Note de Nova Iorque. Recebe diversos nomes do jazz nacionais e internacionais.

⁶¹ A imagem/print foi retirada da página oficial do Facebook do pianista Amaro Freitas, e se encontra disponível em: <https://www.facebook.com/AmaroFreitasJazz?mibextid=LQQJ4d>. Acesso em: 10 jun. 2023.



Fonte: *screenshot* do perfil do Facebook de Amaro Freitas

“Sangue Negro” representa a porta de entrada para a negritude e a cultura afro-brasileira junto à cultura negra jazzística idealizada pelo pianista. Essa questão atende a perspectivas compreendidas principalmente nas pautas de política identitária. A dissertação⁶² do pesquisador Felipe Corrêa dos Santos aponta:

Identidade e relações étnico-raciais são categorias/campos-tema presentes na ciência psicológica e social, havendo discussões e produções acerca dessa relação, como exemplo, a produção de Neusa Santos Souza, intitulada ‘Tornar-se negro’ (1983) e ‘Lugar de negro, lugar de branco’ (BARROS, 2019 apud SANTOS, 2023, p. 33;).

Nos Estados Unidos, essas questões passaram por outros contextos e estruturas. Como aponta Antonio Sérgio Guimarães,

É perfeitamente plausível dizer-se, por exemplo, que os negros norte-americanos, que têm a raça como categoria nativa, se apresentaram na arena política, em certos momentos, como uma nação, formando um movimento nacionalista. Um parêntese: é lugar comum dizer que, quando se fala em raça nos Estados Unidos, isso faz imediatamente sentido para as pessoas; não se pode viver nos Estados Unidos sem ter uma raça, mesmo que se tenha que inventar uma denominação – como “latino” – que designa uma uniformidade cultural e biológica de outro modo inexistente, mas imprescindível para possibilitar o diálogo com pessoas que se designam “negras”, “brancas”, “judias” etc. (GUIMARÃES, 2021, p. 29)

Dito isto, é válido apontar que o álbum em questão atende a um projeto estético que surgiu a partir de uma consciência negra vivenciada pelo pianista naquele momento, algo que

⁶² Título: **O negro e a universidade:** as encruzilhadas da/na formação identitária (*políticas de identidade e identidades políticas*). Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/39468/1/Felipe%20Corr%C3%AAA%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

se ampliaria ainda mais nos trabalhos seguintes. Em paralelo a estas questões da identidade negra, Amaro estava aprimorando suas composições, sua técnica e ampliando seus contatos através de sua parceria com agentes culturais como Morgana Nunes e Fabrício Amaral, representantes da Caatinga Criativa⁶³. Além deste exemplo, temos a contratação do produtor (Rafael Vernet) do álbum, bem como as escolhas dos músicos e seus patrocinadores (Café São Braz, Restaurante Mingus).

Considerando o contexto instrumental do álbum como um todo, as performances e os “improvisos” estão dentro de uma estrutura previsível, nesse caso, atendem aos caminhos já conhecidos do jazz e da música instrumental brasileira. Principalmente se levarmos em conta os eventos de performance coletiva como as *jams sessions*, muito comuns nos clubes de jazz, dos mais tradicionais aos mais contemporâneos.

Ainda que as composições e temáticas contidas no álbum atendam a uma demanda da negritude um tanto “tímida” (se comparado ao segundo e terceiro disco), o sotaque pernambucano e brasileiro presente em “Sangue Negro” foi a peça-chave de tudo que alavancou a carreira do pianista.

Desse modo, o artista torna-se adepto de um movimento importante, seguindo um fluxo pós-moderno do jazz, que não só em Pernambuco era novo, mas no mundo todo. Amaro sabia disso. No documentário “Cena Jazz” ele afirmou que queria ser um músico/artista que expressasse o seu tempo, e não meramente um copista de outros tempos e outros lugares. Para tal, ele ancorou-se numa expressão jazzística que poucos instrumentistas tinham entendido até então em Recife. E completou:

Hoje querendo ou não, existe um movimento mundial e isso é permitido pela internet, né? Mas a gente pode se aproximar das tradições como está acontecendo na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina de forma geral, assim, no mundo, observando o ritmo né? Eu acho que o ritmo é a grande sacada de hoje para os instrumentos que não são de ritmo, quer dizer, são instrumentos de ritmo, só que sempre prezam pelo lirismo, pela bela melodia (Cena [...], 2020).⁶⁴

Levando em consideração os argumentos do artista, é possível perceber como o mesmo encontra-se ciente das mudanças que o movimento do jazz contemporâneo vem

⁶³ Criada em 2015 por Morgana Nunes e Fabrício Amaral, a Caatinga Criativa é uma produtora cultural que atua em parceria com artistas independentes, com foco em artistas da região nordeste do Brasil, buscando auxiliá-los na produção e divulgação de seus trabalhos, contribuindo com o gerenciamento de suas carreiras, gerenciamento de mídias sociais, elaboração e execução de projetos, dentre outros serviços que podem ser agregados a cada parceria.

⁶⁴ Entrevista completa de Amaro ao filme Cena jazz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yY3vMdQoL6U>. Acesso em: 3 mai. 2023.

representando. As claves rítmicas, bem como um olhar direcionado às vias culturais locais são de alguma forma um combustível significativo nas composições inseridas nesse movimento. Sobre isso pontua o pianista:

Sangue Negro é uma música do álbum, a última música do disco [...], representa muito mais a minha pessoa [...]. Explicando um pouquinho a música *Sangue Negro*, ela reúne alguns elementos que representa esse negro, ela tem uma das claves afro em 6/8 (tipo de compasso), e ao invés de repercutir essa clave na bateria, faço isso no piano, pensando o piano de uma forma mais rítmica do que melódica (Amaro Freitas [...], 2018)⁶⁵

Essa ideia defendida pelo pianista sobre a concepção rítmica é um grande diferencial no movimento mais recente do jazz, e não se concentra apenas nos EUA, mas na Europa e em outras regiões do mundo. São exemplos desse movimento artístico os músicos e pianistas: Avishai Cohen (Israel), Shai Maestro (Israel), Tigran Hamasyan (Armênia), Alfa Mist (Inglaterra), e Fábio Torres (Brasil).

Os bateristas passaram a ser peças fundamentais também nessas mudanças, dos quais destaco: Antonio Sanchez (México), Dafnis Prieto (Cuba), Arthur Hnatek (Suíça), Daniel Dor (Israel), Edu Ribeiro (Brasil), entre outros. Assim como Amaro, todos esses nomes têm suas origens culturais fora dos EUA, consolidando suas carreiras a partir das muitas trocas com as linguagens jazzísticas norte-americanas, e, ao mesmo tempo, atribuindo a elas elementos rítmicos de seus países.

Hugo Medeiros (baterista que gravou *Sangue Negro*) foi, por assim dizer, um dos grandes apoios que Amaro encontrou nessa jornada. Ele entendia desse movimento, além de entender o quanto as claves rítmicas africanas eram um suporte à parte. Em entrevista ao *Cena Jazz*, Hugo disse:

Quando eu tive contato com Kiko (baterista brasileiro e entusiasta da música africana), com essa coisa da música africana, eu não quis me apropriar da música africana, tocar feito alguém de lá, que eu sei que não tem como! Mas eu sei que tem coisas que eu posso aproveitar dali e aplicar da minha maneira, no que eu faço (Cena [...], 2020).

A obra de estreia de Amaro Freitas estava bastante densa, tinha uma produção musical de destaque, tinha músicos experientes e engajados com o novo e uma proposta técnica e composicional inovadora. Ele é um agente da cultura jazzística do seu tempo, disse em entrevista ao *Cena Jazz*: “Não dá pra gente parar no tempo e só tocar os standards que são

⁶⁵ Entrevista de Amaro ao VPRO *Vrije Geluiden*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CN0goI8VmC4>. Acesso em: 5 mai. 2023.

maravilhosos e que são consagrados [...] existe uma música dentro de nós que precisa ser o registro da nossa época”. Nesse sentido, o disco de Amaro, ainda que estreante como artista, rendeu grandes frutos e caiu nas graças da crítica especializada dentro e fora de Pernambuco.

Renato Vasconcelos, professor de piano popular da Universidade de Brasília (UnB) disse em entrevista ao jornalista Leonardo Cavalcante, do jornal Correio Braziliense: "Enquanto ouvia Sangue Negro, meus ouvidos me transportaram para o universo onde habitam os sons do hard bop, produzidos por Cecil Taylor, McCoy Tyner e Charles Mingus" (Leonardo Cavalcante, 2016)⁶⁶.

Figura 14 - Amaro é destaque da MIMO Festival⁶⁷



Fonte: Jornal Folha PE.

Além desses avais em festivais de outras regiões, Amaro também passou pela curadoria do festival MIMO.

Criado em 2004, o MIMO Festival é um evento gratuito realizado em espaços e cidades históricas espalhadas pelo Brasil e também na Europa. Olinda é sua cidade mãe, mas o mesmo foi se ampliando e ganhando espaço por cidades como Recife, João Pessoa, Ouro Preto e Tiradentes (MG), Paraty (RJ) e São Paulo capital. Internacionalmente já teve sessões em Portugal e também na Escócia. Vale dizer então que não é nada mal ter seu trabalho de estreia nos palcos de proporção e circulação tão expressivas como a deste festival.

⁶⁶ Fonte: Jornal Correio Braziliense. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/12/10/interna_diversao_arte,560724/amaro-freitas-mistura-o-jazz-ao-frevo-em-sangue-negro.shtml. Acesso em: 18 mai. 2023.

⁶⁷ Jornal Folha PE. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/amaro-freitas-esta-entre-as-revelacoes-do-premio-instrumental-da-mimo/7028/>. Acesso em: 18 mai. 2023.

No documentário “Amaro Freitas – o Piano Como Extensão da Alma”, de Suzanna Borba, lançado em 2020, Freitas relata que antes mesmo de estrear em plataforma digital ou disco, o trabalho tinha sido lançado no dia de sua apresentação no MIMO. Esta ocorreu no dia da Consciência Negra, data em que Amaro ganhou o prêmio MIMO Instrumental do ano de 2016⁶⁸.

Ao escrever para o site Outros Críticos em 2019⁶⁹, o músico, crítico e colunista Bruno Vitorino destaca o quanto o trabalho de estreia de Amaro veio com uma força relevante na cena instrumental do país. Fica claro que o jazz está lá, passou por mais uma simbiose, um olhar para o novo. “Amaro apresenta em sua música um sincretismo muito bem resolvido, orgânico e pessoal no qual a matriz jazzística se destaca sem, contudo, sufocar a identidade brasileira que, por sua vez, não se impõe como ornamento kitsch” (Vitorino, 2019).

No seu disco, Amaro abriu mão dos *standards* e evidenciou sua identidade composicional. Durante a abertura dos shows e entrevistas concedidas na época de “Sangue Negro”, ele sempre deixou claro que gostaria de evidenciar seu apreço pela cultura pernambucana, das dificuldades e alegrias que o fizeram retratar em suas composições também uma expressão local. Na música “Subindo o Morro”, um frevo balada, como ele mesmo descreve, o andamento é lento, denota cansaço, lentidão de alguém que sobe com dificuldade uma ladeira. Ao Correio Braziliense ele diz: “O passo é mais lento ao subir o morro. Lá, nas escadarias do Recife, o frevo desacelera, levando, ladeira acima” (Leonardo Cavalcante, 2016).

Essa descrição da música e sua relação com ladeiras pode ser compreendida como uma releitura de um típico frevo de rua, só que na perspectiva do pianista. Essa mesma música, só que com outro formato, havia sido lançada cerca de um ano antes da estreia do álbum. O próprio pianista a gravou, só que para o disco “Relembrando PE”, do baterista Daniel Podsk.

Através desses indícios, sinalizo que o trabalho de estreia do pianista está atrelado a identidade e sotaque local. O trompetista pernambucano Fabinho Costa, de destacada carreira nacional e internacional junto a Spok Frevo Orquestra, pontuou em entrevista sobre o processo de gravação das músicas “Estudo 0” e “Sangue Negro”:

⁶⁸ Embora o documentário tenha sido estreado em festivais e em plataformas (site da rede Globo) no ano de 2020, foi apenas em novembro de 2023 que ele foi postado pela Autora (Suzanna Borba) em seu canal no YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CQ_pNTAe9E8. Acesso em: 27 jan. 2024.

⁶⁹ Site voltado para temáticas e crítica musical. Disponível em: <https://outroscriticos.com/as-veredas-do-som-amaro-freitas-trio/>. Acesso em: 18 mai. 2023.

Talvez possa incluir Amaro no *World Music*, mas de uma forma mais direcionada ao jazz. Sem perder o sotaque local. Isso é interessante, então ele tá tocando jazz, volta e meia rola umas frases de características de frevo. (...) Ele sabe se colocar, ele é local e universal ao mesmo tempo (Teaser 2 [...], 2016).

O termo *World Music*, Segundo o trabalho⁷⁰ de Janaina Cerqueira indica que:

Como gênero de mercado, o termo foi criado por um grupo de produtores e críticos ingleses há vinte anos como estratégia de marketing e veio a significar “música de origem e circulação não-ocidental, como também músicas de minorias dominadas dentro do mundo ocidental” (FELD, 1995, p. 266). Desta forma estão presentes, então, discursos centrados no imperialismo cultural e em ideias de identidade articuladas principalmente entre primeiro e terceiro mundo (CERQUEIRA, 2007, p. 7).

O trabalho do pianista gerou boas surpresas até para os experientes músicos de jazz local. Ao comentar sobre a repercussão de um artista como Amaro, o termo *World Music* logo vem à tona, traduzindo-se em uma forma de legitimar a qualidade artística fora dos EUA e Europa.

A obra de Amaro representa, por si só, tanto uma ruptura das estruturas referente a alta e baixa cultura, quanto a universalização de um movimento mundial relacionado ao jazz, que surgiu não só no Brasil, mas na Europa e também nos Estados Unidos. Entretanto, as portas internacionais só começaram a se abrir para Amaro após ele lançar seu segundo álbum, “Rasif”. Este disco teve total apoio do selo inglês *Far Out Recordings*. Eu tratarei melhor das implicações e dos desdobramentos desse trabalho na Europa e nos EUA no segundo capítulo deste trabalho.

Figura 15 - Sangue Negro é destaque no Jornal do Commercio⁷¹



Fonte: Acervo Jornal do Commercio.

⁷⁰ O título do trabalho é: Música do mundo S/A: Construção e comercialização da World Music - o caso da Putumayo Record.

⁷¹ Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/search/?q=Amaro+Freitas+>. Acesso em: 20 mai. 2023.

O sotaque presente nas composições e improvisações de Amaro, fez com que sua obra se destacasse. O piano tornou-se uma metáfora de tambor/percussão? Seria esse mais um detalhe que fez e faz do artista um destaque mundial? Ao longo desta pesquisa veremos que a ideia de “tambor de 88 teclas” é uma questão explorada em suas composições, e que o faz se destacar. Quatro anos depois de *Sangue Negro*, o pianista concede uma entrevista em maio de 2020, e destaca detalhes do início de sua carreira. Na entrevista ele diz:

[...] Quando eu começo a compor, naturalmente essa composição já sai na estética do Jazz, porque foi minha vivência dos 15 anos até entrar na universidade, com 22 anos; essa sonoridade meio Jazz, meio tradicional, meio moderno, porque minha vivência trazia isso⁷².

Ao tratarmos de temáticas relacionadas ao jazz, sangue negro, cultura brasileira e afins, as questões de negritude e ritmos afro-brasileiros estarão intrinsecamente no contexto, embora essas eram tônicas menores no Amaro Freitas estreado. Nesse sentido, as questões de representatividade nordestina, negritude e a estética visual foram temas que chegaram com muito mais força no segundo álbum. A partir daquele momento, as matérias de jornais e alguns especialistas o colocaram como representante de um jazz afro-brasileiro.

Ainda que Amaro não tivesse escancarado essas temáticas no disco ou em sua turnê de estreia, seu esforço artístico revela um percurso extraordinário, se levarmos em consideração os contextos a respeito de uma minoria social no Brasil. Tratou-se de um esforço de resistência e de luta, isto é, de expor tensões de ocupações e de espaços. Tendo ele ou não consciência disso naquela época, a estrutura social construiu um mundo em volta de Amaro Freitas que o levaria a qualquer outra vida que não fosse ser um pianista de jazz pernambucano, e muito menos que estaria (no futuro) em estúdio gravando músicas com Criolo e Milton Nascimento, por exemplo.

Na contra capa do CD físico estão descritos os alicerces do músico naquele momento. O texto revela o universo de um jovem músico agradecido à música, à família e a seus companheiros de equipe. Ele fala da sua relação com o piano e com Deus (no contexto evangélico), e não com a negritude. Isso ainda remete ao jovem do bairro de Nova Descoberta, que cresceu em um ambiente de protestantismo na periferia do Recife, e que tinha suas crenças baseadas no modelo religioso herdado por seus pais:

⁷² Entrevista publicada em 18 de maio de 2020, por Thaís Regina, representante da revista *Monkeybuzz*. Disponível em: <https://monkeybuzz.com.br/materias/subversivo-conceitual-e-brasileirissimo-amaro-freitas/>. Acesso em: 05 out. 2023.

Sangue negro é o primeiro registro autoral de minha devoção a música. O piano primeiramente me proporcionou um encontro com Deus, e a partir dele, pude exercer minha vocação e devoção à vida expressa em acordes executados no teclado ou mesmo diretamente na harpa do instrumento. Nada disso, entretanto, teria sido possível sem minha família, que sempre deu apoio irrestrito aos meus projetos. E este sonho também não poderia ter sido realizado sem a ajuda de alguns amigos e apoiadores fundamentais neste processo [...].⁷³

O lançamento do trabalho autoral foi o ápice de sua carreira até aquele momento. Ali, Freitas se mostrou apegado a sua tradição religiosa, aos valores vivenciados durante sua vida até aquele momento. Apesar dos conflitos ocasionais com autoridades do templo, se mostrou grato ao Deus dele.

Seu trabalho de estreia foi a porta de entrada para as muitas oportunidades que o pianista teria e representaria dali em diante. Os muitos festivais de jazz nacionais, bem como as entrevistas após o lançamento de “Sangue Negro”, mostram-se importantes e eficientes para o processo de iniciação do artista com o universo afro-brasileiro, repleto de questões de negritude e pernambucanidade. Contudo, sua trajetória com os festivais fora do país, sobretudo a expansão e reconhecimento internacional de sua carreira, se deu durante o lançamento do seu segundo álbum, em 19 de outubro de 2018.

Tudo isso se mostrará bastante evidente no próximo capítulo, onde as transformações estéticas do artista foram escancaradas juntamente com sua imersão na cultura de Pernambuco. Por fim, é importante demarcar que o pianista teve, na sua rede de apoio, oportunidades para expandir o seu trabalho por todo o país, amadurecendo como artista e como um representante contemporâneo da música instrumental pernambucana, com sotaque presente e evidente.

⁷³ Amaro Freitas em agradecimento no encarte do disco físico de Sangue Negro, 2016.

2 RASIF

Lançado em 2018 pelo selo inglês *Far Out Recordings*, “Rasif” é o segundo álbum da carreira do pianista. O lançamento e a turnê desse disco renderam ao músico o destaque como um dos mais notáveis artistas da nova geração de piano no jazz contemporâneo. Além disso, esse trabalho demonstrou o quanto ele estava interagindo ainda mais com as tradições pernambucanas. O artista buscou ao máximo essa aproximação. Por essa razão, o piano de Freitas se distancia até certo ponto do seu contexto mais tradicional, isto é, ligada ao lirismo, às belas melodias e às harmonias mais “convencionais”.

Músicas como “Afrocatu”, “Dona Eni”, “Trupé”, “Rasif” e “Paço” são, nesse caso, negociações com as células rítmicas hegemonicamente reconhecidas como pernambucanas. Nesse disco, o artista se coloca como um negro de Pernambuco, que faz jazz com sotaque regionalizado. Toda essa estrutura composicional diz respeito a uma memória afetiva e coletiva. Ou seja, reforça, certamente, os valores e sentimentos de pertencimento a um contexto sociocultural específico.

2.1 JAZZ HÍBRIDO E UMA RELEITURA DAS TRADIÇÕES DE PERNAMBUCO NO ÁLBUM RASIF

Em “Rasif”, Amaro Freitas se aproximou das manifestações culturais mais tradicionais do Nordeste brasileiro, sobretudo de Pernambuco. O artista amplia ainda mais seu conhecimento rítmico por meio de um contato mais rebuscado de gêneros musicais e expressões culturais mais afastadas da região metropolitana do Recife. O piano tocado por ele passou a ser uma representação melódica e rítmica das linhas percussivas dos gêneros musicais pernambucanos, tais como o maracatu e o coco arcoverdense. Por esta razão, a influência de João Donato, Capiba, Moacir Santos, Dominginhos e Lula Calixto também será evidenciada neste capítulo.

O artista consolidou-se apostando ainda mais no hibridismo cultural em seu segundo disco. Na época do lançamento do álbum, Freitas foi se tornando conhecido no Brasil e mundo afora como um artista relacionado ao jazz. Entretanto, as composições contidas no álbum são expressões que se articulam e somam forças a sonoridades de Pernambuco. Nesse sentido, ainda que a harmonia, improvisação e virtuosismo sofram influência do jazz, o andamento e as claves rítmicas indicam que essa música é híbrida, complexa e comporta uma identidade bem localizada. A respeito dessa questão, Felipe Trotta destaca que:

No processo de identificação musical, é comum também que determinadas práticas musicais estejam associadas a certos espaços geográficos e a certas épocas. Assim, tempo e espaço na música marcam portas de entrada para o compartilhamento de identidade e processamento e invenções de sentimentos de pertencimentos e de coletividades. É comum associarmos o samba ao Rio de Janeiro, o jazz a Nova Orleans, o tango a Buenos Aires, o frevo a Recife e Olinda e assim por diante. Os espaços físicos nos quais certas práticas musicais foram gestadas funcionam como elementos simbólicos que caracterizam essa música, muitas vezes reafirmada continuamente em seu repertório. (TROTТА, 2010, p. 15)

Através desses apontamentos, cabe afirmar que o processo de composição do segundo trabalho do artista é ancorado nas releituras de certas tradições que vão para além do berço do jazz. Esse processo em si remonta características de um hibridismo recorrente em gêneros tais como o jazz que saiu dos Estados Unidos e chegou ao Brasil. Cabe destacar que “muitos artistas brasileiros ligados ao choro (Pixinguinha talvez seja o principal nome) foram responsáveis pelo processo de hibridismo da música nacional com o Jazz” (MONGIOVI, 2017, p. 79). Depois destes, o pianista João Donato seria um dos responsáveis por essa mistura. Continua Mongiovi:

Este processo de fricção e posteriormente de fusão e hibridismo da música popular e regional brasileira com a música popular norte americana teve seu aperfeiçoamento e solidificação pela mão de vários artistas brasileiros e estrangeiros, sendo um dos principais o pianista e acordeonista João Donato (portanto um dos fundadores do Jazz Brasileiro). (MONGIOVI, 2017, p. 84)

João Donato foi um compositor, pianista e acordeonista brasileiro, nascido em 1934 na cidade de Rio Branco, estado do Acre. O pianista tinha como principais características uma versatilidade musical acentuada. Transitava entre os ritmos latinos tais como a salsa e o bolero: “[Donato] modernizou ritmos nacionais como o baião, a bossa e o samba. Apesar de já estar fazendo sua mistura de estilos brasileiros com o Jazz desde o início da década de 1950” (MONGIOVI, 2017).

Donato tem um papel fundamental no desenvolvimento da música instrumental brasileira junto ao jazz, tendo participação na difusão da bossa nova pelo Brasil e também no exterior, especialmente

“[...] nos Estados Unidos, onde atuou sobretudo em cassinos. Foi lá que se aproximou da música caribenha e de seus desdobramentos sobre o jazz. Integrou importantes orquestras como as de Cal Tjader, Mongo Santamaría, Tito Puente e Johnny Martinez.” (FMCB, 2022)⁷⁴

⁷⁴ Fonte: site do Festival de Música Contemporânea. Disponível em: <https://fmcbr.com.br/joao-donato/>. Acesso em: 05 out. 2023.

A menção a João Donato como uma das referências de um processo híbrido entre o jazz e a música brasileira, bem como aos registros da chegada do jazz ao Brasil no primeiro capítulo, serve para destacar como o gênero tende a se adaptar a contextos culturais diversos, forjado a partir das habilidades técnicas oriundas de outros estilos musicais.

João Donato foi um dos pioneiros do processo e difusão de um jazz brasileiro, e Amaro reconhece o valor e prestígio de Donato. Na entrevista publicada em 18 de maio de 2020, Thaís Regina, representante da *Monkeybuzz*⁷⁵, destaca:

“Seus dois discos, tão insurgentes para o Jazz e excêntricos para a música brasileira, lhe renderam prestígio, especialmente entre curadores, músicos e musicistas; nas idas e vindas de festivais (Amaro) teve alguns encontros com João Donato” (Thaís Regina, 2020).

Ao lembrar desse encontro, Amaro diz: “Por fora, ‘Pô, João, tudo bem?’, por dentro, pulando que nem uma criança” (Thaís Regina, 2020).

Embora Amaro não cite Donato diretamente em sua obra, é possível validar o fato de que, mesmo indiretamente, o pianista acreano representa uma lente que ajuda a entender parte da construção de Freitas enquanto um pianista de jazz brasileiro. Além de Donato, constam outros principais nomes que o artista já mencionou em entrevistas, releituras e homenagens.

A abertura dessa lista de influências começa com Capiba. Em entrevista ao jornalista Leonardo Cavalcanti, do *Correio Braziliense*, em dezembro de 2016 (ano de lançamento do seu debut), Amaro Freitas ouve a pergunta: “Sangue negro é cheio de referências, mas quais são as suas influências diretas?”, a qual responde da seguinte forma:

Capiba, em primeiro lugar. Quando estava no período do Conservatório, ganhei um livro do Capiba e fiquei encantado com aquela descoberta. Ali tinha choro samba, maxixe, frevo, mas tudo tão mais lento, ao contrário dos frevos tocados nas ruas. Capiba era um pianista precioso. Aquilo despertou a minha curiosidade, a possibilidade de tocar frevo e maracatu, ritmos mais percussivos no piano, sendo capaz de trazer referências ocidentais para um estudo mais regionalizado, destacou o pianista (Leonardo Cavalcanti, 2016).⁷⁶

A resposta de Amaro dá indícios de que o hibridismo musical é uma peça importante em sua trajetória, e que Capiba seria uma das fontes dessa inspiração. Natural do município de

⁷⁵Fonte: revista eletrônica Monkeybuzz. Disponível em: <https://monkeybuzz.com.br/materias/subversivo-conceitual-e-brasileirissimo-amaro-freitas/>. Acesso em: 05 out. 2023.

⁷⁶Fonte: Jornal Correio Braziliense. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/12/10/interna_diversao_arte,560724/amaro-freitas-mistura-o-jazz-ao-frevo-em-sangue-negro.shtml. Acesso em: 05 out. 2023.

Surubim, em Pernambuco, Capiba é considerado um dos maiores compositores de frevo pernambucano. Além dos frevos, e outros gêneros populares, foi responsável direto pela criação da Jazz Band Acadêmica de Pernambuco.

Segundo o pesquisador Leonardo Saldanha⁷⁷, sua experiência com o formato *big band* iniciou no tempo em que vivia na Paraíba, onde integrava a *Jazz Campinense*, grupo dirigido pelo seu irmão Sebastião. Tempos depois, após passar num concurso para o Banco do Brasil, Capiba veio trabalhar no Recife.

Empossado e em plena atividade bancária, Capiba paralelamente começou a se movimentar com o intuito de tornar realidade a ideia de formar uma *jazz-band*. Essa ideia já não era nova para ele. Um sonho que vinha desde os tempos da Paraíba, na cidade de Campina Grande, onde residia, e era inspirada nos exemplos da *Campinense* e da *Independência*. Porém, sua ideia era concretizar esse sonho em um centro maior mais especificamente no Recife, já que, além de ser pernambucano nascido na cidade de Surubim, era um fã incontestante da música pernambucana, tendo inclusive, já inscritas composições dentro do estilo carnavalesco deste estado desde os idos de 1925, de quando datam as suas “Vela Branca no Frevo” e “Pia pra cara” (SALDANHA, 2008, P. 140-141).

Foi através do contato com a obra de Capiba que Amaro Freitas (como estudante), ainda no Conservatório Pernambucano de Música, teve acesso a possibilidades de gêneros musicais que se mesclavam. Nesse sentido, o acesso a livros e discos permitiu que o artista tivesse alguém em quem se apoiar ou ter como referência. Nesse fluxo, aponta Canclini:

As tecnologias de reprodução permitem a cada um montar em sua casa um repertório de discos e fitas que combinam o culto com o popular, incluindo aqueles que já fazem isso na estrutura das obras: Piazzola, que mistura o tango com o *jazz* e a música clássica; Caetano Veloso e Chico Buarque, que se apropriam ao mesmo tempo da experimentação dos poetas concretos, das tradições afro-brasileiras e da experimentação musical pós-weberiana. (CANCLINI, 1998, p.304)

Temos no álbum “Sangue Negro” o início desse processo de hibridação que foi se ampliando e tomando proporções ainda maiores como registrados no Rasif, álbum que nos dedicaremos (ainda nesse tópico) a explicar e descrever como se desenvolveu.

No entanto, antes disso, é importante destacar que Moacir Santos foi outra figura importante que o Amaro chegou a citar. Em 2020, dois anos após o lançamento de Rasif, em entrevista a Thaís Regina (*Monkeybuzz*⁷⁸), Amaro foi impulsionado a responder a respeito de

⁷⁷ O pesquisador foi responsável pela tese intitulada “Frevendo no Recife: música popular urbana do Recife e sua consolidação através da rádio”, ano de 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2008.428999>. Acesso em: 03 jun. 2023.

⁷⁸ Fonte: Revista eletrônica *Monkeybuzz*. Disponível em: <https://monkeybuzz.com.br/materias/subversivo-conceitual-e-brasileirissimo-amaro-freitas/>. Acesso: 05 out. 2023.

como ele teve acesso a referências/influências musicais pernambucanas. Naquele momento ele não mencionou Capiba, e sim Moacir. Em resposta a Thais, que havia lhe perguntado sobre seu “top 3” de influências pernambucanas, o pianista referiu-se ao álbum:

“‘*Coisas*’ (1965), de Moacir Santos, porque quando eu descobro esse disco no meio disso tudo, ele é o único que traz a africanidade tão forte. Esse cara estava preocupado com orquestração de Jazz e com as claves afro que a gente tem como herança” (Thais Regina, 2020).

Natural do município de Flores do Pajeú, sertão pernambucano, Moacir Santos desempenhou ao longo de sua carreira uma vasta experiência no campo da música instrumental. Assim como Capiba, atuou em *jazz bands*. Segundo Sérgio Bahia, ele foi:

Um instrumentista, regente, compositor e arranjador de crescente destaque no meio artístico nacional, notadamente a partir de finais da década de 1940. A música que desenvolveu pode ser contextualizada, num primeiro momento, por sua própria trajetória de vida, tendo em vista a maneira como ambas se fundem. (BAHIA, 2018, p. 24).

Moacir Santos cresceu nas décadas de 1930 e 1940 como multi-instrumentista em bandas do interior de Pernambuco, adquiriu conhecimento e experiência musical através do choro, valsas, marchas, xotes e gêneros diversos. Foi saxofonista de *jazz bands* e das *big bands* da Rádio Clube do Recife, da Rádio Tabajara de João Pessoa, até chegar à renomada Rádio Nacional do Rio de Janeiro em 1948. Foi regente, arranjador e diretor musical em veículos de comunicação como a TV Record de São Paulo e a Rádio Nacional do Rio.

Com base nesses detalhes descritos por Sérgio Bahia em sua Tese “Processos composicionais de Moacir Santos: subsídio para uma criação autoral”, faz todo sentido apresentar a obra Rasif de Amaro como uma extensão dos fatores socioculturais que foram tecendo a trajetória musical de Moacir Santos. Deste modo,

É possível afirmar que o disco *Coisas* cristalizou uma síntese entre matriz afro-brasileira, gêneros da música popular urbana e influências eruditas que difere bastante das demais correntes a ele contemporâneas – bossa nova, samba *jazz* etc. (BAHIA, 2018, p.26).

Assim, é possível inferir que Santos foi uma das fontes de inspiração para Amaro e para outros artistas de gêneros parecidos.

Figura 16 - Capa LP Coisas⁷⁹

Fonte: Portal CBN.

Esse disco é conhecido por sua maturidade em aspectos musicais híbridos. Isto é, o LP traz uma valorização da cultura africana nos arranjos de percussão com a utilização de instrumentos como berimbau, atabaques e agogô. Segundo o apresentador e produtor Robson Santos do programa “Música é Cultura” da CBN, “coisas” era a forma como Moacir se referia as suas músicas ao apresentar aos amigos. De certa maneira, como complementa Sérgio Bahia:

Esse disco representa a um só tempo a coroação de uma maturação criativa e o início de uma nova fase do compositor. [...] Em sua proposta a percussão afro-brasileira, sobretudo os toques de Candomblé, une-se à sonoridade de uma *big band* reduzida, incluindo trompa e flauta, a sugerir ligações com a instrumentação enxuta e de inspiração erudita dos conjuntos de *cool jazz* americano a partir dos anos 1950, e com as bandas de interior nas quais Moacir crescera. Some-se a isso um controle formal rigoroso conseguido, entre outros procedimentos, pela capacidade de variação a partir de pouquíssimo material rítmico-melódico, pelas diversas mudanças de orquestração e textura, e pelo destaque de *voicings* e contracantos apenas em momentos pontuais das peças, que em geral conferem ênfase às linhas melódicas dobradas em uníssono e oitavas. A ambiguidade modal, o uso de pedais e *ostinatos*, a complexidade rítmica (sobretudo, de informação afro-brasileira); e, por fim, a simetria empregada em procedimentos harmônicos, melódicos e formais, entre outros, são aspectos característicos dessa proposta (BAHIA, 2018, p.26).

A complexidade da “acentuação rítmica” contida neste álbum seria um dos marcos que essa obra chegou a contribuir para a história da música moderna brasileira. De tal modo, a

⁷⁹Disponível em: <https://portalcampinas.com.br/2019/11/o-elogiado-lp-coisas-do-arranjador-moacir-santos-projeto-considerado-a-sintese-de-sua-obra/>. Acesso em: 10 out. 2023.

complexidade de Santos está presente na obra de Amaro, que lhe rendeu reconhecimento fora do país: em 2018, a revista *Downbeat* destacou: “*The rhythmic complexity of Amaro Freitas’ trio is dizzying*” (A complexidade rítmica do trio de Amaro Freitas é vertiginosa).⁸⁰

Sobre o termo rítmico, muito usado no contexto musical latino-americano, sobretudo brasileiro, é geralmente inserido em termos como: acento rítmico. O autor Bohumil Med define o “acento” como “a modulação da voz que expressa o sentido do discurso musical ou recitação uma intensidade maior atribuída a determinada nota de um desenho, frase ou período musical” (MED, 1996, p. 141). Dessa forma, podemos compreender que acento rítmico consiste quando é dada certa ênfase a um movimento de um ritmo ou andamento que se acentua tanto na forma abrupta ou gradual de uma nota ou figura musical.

Uma utilização prática de uma acentuação rítmica está presente na síncope, muito utilizada na música brasileira, sobretudo no contexto musical pernambucano. A síncope, por sua vez, é

um som articulado sobre tempo fraco ou parte fraca do tempo e prolongado até o tempo forte ou parte forte do tempo; é a suspensão de um acento normal do compasso pela prolongação de tempo fraco ou parte fraca de tempo para o tempo forte ou parte forte do tempo. (MED, 1996, p. 143).

Figura 17 - Representação de figura rítmica⁸¹



Fonte: Representação extraída do artigo do Prof. Dr. Carlos Sandroni.

Além disso, Carlos Sandroni destaca que

A presença desta figura rítmica na música brasileira do século XIX e início do XX é tão marcante que levou Mário de Andrade a cunhar a expressão “síncope característica” para referir-se a ela, termo discutível, mas consagrado pelo uso, que será adotado aqui por comodidade. Trata-se da fórmula conhecida

⁸⁰ Fonte: Matéria da revista *Downbeat* sobre música Trupé de Amaro Freitas. Disponível em: <https://downbeat.com/?/news/detail/premiere-amaro-freitas>. Acesso em: 10 out. 2023.

⁸¹ Figura rítmica sincopada. A representação/exemplo foi extraída do artigo de Carlos Sandroni, disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Sandroni-paradigma_tresillo.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

internacionalmente como “ritmo de habanera”. O termo é enganoso por dar a entender que foi a habanera que introduziu este ritmo na música latino-americana. (SANDRONI, 2002, p. 102).

Esta decisão de demonstrar não só os conceitos – mas também as figuras rítmico-musicais que estruturam a música popular brasileira – é a maneira que encontrei de sintetizar um dos principais pilares que sustentam as composições de Amaro Freitas, influenciada pela obra de Moacir Santos, por exemplo. Além disso, vale ressaltar que a música pernambucana é repleta de síncopes, embora esse termo seja motivo de debates entre músicos pelo fato de sua origem pertencer a um contexto de teorias musicais oriundas da Europa. Contudo, esse não é um debate simples, principalmente quando tratamos de hibridações culturais. Nesse caso, apego-me a forma como Isabela Coutinho destacou essa temática:

Sem cair em meandros da teoria musical, basta dizer que a síncope é uma alteração inesperada no ritmo, causada pelo prolongamento de uma nota emitida em tempo franco sobre um tempo forte. Na prática a síncope rompe com a constância, quebra a sequência previsível e proporciona uma sensação de vazio que logo é preenchida de forma inesperada. (SIMAS, RUFINO, apud COUTINHO, 2018 p. 06).

Dentro do que tratamos sobre síncope, podemos então destacar outro artista pernambucano que se utiliza recorrentemente de acentuações rítmicas em suas estruturas melódicas e até harmônicas durante o processo de composição: Dominginhos. Sua contribuição no universo do jazz brasileiro foi a partir de um olhar mais regionalizado. Sua trajetória também alcançou Amaro, afinal, Dominginhos também olhou para as tradições, e durante sua carreira deu conta e integrou a expansão de um jazz híbrido em território nacional.

No capítulo anterior, já tínhamos citado o quanto Dominginhos foi uma figura importante. Para além de uma representação nordestina, o sanfoneiro executou através da sanfona os gêneros baião e forró das formas mais “tradicionalistas”, tal como foi difundido. O historiador Gustavo Alonso destaca que:

Em setembro de 1987 Dominginhos foi convidado para tocar no Free Jazz Festival, no Centro de Convenções do Anhembi, na capital paulista. A escalação gerou controvérsia. Como Dominginhos abriria a noite do dia 8 de setembro, sofreu preconceito logo de cara, como contou a jornalista Rosângela Petta, do Jornal do Brasil: “Muita gente – e isso quer dizer a grande maioria das pessoas que superlotaram o Palácio das Convenções do Anhembi – chegou mais tarde, apostando no tom ‘fraco’ da sanfona de Dominginhos, escalado para abrir o show”. O repúdio a Dominginhos não era mero preconceito por suas origens nordestinas. Havia entre os jazzistas um repúdio generalizado e histórico a seu instrumento, a sanfona. O

aclamado historiador inglês Eric Hobsbawm escreveu em seu livro ‘História social do jazz’: “Ninguém conseguiu ainda produzir jazz de qualidade com acordeon”. A presença de Dominginhos no festival representava aquilo que os puristas do gênero mais detestavam. O Free Jazz Festival era muito criticado pelo público mais exigente do jazz por ser uma salada mista de vários estilos musicais. E o acordeon era visto como um instrumento alheio à tradição jazzística. A marca de “forrozeiro” parcialmente cultivada por Dominginhos tampouco ajudava. (ALONSO, no prelo, s/p).

Entretanto, parte da carreira de Dominginhos foi composta pelo hibridismo, inclusive, com o jazz. Sua sanfona contribuiu tanto para uma música mais técnica e improvisada, quanto para fins mais comerciais do forró e baião. Nesse sentido, atendeu a públicos variados e alguns meios de comunicação enxergaram isso em sua obra: “A revista *Música* [no ano XX] afirmou que existiam ‘dois Dominginhos’, um voltado para o povão, e outro mais refinado, jazzístico [...]” (ALONSO, no prelo, s/p).

Figura 18 - O jazz do sanfoneiro Dominginhos⁸²

O jazz do sanfoneiro Dominginhos

POR BERNARDO COSTA · 15 DE JANEIRO DE 2016



Fonte: *screenshot* do blog “Coisas da música”.

Em 16 de outubro de 2017, quase um ano antes de Amaro lançar seu Álbum “Rasif”, o pianista lançou em seu canal do YouTube uma performance de 9m34s da música “Lamento Sertanejo”⁸³ de autoria de Dominginhos e Gilberto Gil. Nesta performance é notória a aproximação e a valorização do pianista com elementos rítmicos sincopados. O piano é

⁸² Fonte: *Screenshot* da página de um blog de artigos musicais chamado “Coisas da música”. Disponível em: <https://coisasdamusica.com.br/o-jazz-de-dominginhos/>. Acesso em: 11 out. 2023.

⁸³ O videoclipe de Lamento Sertanejo por Amaro Freitas encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ORpwbkLlpJ4>. Acesso em: 11 out. 2023.

explorado para além das teclas em harmonias dissonantes. As cordas contidas na cauda serviram-lhe como um instrumento percussivo executado com uma complexidade rítmica ainda não explorada pelo pianista até então. Essa complexidade o acompanharia dali para frente. “Rasif”, portanto, é o primeiro exemplo desse movimento.

Anos depois, em 2020, Amaro apresentou outra releitura de Lamento Sertanejo ao lado do bandolinista brasileiro Hamilton de Holanda no Rio Montreux Jazz Festival, um dos mais cobiçados festivais de música instrumental do país. Posteriormente, em 06 de abril de 2021, Amaro participa de uma mostra musical chamada Em Casa Com o Sesc, transmitida e promovida pelo Sesc São Paulo. A apresentação online estava inserida no contexto de distanciamento social vivida por brasileiros e diversos países do mundo através da pandemia ocasionada pela COVID-19.

No meio do repertório tocado pelo pianista, estavam clássicos do jazz e bossa nova como “Footprints” (Wayne Shorter), “Chega de Saudade” (Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes) e “Wave” (Antônio Carlos Jobim). Além destas, “Lamento Sertanejo”. Amaro chega a ler naquele momento algumas respostas de pessoas que o acompanhavam durante a transmissão. Vanilson Alves de Lima, um internauta que acompanhava a live no momento, escreveu: “Amaro e Dominginhos: talentos pernambucanos em dupla”. O pianista, então, responde::

Viva o mestre Dominginhos! Essa música [referindo-se à “Lamento Sertanejo”], toda vez que eu toco ela eu me arrepio, eu fico emocionado, sabe? É como se eu tivesse realmente levantando toda essa situação que é quando a gente observa o sertão, quando a gente viaja muito para o interior do nordeste. de entender o homem com a terra, com os animais, com a chuva, o tempo e as estações do ano. Eu sinto tudo isso quando eu toco essa música do Dominginhos (AMARO FREITAS [...], 2017).

Mediante ao que foi exposto, podemos destacar que o trabalho de Dominginhos exerce forte influência no Amaro, que se reconhece, antes de tudo, homem negro e nordestino. Entretanto, Dominginhos não teve inicialmente uma aceitação tão fácil quanto Amaro diante dos críticos musicais de sua época, tal como foi apresentado pelo historiador Gustavo Alonso – e como me aprofundarei no terceiro capítulo. Apesar disso, Amaro utilizou-se dessa referência antes, durante e depois de lançar o álbum “Rasif”. Dessa vez, tal referencial foi notoriamente aceito e absorvido pelo seu público de forma muito menos conturbada.

A partir daqui, destacarei a figura de Lula Calixto, que foi outra das referências declaradas de Amaro. Sua contribuição se deu na construção das bases rítmicas da música

“Trupé”, faixa 2 do álbum “Rasif”. Essa música usa bases do coco trupé, modalidade do coco difundida pela família Calixto no município de Arcoverde-PE.

O espaço da ocorrência do Coco arcoverdense passou historicamente a identificar este gênero como uma modalidade variante daquela antes praticada nos terreiros de senzalas. Conforme relata Assis Calixto, as festas aconteciam nos arredores dos sítios e fazendas de grandes proprietários de terras, como também em vilas e casas de zonas vizinhas a centros urbanizados. A história social, econômica e política do espaço geográfico de ocorrência do Coco de Roda, aliada a particularidades dos contextos de sua realização, determina o formato específico que diferencia as formas de se brincar o Coco. O clima de diversão e informalidade é dinamizado por comidas e bebidas oferecidas pelo dono da festa, quando o Coco é destinado a comemoração ou fins privados (casamentos, batizados, etc), ou quando o contexto é público da comunidade. Momento em que as comidas e bebidas são comercializadas nos arredores do palco ou sala de realização da dança. (VILELA, 2018, p. 36).

O repórter e documentarista Pedro Stropasolas, no artigo “Samba de coco: a história da família que faz do ritmo a própria natureza do Brasil”⁸⁴, aponta que:

A história do Samba de Coco em Arcoverde (PE) é a história de um resgate. Isto porque, em 1987, quando morre Ivo Lopes, o primeiro conquistador da cidade, o ritmo se apaga e quase desaparece do universo cultural do município. Foi aí que surge o protagonismo de Lula Calixto, irmão de Assis. Em 1992, a partir de uma conversa com Maria Amélia, responsável pela Secretaria de Cultura de Arcoverde no período, Lula resolveu criar o Samba Coco Raízes de Arcoverde, unindo as três famílias coquistas da cidade: Calixto, Lopes e Gomes. “Ela (Maria) foi em Recife, comprou surdo, triângulo, pandeiro, ganzá, um figurino, e disse que agora vocês vão andar, levar a cultura à frente. E foi isso que aconteceu. Em 1996 já começamos a ir às escolas”, relembra o mestre Assis. (VERÍSSIMO, 2022).

Segundo o pesquisador Reginaldo Vilela de Lima, Luiz Calixto Montenegro nasceu em 10 de outubro de 1942 em Custódia-PE, mas adotou Arcoverde como sua cidade. (VILELA, 2018, p. 42). Ao seguir com sua família na difusão do gênero em si, em 1993, Lula Calixto juntou-se a família Lopes e seu Biu Neguinho. Dessa junção nasceu o Samba de Coco Raízes de Arcoverde, e por lá permaneceu até o ano de 2008.

⁸⁴ VERÍSSIMO, Vivian, Samba de coco: a história da família que faz do ritmo a própria natureza do Brasil de fato, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/08/01/samba-de-coco-a-historia-da-familia-que-faz-do-ritmo-a-propria-natureza-do-brasil>. Acesso em: 13 out. 2023.

Figura 19 - Fotografia de Lula Calixto⁸⁵



Fonte: *Screenshot* de uma fotografia de Lula Calixto, retirada do blog de César Carvalho.

Dando continuidade ao processo, Cícero Gomes (e família) e Biu Neguinho juntaram-se para criar o Samba de Coco Trupé de Arcoverde em 2009. Com seu surdo, Calixto criou a batida que é seu “repique” de escola de samba. Desse modo, surge o ritmo da terra do Coco de Arcoverde. Sobre esta modalidade do coco arcoverdense pode-se destacar que:

O trupé representa um tipo específico de batida, que irá resultar em uma sonoridade distinta dos demais grupos. É preciso compreender, portanto, por meio desta perspectiva de dançar o Coco suas variações no Nordeste brasileiro. Em Arcoverde-PE também foram se desenvolvendo formas diferentes de brincar Samba de Coco e o trupé se constituiu em uma delas. (VILELA, 2018, p. 44)

Em 2021, Amaro apontou-me em entrevista quais foram os principais personagens e as condições que serviram como norte na construção das composições de seu segundo álbum. A resposta dele é simples e direta⁸⁶: Lula Calixto e o coco trupé estão lá. O elo se dá justamente pela base rítmica dessa modalidade, completamente inserida na estrutura rítmica e melódica da faixa “Trupé”.

Mesmo morando em um contexto urbanizado da capital de Pernambuco, Amaro buscou nas tradições do interior de Pernambuco uma inspiração que iria além do jazz. Essa iniciativa do artista foi o que potencializou o sotaque híbrido contido na estrutura composicional de “Trupé”. O que temos é, portanto, um jazz pernambucano, composto a partir de uma interlocução entre Recife e Arcoverde.

⁸⁵ *Screenshot* de uma fotografia de Lula Calixto, retirada do blog de César Carvalho. Disponível em: <https://arcoverdeminhacidade.webnode.com.br/>. Acesso em: 13 out. 2023.

⁸⁶ A entrevista foi concedida através da plataforma de transmissão Zoom, durante uma oficina musical cujo título era: O jazz autoral: influências, processos e criações /aula 2: Rasif.

Nesse sentido, pensar a partir dos processos culturais hibridizados faz total sentido quando tratamos do segundo trabalho de Amaro Freitas. Sobre isso, descreve Canclini que o lugar

a partir do qual vários milhares de artistas latino-americanos escrevem, pintam ou compõem músicas já não é a cidade na qual passaram sua infância, nem tampouco é essa na qual vivem há alguns anos, mas um lugar híbrido, no qual se cruzam os lugares realmente vividos. (CANCLINI, 1997, p. 327).

“Rasif” dispõe de nove faixas. Entretanto, irei ater-me a apenas cinco delas: “Dona Eni”, “Trupé”, “Rasif” e “Paço”. Escolho estas partindo do pressuposto de que se encaixam perfeitamente em um contexto hibridizado. Além dessas quatro citadas, tratarei também de “Afrocatu”, música que fecha o álbum. Apesar de o pianista não destacá-la na entrevista, ela corrobora a ideia de hibridismo aqui discutida.

Figura 20 - Capa do Álbum Rasif⁸⁷



Fonte: *Screenshot* da foto de Helder Tavares para divulgação do álbum.

No dia 28 de outubro de 2021, participei de uma oficina do artista, sobre o processo criativo do “Rasif”. O título formal da oficina era: “O jazz autoral: influências, processos e criações /aula 2: Rasif”. Naquela ocasião, o artista disse que, quando começou o processo de composição da obra, ele se viu mais próximo das tradições pernambucanas. Sua companheira

⁸⁷Fonte: *Screenshot* da foto de Helder Tavares para divulgação. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2018/12/06/pianista-amaro-freitas-faz-album-rasif-pegar-fogo-na-pisada-do-jazz-com-que-toca-ritmos-nordestinos-como-baiao-coco-e-frevo.ghtml>. Acesso: 13 out. 2023.

Ele apresentou então uma obra de Marcelino Freire chamada “Rasif - mar que arrebenta”. A palavra em questão, aponta Freire, vem do árabe.

Ali, naquela oficina, me adiantei com uma pergunta que, de maneira espontânea, surgiu a partir das colocações dele sobre o processo de transição entre o primeiro e segundo álbum.

Pesquisador: Sangue Negro (primeiro álbum) seria mais “jazzístico” do que Rasif (segundo álbum)?

Entrevistado/Amaro: Não seria apenas isso, acontece que no momento de Rasif estava vivendo um momento de conexão com a cultura local e também com o litoral da Zona da Mata Norte, além disso, numa fase intensa de estudos com o trio.

A partir desse mote, Amaro engatou em uma conversa sobre improvisação, conceitos harmônicos, padrões não convencionais, estruturas melódicas e desenvolvimento rítmico/técnico. Esse foi o tópico que tomou a maior parte da oficina. Em outro momento de perguntas, contudo, não poderia perder a oportunidade de pedir uma explicação mínima sobre as músicas do álbum.

Freitas falou brevemente sobre “Dona Eni”, “Trupé”, “Rasif” e “Paço”. Por conta do tempo, ele começa a pontuar alguns pequenos e importantes detalhes. São eles:

Dona Eni: uma senhora que conheceu durante suas turnês pelo Nordeste, sempre que possível ficava hospedado na casa dela no Ceará durante as viagens. Por lá comia sempre “baião de dois”.

Trupé: está relacionada à vivência e à aproximação dele com o município de Arcoverde-PE. Além disso, imprime seu contato com a obra e o legado deixados por Lula Calixto e o Coco Arcoverdense.

Rasif: a música é uma tentativa de representar, por meio de tempos quebrados (levando em consideração as figuras rítmicas), ondas do mar batendo/quebrando na costa.

Paço: a música é uma homenagem do artista ao já citado museu e centro cultural Paço do Frevo, localizado no Recife.

A música “Afrocatu”, por sua vez, é a faixa que fecha o segundo álbum do artista. O título já sugere o tema que a música está trazendo como referência ao longo de seus 5 minutos e 23 segundos. Essa obra apresenta uma forte expressão de um hibridismo cultural. Dotada de uma identidade regional muito presente, toda a parte rítmica expressa no piano demonstra a relação do autor com alguns aspectos e estilos presentes na cultura pernambucana,

precisamente no que se diz respeito ao legado da cultura africana que se acentua como algo visceral durante a aplicação dos elementos rítmicos contidos na música.

“Afrocatu” contém certas transgressões vinculadas ao improviso e a liberdade musical, características hegemonicamente reconhecidas e relacionadas ao universo do Jazz. Nesse sentido, o pesquisador e sociólogo Eric Hobsbawm destaca que o “jazz é uma música de executantes. Tudo nele está subordinado à individualidade dos músicos [...]” (HOBSBAWM, 1989, p. 45). Além disso,

É, portanto, natural que a improvisação individual ou coletiva tenha uma importância muito grande para o jazz. [...] Os músicos de jazz costumam ter, frequentemente, um repertório muito pequeno, e as possibilidades de improvisação sobre determinado tema são muito limitadas, para que não haja uma certa padronização de suas interpretações. (HOBSBAWM, 1989, p. 46).

Se separarmos a palavra “Afrocatu” teremos: “afro”, que nos remete a África, africanidade e afrobrasilidades, e “Catu”, referência direta ao maracatu pernambucano. Com efeito, Fabielly Santos Brito destaca que “o maracatu é uma expressão cultural com presença significativa no estado de Pernambuco” (BRITO, 2020, p.08). De acordo com a autora:

Para Mario de Andrade, os maracatus seriam a versão mais próxima aos Congos primitivos. E teria sido em Pernambuco o lugar em que o maracatu atingiu significação e expressão máxima. Consideradas por ele danças dramáticas, “sempre aludem a práticas religiosas, trabalhos, guerras e festas da coletividade”. Sua análise parte do próprio termo “maracatu”. Segundo Mario de Andrade, há duas possibilidades de interpretação da palavra; a primeira delas vem do guarani, e significaria “som do maracá” (instrumento ameríndio); a segunda remete à guerra, à revolução e à desordem (idem).

Com isso, ousou dizer que a música “Rasif”, faixa-tema do álbum, nem de longe carrega a força simbólica e de representatividade exercida por “Afrocatu”. A faixa é, portanto, símbolo da memória e conexão com a cultura popular e da identidade pernambucana e afrocentrada.

Nela acontece, simultaneamente, um diálogo rítmico e melódico entre o piano, o baixo acústico, o saxofone, e a bateria. Esses recursos são explorados em uma base sincopada do maracatu. Desse modo, os diferentes timbres, ainda que complexos em sua aplicação técnica, complementam-se de forma homogênea. Essa complexidade tonal e sincopada é um dos pontos fortes evidenciados na composição do pianista, que se utiliza do maracatu para expressar a força desse movimento cultural pernambucano.

Assim, “Afrocatu” expressa simbolicamente uma cultura negra pernambucana que

dialoga e se conecta com uma cultura negra oriunda dos EUA. Uma vez que o gênero escolhido pelo artista para expressar sua regionalidade foi o jazz, esses aspectos constroem uma hibridação cultural na obra de Amaro.

Ao tratar da cultura nacional e seus mais variados aspectos de interlocução cultural, destaco que a obra de Amaro pode ser analisada como uma das formas de continuidade dos hibridismos musicais brasileiros. Os artistas e mestres até aqui retratados demonstram que Amaro não está sozinho nesse processo. Junto a ele, há uma miríade de pioneiros nesse terreno fértil brasileiro, sobretudo pernambucano.

João Donato, Dominginhos, Capiba, Moacir Santos, Lula Calixto são apenas alguns nomes trazidos até então neste capítulo. Teremos mais personagens a seguir, assim como já tivemos outros no capítulo anterior. Nesse sentido, o começo deste capítulo destacou que, em “Rasif”, Amaro deu continuidade – claro que com especificidades na maneira de compor – às expressões musicais hibridizadas e compartilhadas pelos baluartes acima citados. Entretanto, vale sempre apontar que as expressões de Freitas estão inseridas em um contexto mais contemporâneo, ainda que se utilizando e revisitando as tradições pernambucanas.

Com base no que foi posto até esse momento, é válido afirmar que o jazz executado por Freitas, no contexto de “Rasif”, é composto por diferentes gêneros e trajetórias que formam expressões culturais tipicamente nordestinas, sobretudo no estado de Pernambuco. Trata-se, então, de um jazz *híbrido*.

2.2 PERNAMBUCANIDADE E A TRANSFORMAÇÃO ESTÉTICA DO PIANISTA

No álbum “Rasif”, é possível investigar o quanto Amaro se engaja em temas que potencializam pautas afro-brasileiras. A busca pela representação e construção de uma identidade negra/nordestina fica em total destaque nesta obra.

Seguindo isso, Amaro Freitas passa por uma transformação de alcance estético visual e também musical. As questões que envolvem o orgulho de pertencer a uma “raça/etnia” lhe atravessam de forma bastante marcante naquele período. Apesar de não pertencer a grupos ou movimentos negros específicos, o artista vai se aproximando cada vez mais das temáticas identitárias da negritude e pernambucanidade através da sua arte. Desse modo, é legítimo destacar o quanto essa obra trata da manutenção de uma memória coletiva, embasadas em tradições e saberes populares de Pernambuco.

A cultura popular carrega essa ressonância afirmativa por causa do peso da palavra “popular”. E, em certo sentido, a cultura popular tem sempre sua base em

experiências, prazeres, memórias e tradições do povo. Ela tem ligações com as esperanças e aspirações locais, tragédias e cenários locais que são práticas e experiências cotidianas de pessoas comuns (HALL, 2003, p. 340).

Além das músicas já descritas e apresentadas no último tópico, destaco agora a música “Vitrais”. Ela é a sétima música do álbum, e, tal como as músicas já citadas, apresenta uma complexidade rítmica bastante acentuada. No entanto, a ideia de trazê-la a esse contexto fez-se necessário pelo valor simbólico e estético que a mesma pode vir a propor: se tratando de memória, os vitrais contidos nas igrejas situadas em Recife, Olinda e outras regiões mais afastadas da zona metropolitana demonstram diversas histórias e desdobramentos sociais e religiosos.

O pesquisador Ricardo Nunes define o vitral como

um painel composto de vidros coloridos e pintados, dispostos sobre uma base feita de estanho, estes painéis, muito usados na arquitetura gótica, tinham a finalidade de preencher grandes espaços criados nas paredes com a finalidade de possibilitar a entrada de luz no ambiente (NUNES, 2012, p. 16).

Nessa esteira, Michael Pollak indica que

O patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias (POLLAK, 1989, p. 03).

Nesse sentido, a música nos leva para uma tradição recorrente na cidade. Em 2012, o site G1 publicou em sua página informações a respeito de um convite para uma incursão no “Circuito dos Vitrais Sacros”. O objetivo dessa incursão era apresentar parte da história do município através de seus vitrais e igrejas. O título da chamada era: “Circuito dos Vitrais Sacros revela história da capital pernambucana”.

Parte do convite indicava que

Recife possui um dos acervos de vitrais mais ricos do País. A técnica, um tipo de vidraça composta por pedaços de vidros coloridos, representando, geralmente, cenas ou personagens, chegou ao Brasil no século 19, por meio do alemão Conrado Sorgenicht (G1, 2012)⁸⁸.

A peça “Vitrais” seria, portanto, uma forma de “arquitetura musical” que Amaro criou para expressar o Recife e sua história. Uma das interpretações possíveis, a partir do que foi

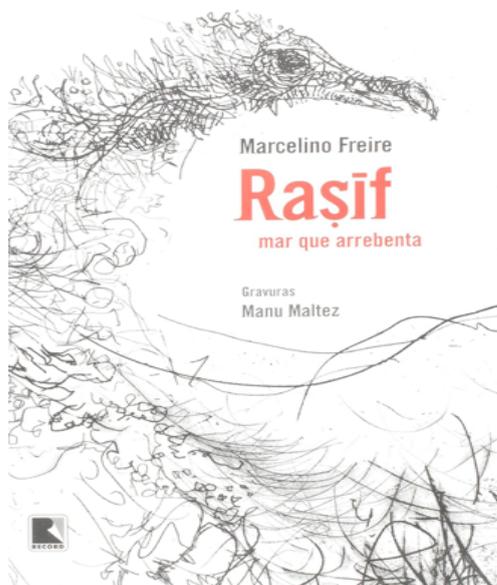
⁸⁸A matéria completa encontra-se no site do G1, disponível em: <https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2012/08/em-pe-circuito-dos-vitrais-sacros-revela-historia-do-recife.html>. Acesso em: 14 out. 2023.

apresentado, é que a peça instrumental levanta uma expressão que visa fomentar uma memória coletiva. Segundo Pollak:

Estudar as memórias coletivas fortemente construídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. (POLLAK, 1989, p. 09).

A escolha de usar “Vitrais” no início deste tópico partiu da ideia de nortear a leitura por duas vias principais: a primeira é a memória e tudo que ela pode fornecer em relação às tradições, afeto e expansão de uma cultura. A segunda, por sua vez, trata-se da estética visual como transmissora dos valores históricos e simbólicos. Tais apontamentos nos conectam ao nosso objeto, sobretudo as histórias que ele escolheu contar e representar no seu segundo álbum.

Outro indicativo de que o pianista quis apresentar histórias e referências através do seu segundo trabalho se dá pelo de seu acesso à literatura pernambucana. Freitas chegou ao tema do álbum “Rasif” através de sua companheira Luna Vitrolira. Luna é poeta, declamadora, cantora, performer, professora de literatura brasileira e pesquisadora de literatura oral. Como já explicitado, a mesma presenteou o músico com o livro “Rasif”, do autor Marcelino Freire.

Figura 21 - Capa do livro Rasif⁸⁹

Fonte: *screenshot* retirado da página de vendas Amazon.

O livro “Rasif - Mar que arrebenta” foi lançado em 2008 pelo pernambucano Marcelino Freire. De acordo com Ana Paula Rodrigues em seu artigo “Cirandas temáticas e formais - A prosa poética contemporânea de Marcelino Freire”⁹⁰, A obra conta com 17 contos que revisitam a origem árabe do nome “Recife” e também a origem tupi-guarani de “Pernambuco”. Desse modo, foram esses encontros com símbolos (arquitetônicos e literários) que representaram e representam uma memória coletiva de Pernambuco que legitimou o álbum “Rasif” como sendo uma elaboração contemporânea de uma identidade pernambucana. Afirma Pollack:

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las (POLLAK, 1989, p. 09).

⁸⁹

Disponível em: https://www.amazon.com.br/Rasif-Marcelino-Freire/dp/8501072524/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=3HBHOC88D3DDY&keywords=rasif&qid=1696854581&s=books&s_prefix=rasif%2Cstripbooks%2C232&sr=1-1. Acesso em: 14 out. 2023.

⁹⁰O artigo completo de Ana Paula Rodrigues encontra-se disponível em: https://www4.pucsp.br/revistafrenteiraz/numeros_anteriores/n3/download/pdf/Rasif.pdf. Acesso em: 14 out. 2023.

O pianista faz total referência ao livro citado. No tópico anterior, ao falar a respeito da música “Rasif”, ele diz que nessa faixa há o desejo de representar “ondas do mar batendo /quebrando na costa”. Ainda segundo o pianista, o termo “mar que arrebenta” seria tradução da palavra “Pernambuco” em “Tupi guarani”.

De julho de 2019 a março de 2020, o programa Passagem de Som, promovido pelo canal SescTV (YouTube), entrevistou, gerou, e lançou um conteúdo de pouco mais de 25 minutos sobre o álbum Rasif de Amaro Freitas⁹¹. As gravações se deram pelas ruas da cidade de São Paulo, restaurantes e também durante sua apresentação no palco do Sesc Instrumental. Uma das frases mais icônicas que podemos destacar durante o começo da entrevista é: “o tempo e o lugar que você vive é a sua música” Essa frase, colocada por Freitas, ajuda a entender muitas das ideias e contextos expressos no seu segundo trabalho. Sobretudo os que estão sendo pontuados nesta pesquisa.

Foi nessa mesma entrevista que o pianista destacou o fato de Luna Vitrolira ter exercido certa influência no Amaro daquele momento. Essa entrevista foi conduzida por Marcelino Freire. O pianista diz ao entrevistador que Luna o ajudou a compor a partir de um olhar mais poético. Em seguida, ele lembra ao entrevistador que foi ela mesma a responsável por apresentar o livro a ele. Freitas diz que, além da sonoridade, ele gostava de trazer uma história para poder falar da sua música/composição, e que isso se potencializou na sua parceria com Luna, uma vez que ela o fez chegar mais próximo de uma literatura representada por figuras/autores negros, sobretudo pernambucanas. (AMARO FREITAS [...], 2020).

Naquele momento, Amaro tinha a sua disposição inúmeras referências locais. Estas lhe serviram como uma ferramenta importante na construção de uma música que de alguma forma representasse essa simbiose e valor cultural. Essa experiência que Amaro vivenciou em Recife se mostrou bastante significativa para seu amadurecimento enquanto artista e militante da cultura negra e nordestina ali presente, sendo essa cultura uma das principais fontes desse encontro do artista com as questões socioculturais contidas em algumas regiões do estado de Pernambuco.

O sociólogo inglês Paul Gilroy destaca que, para além da música e dos próprios músicos em suas relações com o fazer musical, sobretudo no contexto da tradição negra do jazz,

⁹¹ A entrevista completa está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=usanaUO5Hg>. Acesso em: 14 out. 2023.

Devemos também levar em conta o trabalho daqueles que, no interior da cultura expressiva do Atlântico Negro, tentaram utilizar sua música como um marco estético, político ou filosófico na produção do que se poderia livremente chamar de suas teorias sociais críticas. [...] É necessário considerar o trabalho de uma multidão inteira de figuras exemplares: ex-escravos, pregadores, estudiosos e escritores autodidatas [...] (GILROY, 2020, p. 169).

Colocar a obra de Amaro Freitas nesse contexto narrado por Gilroy é importante para compreender os entrelaços que compõem o momento de “Rasif”. Uma das linhas que tecem esse momento é a cultura árabe. Ao continuar com a entrevista ao programa Passagem de Som, o músico chama a atenção para esta cultura árabe presente no Recife, ainda que a mesma não seja tão recorrente em literaturas locais. O título “Rasif”, portanto, é uma forma de deixar registrado esse legado.

Por fim, Amaro ainda diz que seu contato com mesas de glosas no sertão do Pajeú também lhe serviram como referência para contar histórias por meio de improvisos, segundo a Folha de Pernambuco (2020):

Criadas e cultivadas por gerações no Sertão do Pajeú, as mesas de glosas são verdadeiros espetáculos de poesia. Nesta modalidade de improviso, os cantadores precisam formar versos a partir de motes apresentados na hora e respeitando uma métrica estabelecida.

Vale então destacar que essa é a primeira vez, nessa pesquisa, que o improviso de Freitas não está atrelado ao universo do jazz.

Dito isto, seguiremos apontando para mudanças visuais que ocorreram no segundo álbum do pianista. Minha hipótese é que a parceria com Luna tenha lhe permitido acessar também novas referências nessa esfera. Uma vez que ela, segundo o próprio artista, teria sido uma forte mediadora de literaturas/histórias negras ao longo do processo de elaboração do conceito do álbum Rasif (AMARO FREITAS [...], 2020). Ela também é uma artista negra, e que tem, aliado ao seu discurso poético e artístico, a estética visual também como elemento de força política.

Vejamos o texto “A voz da Resistência : Uma Análise do Poema Poesia Negra”, de Luna Vitrolira, e dos autores Flávia Martins Malaquias e Wellington Furtado Ramos.

Poesia Negra é um poema narrativo, com voz poética que se expressa em primeira pessoa, sendo a narradora-personagem uma espécie de eu-lírico protagonista. Interpretar este poema, como interpretar qualquer obra de arte, constitui-se uma prática histórica e social, visto que ela trata da cultura de uma sociedade que, ao longo de sua história, insiste em sistematicamente posicionar o negro como um ser diminuído, pautados na história da escravização de negros desde a chamada época das descobertas que mudaram o mundo (MALAQUIAS; RAMOS, 2023, p. s/p).

Figura 22 - Foto de Luna Vitrolira⁹²

Fonte: *screenshot* retirado do site Uol.

A imagem acima diz respeito ao lançamento do álbum visual “Aquenda – o amor às vezes é isso” lançado em março de 2021. Esse trabalho musical, dirigido por Freitas, foi a continuidade/extensão da obra literária de Vitrolira (de mesmo título), lançada em 2019. Por esses indicadores, já é possível notar os valores inseridos no trabalho de Luna. Além disso, é possível notar como este se conecta ao processo criativo de Amaro no momento de seu segundo álbum.

Segundo informações retiradas do site Cultura – PE, a autora afirma que sua intenção “é expor esses temas para falar da nossa liberdade, do nosso autopertencimento, do nosso poder e autonomia sobre nossos corpos, vidas, trajetórias, escolhas como um caminho para cura.”⁹³

A estética visual é uma chave importante para a representação dos indivíduos na cultura negra. A pesquisa “O Negro Herói e Seu Traje”⁹⁴, de Isaac Matheus Santos Batista, indica que “a representação é o que liga as coisas do mundo real ou imaginário, nossos conceitos mentais e a linguagem com seus signos e códigos” (BATISTA, 2019, p. 34). Logo,

⁹² Imagem: Estúdio Orra. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/fred-di-giacomo/2021/04/19/luna-vitrolira-lanca-aquenda---as-vezes-o-amor-e-assim.htm>. Acesso em: 14 de outubro de 2023.

⁹³ Fonte: Portal Cultura PE, março de 2021, disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/canal/musica/luna-vitrolira-lanca-album-e-filme-aquenda-o-amor-as-vezes-e-isso/>. Acesso em: 15 out. 2023.

⁹⁴ “O Negro Herói e Seu Traje: Sentidos do consumo de vestuário pelo movimento da negritude na contemporaneidade”. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/bitstream/tede2/8243/2/Isaac%20Matheus%20Santos%20Batista.pdf>. Acesso em: 14 out. 2023.

podemos compreender que do ponto de vista da representação, a vestimenta sugere um sentido de pertencimento que se estende a grupos étnicos, religiosos e sociais específicos.

De tal maneira, para Amaro Freitas, não foi suficiente representar a cultura de Pernambuco apenas pelo viés musical. Sua aparência quanto artista mudou significativamente do primeiro para o segundo álbum. Voltando um pouco antes do álbum *Rasif*, especificamente em maio de 2017, Amaro fez uma apresentação do show “Sangue Negro” no Museu do Estado de Pernambuco. Na imagem a seguir veremos a foto que representava o artista daquele momento.

Figura 23 - Amaro primeira fase ⁹⁵



Fonte: *screenshot* retirado da página de divulgação de eventos Oxe Recife

A imagem acima nos indica dois pontos interessantes. O primeiro é que, na época do “Sangue Negro”, Amaro não teve uma direção artística voltada para a negritude. Freitas era um artista independente, e, como já descrito no primeiro capítulo, lançou-se a partir de recursos próprios e parcerias locais. Essa questão nos leva ao segundo ponto: Amaro não deu conta dos aspectos visuais tendo como referência apenas outros músicos (negros ou não). Nessa trajetória, precisou de algo mais, e Luna fez parte dessa mudança.

⁹⁵ Disponível em: <https://oxerecife.com.br/sangue-negro-no-museu-do-estado/>. Acesso em: 15 out. 2023.

Foi necessário, então, interagir com outras fontes, outras leituras e diversas expressões culturais e artísticas fora de Recife. Como indica Ginzburg, “assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes - uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um” (GINZBURG, 2006, p. 20).

Isso não só o ajudou a tecer as histórias que ele diz contar em cada faixa de “Rasif”, mas também sua identidade visual dali para frente. Para o álbum “Rasif”, a mudança foi aos poucos acontecendo. A foto que compõe o álbum e folders da turnê apresenta o pianista com roupas mais leves, de algodão, evidenciando bordados que são típicos em Pernambuco.

Figura 24 - Amaro segunda fase⁹⁶



Fonte: *screenshot* retirado da página Observador

O pianista sentiu, naquele momento, a necessidade de se afirmar como homem negro pernambucano. Sobre isso, Hall diz que

a “boa” cultura popular passa no teste de autenticidade, que é a referência à experiência negra e à expressividade negra. Estas servem como garantias na determinação de qual cultura popular negra é a certa, qual é nossa e qual não é (HALL, 2003, p. 344).

Com isso, a vestimenta do artista passou a ser peça fundamental na construção e representação de sua identidade. Destaca Isaac Batista:

⁹⁶Disponível em: <https://observador.pt/especiais/amaro-freitas-e-um-piano-entre-a-historia-e-o-futuro-quis-criar-uma-musica-brasileira-que-revela-o-que-somos-agora/>. Acesso em: 15 out. 2023.

Podemos afirmar que o vestuário possui três funções primordiais: a função prática, ligada à satisfação de necessidades de ordem orgânica-comportamental; a função estética, que diz respeito às características sensoriais que o vestuário ativa na relação com o usuário; e a função simbólica, que se refere ao vestuário como partícipe do processo de construção de sentido. Essas funções estão presentes simultaneamente no vestuário, muitas vezes de forma interdependente. Um casaco de pele de arminho, por exemplo, pode ter a função prática de aquecer no frio (função prática), devido a uma pelugem densa, que causa uma sensação macia na pele do usuário ao ser tocada (função estética), e que, devido ao fato de ser natural e muito cara, serve como símbolo de *status* para a rica madame que se utiliza em baile da *high society* (função simbólica) (BATISTA, 2019,p. 54).

Ao longo de suas viagens e turnês, especificamente de “Rasif” e Sankofa (seu terceiro álbum), Amaro foi tomando gosto pela forma de representar a cultura afro-brasileira para além de sua música. Ou seja, um dos apelos foi e tem sido até o momento dessa pesquisa através de uma estética visual. Nesse caso, é interessante pensar que, por mais importantes que sejam as suas referências em Pernambuco, ele não quis parecer (em seu visual) com Luiz Gonzaga, Dominginhos, Spok, Lula Calixto, e nem mesmo o Moacir Santos. Entre “Rasif” e “Sankofa”, Freitas abraçou elementos muitos mais africanos do que pernambucanos propriamente ditos.

Figura 25 - Amaro terceira fase⁹⁷



Fonte: *Screenshot* retirado do site Monkeybuzz.

Segundo o que foi apresentado até aqui, deve-se compreender que as transformações de caráter visual do pianista se deram entre os álbuns “Rasif” e “Sankofa”. Se a parceria com

⁹⁷ Disponível em: <https://monkeybuzz.com.br/materias/amaro-freitas-calmaria-e-explosao/>. Acesso em: 15 out. 2023.

os companheiros Hugo Medeiros (baterista) e Jean Elton (baixista) lhe rendeu maturidade e habilidades técnicas que lhe trouxeram notoriedade no universo da música, sua parceria com Luna e o acesso a história e contextos socioculturais diversos lhe rendeu uma aproximação com uma cultura mais afrocentrada. Um dos exemplos desse fato é a utilização do *Mayaka* que cobre seu rosto na última foto. Este é adorno que fomenta identidade e pertencimento contando histórias de povos originários, sobretudo dos negros e suas acentralidades.

Nessa última fase, o artista não é representado por chapéus de palha ou de couro, tal como um homem sertanejo ou do agreste pernambucano, mas sim por batas africanas e colares. Esse contexto sociocultural que o artista se inseriu nos ajuda a perceber os alicerces de sua carreira/trajetória até o presente momento. Nesse sentido, destaca Isaac Batista que a “cultura possui uma centralidade epistemológica, que se refere a sua atuação na constituição de explicações e modelos teóricos do mundo que nos ajudam a compreender a realidade” (BATISTA, 2019, p. 33).

Amaro foi sendo forjado ao longo de sua trajetória artística de maneira a se colocar cada vez mais como um representante de uma certa negritude. Tocar gêneros oriundos de uma cultura negra como jazz, samba, coco e maracatu não foi o suficiente para o músico. A partir de “Sankofa”, ele opta pelas vias estéticas que geralmente são ligadas a cultura e religiosidades de matrizes africanas. Esse fato o torna ainda mais complexo e menos estereotipado quanto o jazz brasileiro que ele mesmo representa. Tal como estampado na capa da *Playlist* do *Spotify* de março a outubro de 2023.

Figura 26 - Amaro representa o jazz brasileiro no *Spotify*⁹⁸

⁹⁸ Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/37i9dQZF1DWU5TxeYcalut>. Acesso em: 15 out. 2023.



Fonte: *screenshot* retirado do site oficial do Spotify.

As vestimentas e adornos utilizados por Amaro Freitas ao longo de sua carreira (até o presente momento) indicam o quanto ele precisou se transformar e se reinventar para além de sua música. Em “Rasif”, vemos um artista apegado às tradições culturais e musicais pernambucanas. Em “Sankofa”, no entanto, Pernambuco deixou de ser o eixo central do artista para dar lugar à África e alguns de seus personagens escravizados aqui no Brasil. Ainda assim, “Rasif” é um álbum bastante especial para o pianista, visto que lhe rendeu turnês na Europa e pelos Estados Unidos, reconhecimento internacional e diversas parcerias com artistas da MPB, tal como veremos no próximo tópico.

2.3 A PROJEÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL DO PIANISTA

Nessa etapa do trabalho, irei apresentar as parcerias que Amaro colecionou no período da turnê do álbum “Rasif”. É interessante pensar como essas parcerias se deram para além do universo do jazz ou da música instrumental. A sua colaboração com o trabalho de artistas da MPB deram a ele uma projeção que, até aquele momento, ele não possuía, pois estava inserido apenas na bolha da música instrumental/jazz brasileiro.

Conforme a turnê de “Sangue Negro” se difundia pelo país, Amaro foi colecionando parcerias por diferentes palcos. O primeiro nome da MPB é o cantor Lenine. Em seguida, o pianista italiano Stefano Bollani. Após lançar seu segundo álbum, essas parcerias se ampliaram ainda mais, englobando nomes como Criolo, Milton Nascimento e a cantora Sandy. Estes exemplos representam apenas uma parte desse momento. Daí, veio sua projeção internacional, acumulando notas e reportagens em revistas e jornais internacionais.

A parceria de Amaro com outros artistas e grupos de gêneros diferentes da música, a exemplo do audiovisual (com Jão Vicente e Luara Olivia desde a época de “Sangue Negro”) e da literatura (tal como obteve em sua parceria com Luna), lhe abriu portas para alcançar públicos para além de estudantes de música e entusiastas do jazz, principalmente no contexto de Recife. Essa colaboração entre as diferentes áreas do universo artístico é um dos pontos importantes que já foi destacado no capítulo anterior. Todavia, vale ressaltar que em “Rasif” essa questão tornou-se ainda mais intensa.

Neste sentido, destaco o que o sociólogo norte americano Howard Becker apresenta em seu trabalho “Mundos da Arte”:

Todo o trabalho artístico, tal como toda a atividade humana, envolve a atividade conjugada de um determinado número, normalmente um grande número, de pessoas. É devido a cooperação entre estas pessoas que a obra de arte que observamos ou escutamos acontece e continua a existir. As marcas dessa cooperação encontram-se sempre presentes na obra. As formas de cooperação podem ser efêmeras, mas na maioria dos casos transformam-se em rotinas e dão origem a padrões de atividade coletiva aos quais podemos chamar de mundos da arte (BECKER, 2010, p. 27).

Becker indica que as parcerias ou a divisão de tarefas/habilidades em um trabalho artístico é uma questão comum no que ele apresenta como “mundos da arte”. Sendo assim, no contexto do trabalho do pianista aqui investigado, torna-se indispensável apontar o fato de que além de sua música, a dinâmica de trabalho em parceria com músicos e artistas da MPB lhe trouxe maior projeção a nível nacional. Esse é o primeiro ponto a ser explorado aqui.

Como já sinalizamos, o primeiro encontro foi com o cantor e compositor pernambucano Lenine. Lenine é um cantor, compositor, arranjador, letrista, ator e produtor musical, atualmente com 64 anos. Em sua carreira ele acumula seis Grammys Latinos, dois prêmios da APCA e nove Prêmios da Música Brasileira.

Em fevereiro de 2018 (meses antes do lançamento de "Rasif"), Lenine convidou Amaro para participar da gravação de uma das faixas que iria compor seu novo trabalho. Naquele momento, Amaro estava na transição entre o seu primeiro e segundo álbum, e não tinha tanta notoriedade no meio do streaming. No G1, o título da matéria do jornalista Mauro Ferreira foi: “Lenine grava disco autoral no Rio com o toque do pianista-revelação Amaro Freitas”⁹⁹. No vídeo da música em questão (postado na plataforma YouTube), “Lua Candeia”,

99

Disponível em: <https://g1.globo.com/musica/blog/mauro-ferreira/post/lenine-grava-disco-autoral-no-rio-com-o-toque-do-pianista-revelacao-amaro-freitas.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2023.

os comentários espontâneos do público do cantor deixam passar a presença do pianista. Além disso, a própria descrição não evidencia a participação de Amaro Freitas.

Figura 27 - Amaro e Lenine¹⁰⁰



Fonte: *screenshot* retirado do canal Lenine Oficial no YouTube.

Nem nos créditos da descrição do vídeo (até o momento desta pesquisa) consta o nome de Amaro. Nos primeiros meses de lançado, o público se dirigia a Lenine com elogios, e alguns poucos falavam sobre o pianista. Um fã do cantor comenta: “Caraca Lenine, que música Linda, parabéns ao mega pianista!”. Outra pessoa diz: “Quanta delicadeza, e lirismo, emocionante”.

Um ano depois do lançamento desse trabalho, após Amaro lançar “Rasif” ao final de 2018, os elogios ao trabalho de Lenine aparecem com ressalvas do tipo: “Lindo como sempre Professor Lenine, Só senti um pouco de injustiça com os devidos créditos ao pianista Amaro

¹⁰⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dpUagWWMDEo>. Acesso em: 20 out. 2023.

Freitas! O Brasil carece disso às vezes”. No mesmo período, uma espectadora/f estrangeira (ao que parece do Uruguai) diz: “Que estranho que na descrição do vídeo não apareça o nome de Amaro Freitas, sua contribuição não é menor. É muito estranho que Lenine Oficial (se referindo ao canal) não cite o nome do pianista”¹⁰¹.

Mais de dois anos após esse episódio, ou seja, em 3 de dezembro de 2020, o canal oficial de Lenine chegou a postar outra canção com Amaro, “Vivo”. Desta vez, o nome de Amaro estava estampado junto ao de Lenine, demonstrando colaborações entre os artistas, como é possível ver na imagem abaixo.

Figura 28 - Amaro e Lenine¹⁰²



Fonte: *screenshot* retirado do canal Lenine Oficial no YouTube.

Nesse período, o jornalista Mauro Ferreira fala sobre essa parceria entre artistas como algo mais leve. Amaro já não era mais o artista revelação de antes. Naquele momento, já tinha seu lugar no meio artístico do jazz e também com outras parcerias de peso relacionadas a MPB, um dos principais nomes era o de Milton Nascimento. Dito isto, o título da matéria foi: “Lenine reforça a conexão com o pianista Amaro Freitas em Vivo”.

O trabalho de Amaro com Lenine em 2018 foi um dos fatores que se mostrou favorável na projeção do artista a nível nacional e na expansão de seu público. Ao afirmar

¹⁰¹ Tradução nossa. Texto original: “Què extraño que en la descripción del video no nombre a Amaro Freitas...No es menor su aporte. Es muy extraño que justamente LENINE OFICIAL no nombre al pianista”.

¹⁰²Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0k2eCN8hx1Q>. Acesso em: 20 out. 2023.

isso, quero destacar o fato de que, junto a Lenine, e antes mesmo de lançar “Rasif”, Freitas pôde desfrutar de um ambiente artístico fora da bolha instrumental, ampliando assim seu público e seu lugar como artista de jazz fora de Pernambuco.

Em agosto de 2018, o renomado pianista italiano Stefano Bollani esteve em Recife para cumprir agenda relacionada à turnê de seu álbum “Que bom”, no qual conta com a participação de Caetano Veloso, João Bosco e Hamilton de Holanda. Stefano é compositor, pianista e cantor italiano, também ativo como escritor e apresentador de televisão.

Natural de Milão, e atualmente com 50 anos de idade, sua carreira internacional se deu através do jazz, mas é também um entusiasta da música brasileira. O artista fez fama em todo o continente Europeu e nos Estados Unidos devido a uma série de parcerias, em especial a colaboração com o trompetista Enrico Rava, com quem gravou quatro álbuns do selo ECM entre os anos de 2003 e 2008.

O texto de Flávio Mattos (diretor da Rádio Senado), para a página oficial da Rádio Senado, diz que o pianista “se revela o maior sambista da Itália. O disco ‘Que Bom’ foi gravado no Brasil, com músicos brasileiros de primeira linha. As composições são quase todas de Bollani e explicitam a influência do samba e da bossa nova em sua criatividade (Flávio Mattos, 2018).

O jornal Diário de Pernambuco destaca que o músico teve contato com a música brasileira aos 15 anos. “Fiquei encantado. Com o passar do tempo, passei a ouvir e conhecer mais sobre alguns artistas brasileiros como Gilberto Gil, Chico Buarque, Caetano Veloso, e isso só aumentou minha admiração pela sonoridade do Brasil, disse” (Diário de Pernambuco, 2018).

Figura 29 - Amaro e Stefano Bollani¹⁰³

103

Disponível

em:

<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/08/pianista-italiano-stefano-bollani-apresenta-no-recife-nova-turne.html>. Acesso em: 20 out. 2023.

música

Pianista italiano Stefano Bollani apresenta nova turnê no Recife

A apresentação vai contar com a participação do músico pernambucano Amaro Freitas

Por: [Viver/Diário](#)

Publicado em: 10/08/2018 16:32

| Atualizado em: 10/08/2018 21:45

Fonte: *screenshot* da página do Jornal Diário de Pernambuco.

Como indica a imagem acima, o pianista italiano não só veio a Recife, como teve Amaro Freitas na sua lista de participações. Sobre esse *feat*, Freitas diz: “Obrigado Stefano por fazer parecer tão fácil dividir um piano duo, obrigado por tua generosidade e grandeza, obrigado pelo seu acolhimento, uma lenda viva, um exemplo do que significa ser artista” (fala de amaro sobre a participação no show/na sua página do facebook¹⁰⁴).

Amaro teve uma experiência ímpar até aquele momento de sua carreira. Dividiu o palco não só com um nome do jazz internacional, mas com os brasileiros que compunham a banda do italiano. O time era composto por nomes de peso: dois deles eram Jorge Helder e Armando Marçal, músicos que colecionam participações em trabalhos de artistas consagrados da MPB. O percussionista Armando Marçal, por exemplo, já colaborou com Ivan Lins, João Bosco, Maria Bethânia, Adoniran Barbosa, Ivan Lins e Jorge Vercilo. O baixista Jorge Helder, por sua vez, já gravou e acompanhou nomes como Roberto Carlos, Chico Buarque, Gal Costa, Elza Soares e Caetano Veloso. “Eu estou muito feliz com tudo que aconteceu nesse show e muito honrado pela oportunidade de trocar com esses caras” (fala de amaro sobre a participação no show/na sua página do facebook)

Assim como Lenine, o pianista Stefano Bollani concedeu ao Amaro uma oportunidade de mais uma vez expandir sua musicalidade e sua performance, levando-o para cima do palco com músicos que contribuíram na produção e difusão da Música Popular Brasileira. Meses depois, após o episódio em Recife, Amaro ainda dividiu dois shows junto

¹⁰⁴ FREITAS, Amaro. AMARO FREITAS. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/AmaroFreitasJazz?mibextid=LQOJ4d> Acesso em 26 abr. 2024.

com o italiano durante sua primeira turnê (do álbum “Rasif”) na Europa , especificamente no tradicional clube de jazz de Londres, o *Ronnie Scott 's*.

Figura 30 - Amaro e Stefano Bollani Programa de TV¹⁰⁵



Fonte: *screenshot* retirado do programa de televisão italiano *Via Di Matti*.

A imagem acima diz respeito ao último encontro dos dois pianistas, cinco anos depois da primeira colaboração no palco recifense. Em setembro de 2023, Amaro Freitas concedeu uma entrevista ao programa de TV italiano *Via dei Matti*. Quem conduziu o momento foi o próprio Stefano junto com a apresentadora Valentina Cenni, que naquele momento não deixou de mencionar o primeiro encontro entre os dois na cidade de Recife.

A apresentação do pianista italiano em terras pernambucanas trouxe a Amaro, recém nascido no mundo do jazz, uma oportunidade de vivenciar experiências musicais importantes naquele momento de sua carreira. Jornais locais como o Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio, Folha de Pernambuco e Leia Já noticiaram esse feito. Em entrevista ao Jornal do Commercio, Amaro diz: “Pra mim está sendo uma honra, eu cresci ouvindo Stefano. Acho que o conheci com os meus 17 anos, por aí. Estou muito feliz”, afirma Amaro. (Duda Lapenda, 2018).

Daquele momento em diante, Amaro chegou a citar o italiano como suas principais referências do piano. Em entrevista concedida ao jornalista Márcio Pinheiro para a coluna “Fala jazz”, do site Ama Jazz¹⁰⁶, Freitas diz: “Tenho como minhas principais referências Oscar Peterson, Thelonious Monk, Herbie Hancock, Moacir Santos, Capiba, Brad Mehldau, Craig Taborn, Gonzalo Rubalcaba e Stefano Bollani” (Márcio Pinheiro, 2019).

¹⁰⁵

Disponível em: <https://www.raiplay.it/video/2023/10/Amaro-Freitas---Via-dei-Matti-n0-17102023-2d0560a5-baef-4f14-898a-603db852a362.html>. Acesso em: 23 out. 2023.

¹⁰⁶ Entrevista completa disponível em: <https://amajazz.com.br/2019/03/01/falajazz-amaro-freitas/>. Acesso em: 23 out. 2023.

O encontro entre Amaro e Stefano foi significativo para a trajetória do jovem pianista pernambucano, que a partir dali pôde mencionar em entrevistas a sua primeira experiência com um artista de jazz internacional. Esse fato lhe renderia parcerias e encontros futuros fora do Brasil. Mas essa projeção internacional não se deu por esse fato em si: a gravadora e distribuidora do seu segundo álbum foi uma peça (talvez a mais) importante nesse processo.

O músico que se destacou no Brasil por suas apresentações e participações que vieram através do trabalho “Sangue Negro” agora chegava ao exterior. Seu segundo álbum, “Rasif”, foi então lançado pelo selo inglês *Far Out Recordings*. Em conjunto a isso, o músico realizou uma turnê na Europa e nos Estados Unidos.

Figura 31 - Rasif é destaque no G1¹⁰⁷



Fonte: *screenshot* retirado do portal de notícia G1

A tradicional revista de jazz norte-americana Downbeat mencionou o álbum da seguinte forma: “*The rhythmic complexity of Amaro Freitas’ trio is dizzying*” (a complexidade rítmica do trio de Amaro Freitas é vertiginosa).

107

Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2018/08/30/amaro-freitas-pianista-do-recife-que-renovou-o-jazz-brasileiro-lanca-o-segundo-album-em-outubro-por-selo-ingles.ghtml>. Acesso em: 23 out. 2023.

Figura 32 - Rasif é destaque na *Downbeat* ¹⁰⁸

Premiere: Hear 'Trupé,' an Homage to Lula Calixto from Pianist Amaro Freitas' 'Rasif'

NEWS, FIRST LISTEN, AMARO FREITAS
By DownBeat | Oct. 10, 2018



Drummer Hugo Medeiros (left), pianist Amaro Freitas and bassist Jean Elton perform on *Rasif*, which is due out Oct. 19.
(Photo: Courtesy Far Out)

The rhythmic complexity of Amaro Freitas' trio is dizzying.

Fonte: *screenshot* retirado da página *Downbeat* sobre música “Trupé”.

Essa questão acaba demonstrando a contrastante realidade entre se obter um selo europeu como um dos principais gerenciadores de uma carreira musical instrumental e tentar com recursos próprios e/ou com patrocinadores locais, como é o caso da maioria dos nomes já citados no primeiro capítulo deste trabalho, incluindo, no passado, o próprio Amaro.

O selo *Far Out Recordings* surgiu nos anos noventa. É conhecido por distribuir músicas de lugares fora do Reino Unido, considerando a diversidade cultural de diversas regiões. No Brasil, o selo contribuiu e já contribuiu com diversos artistas da música instrumental brasileira, e também com nomes da MPB como Emílio Santiago, Hermeto Pascoal, João Donato, Naná Vasconcelos e Milton Nascimento.

Para o segundo trabalho de Amaro, o selo cumpriu um enorme papel na projeção midiática do artista em vias nacionais e sobretudo internacionais. A relação entre música, mercado e mídia não é algo novo, principalmente quando tratamos do contexto da indústria cultural. O pesquisador Jeder Janotti Junior e Jorge Cardoso Filho utilizam-se do termo “música popular massiva” como um dos meios para explicar essa relação. Segundo eles:

Em termos midiáticos, pode-se relacionar a configuração da música popular massiva ao desenvolvimento dos aparelhos de reprodução e gravação musical, o que envolve as lógicas mercadológicas da indústria fonográfica, os suportes de circulação das canções e os diferentes modos de execução, audição e circulações audiovisuais relacionados a essa estrutura. Sabe-se, por exemplo, que o aumento do consumo de

¹⁰⁸ Disponível em: <https://downbeat.com/?/news/detail/premiere-amaro-freitas>. Acesso em: 23 out. 2023.

música por uma parcela da população que não possui conhecimento da notação musical está diretamente ligado ao aparecimento dos primeiros aparelhos de reprodução sonora: o gramofone, o fonógrafo, o rádio e o toca disco [...] (CARDOSO FILHO; JANOTTI JÚNIOR, 2006, pág. 12).

Por sua vez, no Brasil, temos a 78 Rotações, uma empresa responsável por cuidar dos interesses do artista em vias nacionais, e que por consequência realiza uma ponte também para fora do país. A empresa é um escritório criativo e especializado em idealizar, planejar e gerir atividades culturais. Tem como premissa a aposta na diversidade cultural brasileira, com um recorte mais contemporâneo.

Podemos então concluir que a diversidade cultural e o mercado assumem papéis fundamentais na trajetória artística de diversos nomes e gêneros musicais ao longo de décadas. No trabalho de Amaro, essa lógica não foi diferente.

Segundo o pesquisador Michel Nicolau Netto, em sua tese de doutorado “O discurso da diversidade: a definição da diferença a partir da world music”:

No mercado, a diversidade também se tornou presente em um comércio flexível, baseado em consumo de nichos que se desenvolveu a partir da década de 1970 e que se volta para a oferta cada vez mais individualizada de produtos distribuídos mundialmente. Neste sentido, vemos no mercado de música aquilo que Andreas Gebesmair chama de "fabricação da diversidade global". (MICHEL, 2012, Posição 136)

Em atividade desde 2011, a empresa 78 Rotações tem a finalidade de assinar projetos artísticos próprios ou em parceria com artistas agenciados. Segundo informações contidas no site oficial¹⁰⁹, seus trabalhos já foram prestados para as seguintes instituições: Caixa Econômica Federal, Correios, Banco do Brasil, Ministério da Cultura, Funarte, Secretarias Municipal e Estadual de Cultura do Rio de Janeiro, SESC São Paulo, entre outros.

Segundo a já citada entrevista concedida ao jornalista Márcio Pinheiro, Amaro reconhece que não está sozinho, e que no momento de “Rasif”, ele está bem representado. O jornalista chega a perguntar para o artista qual a sensação de ter seu segundo trabalho lançado por um selo europeu. Antes de dar créditos ao selo inglês, Freitas responde:

Nesse novo momento da minha carreira musical é importante mencionar a minha relação com a 78 Rotações: produtora e escritório que me representa. Tomamos sempre as decisões juntos e estamos sempre observando o mercado e nos posicionando (Márcio Pinheiro, 2019).

¹⁰⁹ As fontes dessas informações foram retiradas do site oficial da 78 rotações. Disponível em: <http://78rotacoes.com.br/quem-somos.php>. Acesso em: 24 out. 2023.

Diferentemente do seu primeiro álbum, lançado de forma independente, o pianista estava mais atento aos regimentos do mercado da música, e no contraste entre o mercado brasileiro e no exterior, sobretudo na Europa. Sobre esse ponto, relata o artista:

Acredito que na Europa existe um mercado muito bem estabelecido com cada departamento funcionando bem: casas de shows, festivais, selos, escritórios, produções etc... Sinto isso com a *Far Out*. Nessa parceria vejo essa organização de mercado e sua funcionalidade (Márcio Pinheiro, 2019).

Em 2018, ao ser entrevistado pelo jornalista José Teles, para o Jornal do Commercio, Amaro conta como se deu o processo inicial para que seu projeto pudesse alcançar o mercado da música fora do Brasil. Ele diz que começou a participar de feiras internacionais que aconteciam no Sudeste do brasileiro. O pianista relata a seguinte história:

Fomos à Semana Internacional de Música de São Paulo. Fizemos a mostra instrumental da feira. Assistimos à palestra de um representante da *Ronnie 's Scott*, que depois viu o nosso show. Conversamos com ele e com uns franceses, fizemos amizade (José Teles, 2018).

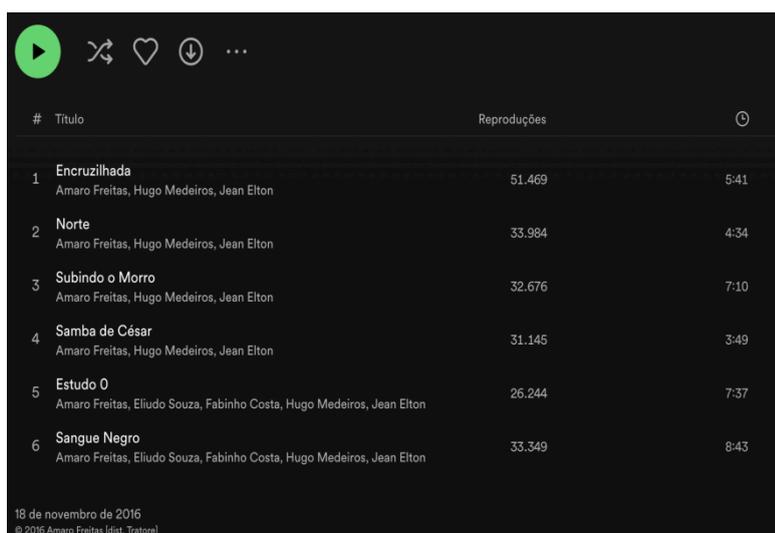
Freitas chamou todo esse processo de “trabalho de formiguinha”. Ele conta que, com muita dedicação, ele e a produtora mandaram diversos emails para tentar fechar alguma apresentação. O primeiro contrato de sucesso foi um show na Casa da Música, em Portugal. A partir deste, conseguiram outros lugares. Ainda segundo o pianista, a “parceria com a *Far Out* serviu como um facilitador: eles têm uma distribuição de extrema qualidade. Os discos chegaram a vários países, a críticos do mundo, tocando em Israel, no Japão” (TELES, 2018).

Por meio do que vimos até aqui, foi possível compreender os principais pontos que ajudaram a nortear a carreira de Amaro Freitas. Nesse sentido, a virada de chave na sua carreira aconteceu a partir do seu contrato com a 78 rotações e a *Far Out Records*. Tendo isso em mente, podemos concluir que, apesar de oferecer ao seu público uma música complexa, dotada de referências estéticas híbridas, a mão do mercado e da mídia fez-se importante na carreira do pianista, tal como é na indústria cultural por décadas. Sem essas articulações muitas das experiências por ele vividas não seriam possíveis. Nem sempre a “boa música” é suficiente. Foram a 78 rotações e a *Far Out Records* as principais responsáveis por transformar Amaro em um artista internacional.

Nesse sentido, não apenas a revista *Downbeat* destacou o trabalho do pianista pernambucano. Meses depois do lançamento do álbum “Rasif” e durante sua turnê na Europa, ele foi mencionado entre nomes importantes do jazz internacional pelas revistas/sites: *Ugly Beauty*¹¹⁰, *Sounds and Colours*¹¹¹, e a *All About Jazz*¹¹². Esses são apenas um recorte que indicam o começo da trajetória do artista fora do Brasil.

Segundo o Spotify, considerado a maior plataforma de música em nível global, Amaro acumulava, em 2023, milhares de ouvintes ao redor do mundo. Entretanto, a discrepância entre os números de ouvintes de “Sangue Negro” e “Rasif” são enormes. Até o dia 21 de novembro de 2023, a música “Sangue Negro”, do seu primeiro álbum, havia acumulado o total de 33.349 reproduções. “Rasif”, por sua vez, possuía um total de 1.518.880 reproduções em 67.615 ouvintes mensais. A diferença não está apenas nas faixas-tema dos álbuns, mas também nas demais peças, como demonstram as imagens a seguir.

Figura 33 - Faixas de “Sangue Negro” na plataforma *Spotify*¹¹³



#	Título	Reproduções	⌚
1	Encruzilhada Amaro Freitas, Hugo Medeiros, Jean Elton	51.469	5:41
2	Norte Amaro Freitas, Hugo Medeiros, Jean Elton	33.984	4:34
3	Subindo o Morro Amaro Freitas, Hugo Medeiros, Jean Elton	32.676	7:10
4	Samba de César Amaro Freitas, Hugo Medeiros, Jean Elton	31.145	3:49
5	Estudo 0 Amaro Freitas, Eliudo Souza, Fabinho Costa, Hugo Medeiros, Jean Elton	26.244	7:37
6	Sangue Negro Amaro Freitas, Eliudo Souza, Fabinho Costa, Hugo Medeiros, Jean Elton	33.349	8:43

18 de novembro de 2016
© 2016 Amaro Freitas (dist. Tratore)

Fonte: *screenshot* das faixas de Sangue Negro retirado do site do Spotify.

¹¹⁰ Informações e entrevistas completas disponíveis em: <https://www.stereogum.com/2026718/ugly-beauty-the-month-in-jazz-december-2018/columns/ugly-beauty/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

¹¹¹ Informações e entrevistas completas disponíveis em: <https://soundsandcolours.com/region/london/amaro-freitas-ronnie-scotts-2nd-nov-2018-43279/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

¹¹² Informações e entrevistas completas disponíveis em: <https://www.allaboutjazz.com/rasif-amaro-freitas-far-out-recordings-review-by-mark-sullivan>. Acesso em: 14 nov. 2023.

¹¹³ Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/3Y37ixG7KDgDqxSE6PL679?si=GiIL8aNdTYSNrcGDcR9Dpw>. Acesso em: 21 nov. 2023.

Figura 34 - Faixas de “Rasif” na plataforma *Spotify*¹¹⁴

#	Título	Reproduções	Tempo
1	Dona Eni Amaro Freitas	91.318	4:03
2	Trupé Amaro Freitas	74.569	4:09
3	Paço Amaro Freitas	52.634	4:23
4	Rasif Amaro Freitas	1.518.880	6:07
5	Mantra Amaro Freitas	220.460	7:07
6	Aurora Amaro Freitas	33.496	10:16
7	Vitrais Amaro Freitas	29.703	7:01
8	Plenilúnio Amaro Freitas	25.115	9:02
9	Afrocatu Amaro Freitas	25.542	5:22

19 de outubro de 2018
© Far Out Recordings
© Far Out Recordings

Mais de Amaro Freitas Ver discografia

Fonte: *screenshot* das faixas de Rasif retirado do site do Spotify.

Após a turnê pela Europa, o pianista volta para cumprir uma intensa agenda no Brasil. Ao longo de 2019, Freitas participa de vários projetos que podem ser enquadrados na transição entre “Rasif” e o futuro “Sankofa”, seu terceiro álbum. Entre esses projetos, um dos mais expressivos internacionalmente é o Montreux Jazz Academy Concert em julho de 2019. A imagem a seguir demonstra a sua colaboração na equipe de artistas (de várias partes do mundo) selecionados para participar do encontro.

Figura 35 - Amaro e a Montreux jazz Academy¹¹⁵

114

Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/3Y37ixG7KDgDqxSE6PL679?si=GiIL8aNdTYSNrcGDcR9Dpw>. Acesso em: 21 nov. 2023.

¹¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/amarofreitaspiano/>. Acesso em: 21 nov. 2023.



Fonte: *screenshot* do acervo pessoal/página do Instagram do pianista.

Respeitado por músicos e amantes do jazz, o Montreux Jazz Festival é um evento de música que é realizado anualmente desde 1967. O evento acontece às margens do Lago Léman, em Montreux, na Suíça. As suas primeiras edições eram voltadas apenas o gênero jazz. Entretanto, com o passar do tempo o festival agregou outros estilos, como rock, pop, e o samba.

Em decorrência da COVID-19, houve vários cancelamentos de shows em 2020, fazendo com que a turnê “Rasif” se estendesse até 2022, embora o seu terceiro álbum tivesse sido lançado em 2021. Em meio a isso, gostaria de destacar um dos principais trabalhos envolvendo as parcerias de Amaro com artistas brasileiros: sua participação no EP “Existe Amor” de Milton Nascimento e Criolo.

Lançado em maio de 2020, o EP conta com quatro faixas. Amaro participa das músicas “Cais” e “Não Existe Amor”, primeira e terceira faixa do trabalho. Segundo o jornal Correio Braziliense,

o trabalho é uma conexão de trabalhos dos dois (Milton e Criolo). “Cais” é do disco “Clube da Esquina”, de 1972. A música ganhou uma abertura com o piano do pernambucano Amaro Freitas, que também aparece em “Não existe amor em SP”, releitura da faixa de Criolo gravada em “Nó da Orelha”. (Correio Braziliense, 2020).

Essa parceria também serviu para uma campanha solidária cujo objetivo era atender as vítimas da primeira onda de COVID-19 aqui no Brasil.

Kleber Cavalcante Gomes, mais conhecido como Criolo, é cantor, compositor, rapper e ator natural do bairro do Grajaú, Zona Sul da cidade de São Paulo. Filho de um metalúrgico e de uma professora que migraram do Ceará para o sudeste do Brasil, começou a carreira de rapper no ano de 1989. Logo depois, criou o evento “Rinha de MCs” na periferia da cidade de

São Paulo. No início da carreira assinava com o pseudônimo de Criolo Doido. Logo após o primeiro CD, passou a assinar apenas Criolo. Acumula, de 2000 a 2022, 13 álbuns lançados. Trabalhou como ator nos documentários “Profissão MC” e “Da luz às trevas”. Neste último, contracenou com Ney Matogrosso.

Nascido no Rio de Janeiro em 1942, Milton Silva Campos do Nascimento é compositor, intérprete e instrumentista. É um dos nomes mais importantes da música brasileira, com sucesso de público e crítica. Sua trajetória artística acumula cerca de 39 álbuns (solo e em parceria) e engloba traços das culturas mineira e latino-americana, da MPB, do jazz e do rock.

Junto com Criolo e Milton, Amaro viveu mais um momento importante de sua carreira. Essa parceria com esses dois artistas brasileiros não só o fez chegar a outros públicos, mas foi também uma oportunidade de executar e compor linhas de jazz através de canções. Diferentemente de sua primeira parceria com Lenine, Amaro agora já estava gozando de um reconhecimento nacional e internacional. Apesar de trabalhar com a figura de Milton Nascimento, ele pôde desfrutar dessa parceria colocando-se como artista, e não como um mero músico convidado.

Figura 36 - Amaro, Milton Nascimento e Criolo¹¹⁶



Fonte: *screenshot* do portal de notícias Correio Braziliense.

116

Disponível

em:

https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/05/09/interna_diversao_arte,852937/existe-amor-milton-nascimento-criolo-e-amaro-freitas-falam-sobre-nov.shtml#google_vignette. Acesso em: 25 nov. 2023.

Em entrevista ao jornal Correio Braziliense, em maio de 2020, Amaro relata seu processo criativo e como elaborou as etapas pensando nos dois artistas. Se tratando de Milton, Freitas destaca que seu arranjo foi influenciado por um conceito mais tradicional, num recorte de um piano francês, tendo por referência os pianistas Éric Satie e Yann Tiersen, traçando, em suas palavras, uma linha meio psicodélica do piano erudito, com poucas notas e com muita intenção. Em seguida ele destaca que a “voz de Milton te leva para o espiritual. Busquei juntar as melhores frequências sonoras para combinar com a voz dele” (Correio Braziliense, 2020).

No caso de Criolo, Amaro diz: “pensei na união do hip-hop com o jazz. Trazer a harmonia do jazz e misturar isso com o suingue da rua. Dois caras que são muito referências para mim são os pianistas americanos Robert Glasper e Herbie Hancock, [...]” (Correio Braziliense, 2020). Com base nesses relatos, é possível compreender que Amaro estava conduzindo o processo criativo e não apenas sendo dirigido. Isso se acentua quando percebemos que as duas faixas que Amaro participou não eram inéditas. Era necessária uma releitura, e Freitas aceitou a responsabilidade.

Sua contribuição não passou despercebida. O jornalista e ex-colunista da área de cultura do Correio Braziliense, Alexandre de Paula, destaca a contribuição do pianista como “o brilho de Amaro”. O colunista destaca que esse “brilho”

é a luz certa do piano de Amaro Freitas que ilumina a composição de “Existe amor”, EP lançado por Milton Nascimento e Criolo. A genialidade do músico pernambucano, exibida em duas das quatro faixas, eleva o conjunto a um nível maior. Não é que falte qualidade às outras duas canções, regidas pelo fundamental maestro Arthur Verocai, mas o virtuosismo de Amaro — distante de qualquer exibicionismo e sempre a serviço da música — traz a dimensão do assombro ao trabalho. Amaro traz o lampejo inesperado do craque, um dribble absurdo e encantador em meio a um time de grandes jogadores e a uma partida, até então, muito competente (DE PAULA, 2020).

Essa parceria não foi algo que trouxe alegria e satisfação apenas para Amaro, mas também para os dois artistas envolvidos. Em entrevista para o colunista Ademir Correa do site GQ (grupo Globo) em maio de 2020, Milton relata o seguinte fato:

Esse projeto é como um sonho. Depois de tantas coisas maravilhosas que vivi nestes mais de 50 anos de carreira, nunca pensei que fosse ter o privilégio de participar de algo tão intenso. A união entre Criolo, Arthur Verocai, Amaro Freitas, Daniel Ganjaman e eu foi uma das experiências musicais mais profundas que já tive. Tenho uma admiração gigante por cada um deles e a nossa ligação através da música é uma força ancestral, mística e, sem dúvida nenhuma, divina. Disso, eu tenho certeza e este encontro não foi à toa. E é com um sentimento de muita emoção que nós agora compartilhamos essa história (CORREA, 2020).

A parceria rendeu a Amaro ainda mais projeção e reconhecimento no cenário artístico brasileiro. Em novembro de 2023 a música “Não existe amor” acumulava 7.705.184 reproduções no Spotify. “Cais”, por sua vez, possuía 1.820.525. Essas duas músicas também renderam dois videoclipes no YouTube: “Não existe amor” tem 1.281.372 visualizações, e “Cais”, 886.319.

Em 2022, o pianista gravou, com a cantora Sandy, a faixa “Amor não Testado”. Gravou *making of* e videoclipe em estúdio e também ao vivo. Um ano depois, participou do programa “Som Brasil” da TV Globo, em comemoração especial dos 40 anos da cantora.

Figura 37 - Amaro em parceria com Sandy¹¹⁷



Fonte: *screenshot* do EP “Nós, Voz, Eles 2”.

Este capítulo apresentou mais uma parte da trajetória de Amaro Freitas, especificamente no período do seu segundo álbum¹¹⁸. Acompanhamos a transição do artista que se destacou pelo seu trabalho “Sangue Negro”, e que teve sua carreira potencializada no álbum “Rasif”. O músico assume novas parcerias, tem sua estética musical e visual ampliada. A marca “Amaro Freitas” foi adquirida por empresas que o ajudaram a lidar e a ocupar espaços importantes dentro da indústria musical no Brasil e na Europa.

No período do seu segundo trabalho, é possível notar o quanto o projeto artístico do pianista foi forjado por colaborações que lhe chegaram tanto por sua companheira Luna Vitrolira, como também por nomes consagrados da MPB e do jazz europeu. Todos esses

¹¹⁷

Disponível

em:

<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2022/09/19/sandy-ascende-com-pianista-amaro-freitas-e-cai-no-suingue-com-ludmilla-no-fecho-do-ep-nos-voz-eles-2.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2024.

¹¹⁸ A parceria com Sandy se deu depois de “Sankofá”, terceiro álbum do artista.

processos se mostraram relevantes na trajetória do artista que se projetou nacionalmente e internacionalmente através do álbum “Rasif”.

Em 2021, na transição entre o supracitado álbum e o “Sankofa”, o pianista chegou ao topo de sua projeção como artista de jazz. No final daquele mesmo ano, segundo o Jornalista Romero Rafael do Jornal do Commercio¹¹⁹, Freitas entrou na *playlist* do Spotify *Best Jazz Songs of 2021*. Esse resultado se deu através da música “Vila Bela”, que ocupou a marca do sexto lugar da lista. Já a música “Ayeye” ocupou a décima posição do top 10 da principal rádio de jazz da França, a *TSF jazz*¹²⁰. As faixas fazem parte do terceiro álbum do artista, tema central do capítulo a seguir.

¹¹⁹ Matéria sobre o terceiro trabalho de Amaro Freitas disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/musica/2022/03/14965150-renovacao-do-jazz-mundial-recifense-amaro-freitas-estreia-no-recife-o-show-sankofa.html>. Acesso em: 27 nov. 2023.

¹²⁰ Site oficial da rádio disponível em: <https://www.radios.com.br/aovivo/tsf-jazz-899-fm/13071>. Acesso em: 27 nov. 2023.

3 SANKOFA

Composto por oito faixas, este álbum é o ápice do encontro de Amaro Freitas com a ancestralidade. Além disso, o pianista aprofunda sua conexão com as histórias entre o Brasil e as culturas oriundas da África. Este continente transborda através de suas composições. Em resumo, o artista contesta a história amistosa contada sobre o negro no Brasil. Portanto, ele teve como premissa deixar evidente sua aproximação com as raízes afro-brasileiras.

Os nomes das faixas são inspirados em figuras históricas e filosofias antigas que não foram contadas por “esse Brasil”, como relata o artista em entrevista ao jornalista Cleber Facchi, do site Música Instantânea.

“Trabalhei para tentar entender meus ancestrais, meu lugar, minha história como homem negro. A história dos povos originários, das diversas etnias que ocuparam este território, de como somos plurais. O Brasil não nos disse a verdade sobre o Brasil” (Cleber Facchi, 2021).

É a partir de conceitos no campo do jazz e da negritude afro-brasileira que iremos discorrer a trajetória de Amaro Freitas nos tópicos a seguir.

3.1 STACCATO DO PRESENTE E UMA RELEITURA DO PASSADO

Este tópico tem como principal eixo retratar a terceira fase da carreira do pianista. Nessa fase as questões da negritude ultrapassam as da pernambucanidade, tão exaltadas em seu segundo trabalho. Suas composições, bem como as parcerias, percorrem algumas temáticas relacionadas à ancestralidade afro-brasileira, incluindo musicalidades de terreiro de candomblé.

Começaremos então pelo fato da contestação que Amaro fez sobre a “história não contada” dos negros no contexto brasileiro. Essa narrativa, segundo ele, foi um dos principais motores que conduziram sua pesquisa e, conseqüentemente, a composição do álbum “Sankofa”.

Desse modo, o tema e a contestação da história “oficial” do negro brasileiro, abordada por Amaro, apresentam um caráter político, histórico e social. No entanto, o pianista não cita em suas entrevistas algum autor ou livro sequer. Sua narrativa sobre ancestralidade é

fundamentada a partir de suas experiências e olhares vividos em lugares, regiões, países e obras artísticas que veremos a seguir.

É importante deixar claro que não quero desmerecer a experiência do artista. Pelo contrário: quero destacar que uma experiência apenas não basta, sobretudo quando se fala de ancestralidade negra.

Hall, ao discorrer sobre o lugar do negro na cultura popular, diz: “Esses momentos são sempre conjunturais. Eles têm sua especificidade histórica; e embora sempre exibem semelhanças e continuidades com outros momentos, eles nunca são o mesmo momento” (HALL, 2003, p.335)¹²¹. Contudo, é legítimo considerar o fato de que aos negros retirados da África passaram por muita dor e sofrimento, tal como destaca o jornalista brasileiro Laurentino Gomes, em seu livro “Escravidão – Volume 1”.

A história da escravidão africana no Brasil é repleta de dor e sofrimento. Centenas de livros já foram escritos sobre o tema, mas provavelmente, nenhum deles conseguirá expressar as aflições de um único cativo dos milhões capturados na África, embarcados à força em um navio, arrematados como mercadoria qualquer num leilão do outro lado do oceano, numa terra que lhes era completamente estranha e hostil, onde trabalhariam pelo resto de suas vidas sob o chicote e o tacão de seu senhor. Um detalhe, porém, talvez ajude os leitores de hoje a ter uma ideia, ainda que remota, do tamanho dessa tragédia: diz respeito ao comportamento dos tubarões que seguiam as rotas dos navios negreiros (GOMES, 2019, p. 28).

Esse é o contexto que diz respeito aos negros que vieram do continente africano. Essas pessoas tiveram seus direitos, posições sociais, identidades políticas e religiosas violadas. A autora Jacira Pontinta Monteiro, nascida em Guiné -Bissau, e residente no Brasil desde a sua infância, compartilhou no seu livro, “O estigma da cor”, vários dados a respeito do impacto que o tráfico negreiro trouxe ao Brasil. Um dos pontos retratados no livro e que destaco como pertinente para entendermos um pouco desse processo, é o descaso humanitário. A respeito desse tema ela diz o seguinte:

Sobre o descaso humanitário, a morte nos navios era tamanha que até a ordem natural das coisas, o caminho dos tubarões, foi alterado. As causas das mortes eram diversas, desde as condições anti-higiênicas dos navios negreiros — os escravos adoeciam de disenteria, febre amarela, varíola... — ao frequente suicídio dos escravos. [...] os cadáveres eram atirados ao mar em um ritual diário e serviam aos tubarões de alimento. Não havia respeito nenhum pela vida. Mesmo porque a linguagem usada no período da escravidão era a de que os escravos eram peças. As pessoas eram tidas como mercadorias, eram tributadas e contabilizadas (MONTEIRO, 2022, p. 47-48).

¹²¹ Capítulo Que negro e esse na cultura negra? (Da diáspora), Stuart Hall, 2003.

Embora alguns desses fatos sejam conhecidos e/ou retratados por pesquisadores, sociólogos e historiadores, a importância ou a emergência de se analisar os entrelaços provenientes da construção sociocultural oriunda da relação África-Brasil não diminuem. Essa interlocução cultural apresenta pontos peculiares a respeito da negritude brasileira. Nesse sentido, o que Amaro contesta, não é a dor sentida por seus ancestrais, mas suas histórias de lutas, lideranças e atos vitoriosos que estão à margem da “história oficial” do Brasil, sobretudo da história da cultura negra brasileira.

O pesquisador brasileiro Antonio Sérgio A. Guimarães, em seu livro “Modernidades Negras”, destaca que:

Cor e cultura foram durante muito tempo categorias de posição social. Pelo menos até o começo do século XX, eram categorias totalmente naturais; somos uma nação que se formou com a escravidão, e essa escravidão não era uma escravização generalizada de todos os povos, mas somente daqueles localizados numa determinada parte do continente africano. Os povos escravizados vieram da África Meridional, hoje Congo, Angola, Moçambique, Zaire e, subindo a costa ocidental da África, de regiões onde hoje estão os estados da Nigéria, do Níger, de Gana e de Camarões (GUIMARÃES, 2021, p. 42).

O terceiro trabalho de Amaro consiste em fazer um jazz que destaca (*Staccato*¹²²) uma estética musical contemporânea afro-brasileira, e isso se dá através da releitura¹²³ de filosofias e personagens históricos da cultura negra. Porém, o que o pianista faz, sobretudo no álbum em questão, é retratar uma das culturas negras presentes e possíveis no Brasil. Não todas. No primeiro álbum, essa cultura negra é representada por uma estética musical híbrida entre jazz, frevo e samba, por exemplo. No segundo disco, a cultura negra representada, passeia por tradições populares de diferentes regiões de Pernambuco. No álbum “Sankofa”, o que o pianista faz é apresentar mais uma visão/versão da ancestralidade negra presente no Brasil.

Amaro começa então pelo tema “Sankofa”, primeira faixa do álbum. O pesquisador Patrick dos Santos Pereira, em seu artigo “Sankofa: A identidade Negra e a Emergência de Fronteiras Dinâmicas no Contexto do Afroempreendedorismo”, argumenta que o termo “[...] é de origem africana e faz parte de um conjunto de ideogramas criados pelo povo Akan, que habitava a África Ocidental, onde estabeleceram-se os territórios de Gana e Costa do Marfim (PEREIRA, 2022, p. 18).

¹²² O termo *Staccato*, muito comum no universo da música, é um termo oriundo da Itália, cujo significado indica a forma a qual as notas devem ser tocadas/executadas, ou seja, de forma destacada.

¹²³ A palavra releitura, também muito comum no universo da música, diz respeito à composição ou elaboração de alguma coisa a partir de outra (referência) existente.

Esse ideograma representa territórios específicos dentro do continente africano. Amaro não esteve presente neles, tampouco conhecia seu contexto. Descobriu através da internet, e de forma inesperada, tal como veremos no decorrer deste tópico.

Figura 38 - Símbolo Sankofa¹²⁴



Fonte: imagem retirada do site Dicionário de símbolos.

O significado de “Sankofa” pode ser traduzido como uma volta ao passado para ressignificação do presente e construção do futuro. Ou até mesmo transmitir a ideia expressa no provérbio africano antigo que diz: “nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou para trás”.¹²⁵ Segundo Patrick Pereira,

O símbolo tem significado dialético, pois carrega consigo a capacidade de representar um ser encarando seu passado e futuro de maneira correlacionada. O ideograma apresenta uma ave que voa para a frente com os pés firmes no chão, enquanto sua cabeça está voltada para trás em arco, formando um círculo. O conceito Sankofa representa, aqui, a relação entre a teoria e o empírico na medida em que o fenômeno escolhido para a investigação assume a natureza relacional da realidade, em constante processo de vir a ser e em uma temporalidade dinâmica cuja base é a conexão imanente entre passado, presente e futuro (PEREIRA, 2022, p.18).

O tema principal do seu terceiro álbum, afirma Freitas, foi a última coisa a chegar, a “cereja do bolo” de um processo de produção que durou três anos até ser lançado. Essas são as informações concedidas ao jornalista Irlam Rocha Lima do Correio Braziliense. Com isso, fica patente a necessidade do artista de abarcar a valorização de sua própria história como

¹²⁴ Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹²⁵ Mais explicações sobre o termo, sua origem e significado disponíveis em: <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/>. Acesso em: 10 dez. 2023

homem negro e uma ancestralidade oriunda e refletida a partir de alguns personagens históricos. Segundo esse relato, podemos ter em mente que logo após o lançamento de “Rasif”, em 2018, o músico iniciou as composições e ampliou as questões de ancestralidade para além dos limites de Pernambuco.

Nesse sentido, é válido considerar que o pianista estava se utilizando de novas versões a respeito da ancestralidade afro-brasileira. Isso nos aponta para a ideia de que o artista não bebe de uma única fonte quando o assunto é ancestralidade, mas de várias. Uma delas é a do negro periférico e das questões socioeconômicas, levantadas quando ele se deu conta dos fatores que o levaram a não continuar o curso do Conservatório Pernambucano. Soma-se a isso o fato de seu pai ser pedreiro e padeiro, e ter sustentado a família que morava em um morro de um bairro periférico do Recife. Essas informações estão presentes no já citado documentário “Amaro Freitas - o Piano Como Extensão da Alma”, de Suzanna Borba.

No segundo semestre de 2019, quando esteve em Nova York para uma apresentação no Lincoln Center, Amaro foi ao Harlem, bairro periférico norte-americano. Em uma feira africana local, ele adquiriu uma bata com um vendedor/alfaiate senegalês. Na bata, via-se uma estampa com o símbolo da sankofa. Sem saber do que se tratava, o pianista se apresenta um dia depois em um dos mais tradicionais espaços de jazz norte americano, o Dizzy's Club no Lincoln Center. O encontro com raízes africanas de outro país pode ser considerado como um novo momento frente a vias ancestrais africanas. Entretanto, dentro de um contexto geográfico e cultural afro-americano, e não afro-brasileiro.

Esse seria o contato mais próximo (através de um Senegalês) de uma África tradicional e contemporânea que o artista teria chegado até aquele momento. Ainda assim, era mais um fragmento dela, e isso se deu através do contato que o pianista teve com um comerciante africano inserido em um contexto de mercado norte-americano, e não em Senegal. Segundo Gilroy, “[...] essas ideias sobre nacionalidade, etnia, autenticidade e integridade cultural são fenômenos tipicamente modernos com implicações profundas para a crítica cultural e a história cultural” (GILROY, 2012,p.34). Além disso, o vendedor não se preocupa em descrever ou apresentar o símbolo que o pianista carregava em sua bata. Amaro descobre o significado da imagem através de um colega brasileiro.

No ano de 2021, em entrevista ao programa da Rede Globo “Conversa com Bial”, o pianista revelou que só foi descobrir o real significado do símbolo Sankofa após terminar sua apresentação no Dizzy's Club e postar uma fotografia em suas redes sociais. Segundo o próprio Amaro, um colega seu comenta a fotografia dizendo o seguinte: “Nossa! Que linda

essa sankofa em teu peito.”¹²⁶ Só depois desse episódio que o pianista foi pesquisar e descobrir a filosofia por trás do ideograma. Nessa mesma entrevista, ele informou que esse era o último sinal que restava para concluir o disco, e assim o fez.

As músicas do seu terceiro álbum se encarregam de apresentar a sua aproximação com as tais filosofias e histórias provenientes da diáspora negra¹²⁷. Entretanto, considero importante pontuar que, apesar do terceiro álbum do pianista apresentar um conglomerado de temas e personagens, estes não dão conta de explicar o que foi e o que representa essa diáspora no contexto africano.

O pianista bebe de fontes terceirizadas, e, por esse motivo, é necessário considerar que o que está em jogo são narrativas provenientes do imaginário comum e oriundo de uma idealização de uma “África”. Isso se entrelaça à dissertação do sociólogo Cauê Gomes Flor¹²⁸, que argumenta:

É nessa luta contra o racismo cultural, contra o signo transformado em forma de dominação, negação e regulação que Bhabha (2013) chama a atenção para a noção de diáspora. Apreende a noção de diáspora a partir da ideia de culturas de sobrevivência. Formas e produções culturais que pervertem o organizado museu e imaginário das culturas nacionais com seus apelos pela continuidade de um “passado autêntico” e “presente vivo”. (Bhabha, 2013 apud GOMES, 2015, p. 88).

Apesar de Lovejoy ser por muitas vezes citado através de sua versão sobre diáspora, esse conceito pode e deve ser relativizado tendo em vista as ideias de Hall, por exemplo. Nesse sentido, apego-me muito mais as indagações do autor: “Que negro é esse na cultura negra?”. Ao meu ver, esse questionamento se faz necessário para compreender as diversas fases e discursos que o pianista vem se apropriando desde o início de sua carreira.

Portanto, o trabalho de Amaro, sobretudo o “Sankofa”, pode ser traduzido como uma reelaboração de símbolos e fenômenos culturais remanescentes de uma interpretação a respeito da África e sua influência em território brasileiro, levando em consideração o contexto de tradição.

¹²⁶ Fonte: entrevista concedida ao programa “Conversa com Bial” na TV Globo, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tfo4TDQ02YQ&t=1032s>. Acesso em: 04 jan. 2024.

¹²⁷ Este conceito é abordado pelo historiador Paul Lovejoy, um especialista conhecido por seu trabalho sobre o tráfico transatlântico de escravos e suas consequências para as comunidades africanas e africanas diaspóricas. Lovejoy contribuiu para a compreensão da diáspora africana, particularmente em relação à história da escravidão e ao impacto da dispersão forçada de africanos em todo o mundo. Nesse sentido, Lovejoy aborda a diáspora negra como um fenômeno global que teve profundas implicações sociais, econômicas e culturais.

¹²⁸ “Da racialização à etnicização: a construção de um complexo posicionar-se”, de Cauê Gomes Flor. – São Carlos: UFSCar, 2016. Acesso em: 25 mar. 2024.

[...] a diáspora enquanto forma de tradução impediria qualquer tipo de discurso naturalizado, unificador, da “nação”, dos “povos” ou da tradição “popular” autêntica, esses mitos incrustados da particularidade da cultura, não podem ter referências imediatas. A grande, embora desestabilizadora, vantagem dessa posição é que ela nos torna progressivamente conscientes da construção da cultura e da invenção da tradição.(GOMES, 2015, p. 88).

Ciente desse fato, apresentarei, de forma objetiva, os conceitos por trás de algumas faixas contidas no disco. A primeira faixa é “Sankofa”, cujo conceito foi devidamente apresentado no início deste capítulo.

A segunda faixa é “Ayeye”. O termo é uma palavra em iorubá. Seu significado é “celebração”. Levando em consideração o contexto do fazer musical, o pesquisador Félix Ayoh' Omidire destaca em sua tese que

quando os yorubanos fazem músicas como a seguinte cantiga popular, com suas letras aparentemente inocentes: Ayeye a jú wön lô nán o è/Ayeye a jú wön lô nán, / Igba iròré o ò, kò t' okan àpaerò/Ayeye a jú wön lô nán – o que , em tradução livre, significa algo assim: “O nosso saber-fazer é tão bom, que acabamos nos saindo melhor do que eles. Duzentos grilos nunca vão igualar a um único perdigão. Por isso que somos melhores do que eles! quer se admita, quer não”, eles estão deixando clara a sua noção de alteridade. [...] toda identidade é pautada sobre a questão da alteridade. Isso vale para dizer que a identidade é pautada sobre a alteridade dos negros e das negras, sejam quais forem as especificidades do tempo e do espaço nas quais se procura definir tal identidade (AYOH 'OMIDIRE, Félix, 2005, p.16).

Em setembro de 2021, em entrevista à revista digital Continente, Amaro destaca que busca deixar evidente, através das notas, essa “celebração”. Em seguida, ele diz:

Eu encontro essas notas junto de Jean e Hugo (baixista e baterista) e fazemos um improviso, onde a gente só precisa se conectar e deixar fluir. É o momento do brinde, mas esse disco todo vem nessa intenção de celebrar e abraçar também todos aqueles que eu não pude abraçar. (ESTEPHANIA, 2021).

O pianista poderia ter escolhido outra forma, língua ou termo para expressar essa vibração ou celebração que tanto indica. Entretanto, escolheu deixar evidente a sua aproximação com uma cultura afrocentrada, tal como a enxergam os identitários. Essa é uma das possíveis leituras que a segunda faixa apresenta.

O nome da terceira faixa é “Baquaqua”, título que faz referência ao personagem negro africano Mahommah Gardo Baquaqua. Este personagem tem uma história peculiar: foi trazido para o Brasil como escravo, mas fugiu para Nova York em 1847, onde aprendeu a ler e

escrever. Segundo informações retiradas do jornal Diário do Comércio, “Sua autobiografia foi publicada pelo abolicionista americano Samuel Moore e hoje é o único documento conhecido sobre o comércio de escravos escrito por um ex-escravo brasileiro” (Diário do Comércio, 2021).

Figura 39 - Personagem Baquaqua¹²⁹



Fonte: imagem retirada do site do jornal Diário de Pernambuco.

Na entrevista concedida ao programa “Conversa com Bial”, Amaro chegou a dizer que tinha um apreço por esse personagem, chegando a compará-lo com seu pai. De acordo com o pianista, após a chegada de Baquaqua em Pernambuco, uma de suas funções era a de padeiro, função que seu pai também exerceu durante sua infância, e dela tirou o sustento da família por um determinado período. Apesar disso, o pianista não deixa claro em nenhuma de suas entrevistas sobre o álbum em questão como a história desse personagem chegou até ele. A respeito dessa figura, pontua o pesquisador José Antonio dos Santos em seu artigo “Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida”¹³⁰:

Em 1857, já em Liverpool, na Grã-Bretanha, Baquaqua, além da vontade obstinada de voltar ao continente em que nasceu, não deixou mais pistas para os historiadores. Ele foi um personagem típico da diáspora. Em todo lugar que viveu, aprendeu e ensinou, mudou de nome e de religião, deixou de ser muçulmano e passou a ser católico e, após isso, protestante. Foi livre e escravo, mas nunca deixou de ser africano e, quando conseguiu condições materiais para registrar a sua história, o fez

129

Disponível

em:

<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2015/05/unico-relato-autobiografico-de-um-ex-escravo-brasileiro-vai-virar-livro.html>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹³⁰ SANTOS, JÁ. Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida. In: MACEDO, JR., org. Desvendando a história da África [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. - Acesso em 15 dez de 2023.

com o nome de batismo, marca da origem, cultura e religiosidade que carregou sempre consigo (LOVEJOY, apud SANTOS, 2008, p. 184).

Apesar de ocupar a terceira faixa do álbum *Sankofa*, a música “Baquaqua” foi a primeira a ser lançada nas plataformas digitais, com direito a videoclipe em parceria com a Natura Musical e a Far Out Records. Embora Amaro tenha demonstrado certa estima pelo personagem, a música referente ao mesmo não é a mais ouvida no álbum em questão. Por se tratar de uma música instrumental, fica difícil destacar pontos que ajudem a contar esse elo entre o pai do pianista e esse personagem histórico. Certamente, devemos considerar apenas o campo da subjetividade que envolve a composição e a narrativa contada pelo artista.

A mais ouvida é “Vila Bela”, quarta música do álbum, que se destaca por apresentar uma diferença enorme em número de ouvintes se comparado às três primeiras do seu álbum. Tendo acumulado cerca de 2.824.857 *plays* no período de 11 de dezembro de 2023¹³¹, a faixa faz referência ao município de Vila Bela da Santíssima Trindade, que foi a primeira capital do estado do Mato Grosso. Apesar do título, o objetivo da faixa é apresentar a região onde viveu a personagem negra Tereza de Benguela¹³², considerada uma heroína negra brasileira, segundo o site da Biblioteca Setorial do Cecult, ligado a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

O local de nascimento dessa personagem é desconhecido. Ainda segundo o site da biblioteca, pode ter sido alguma região do continente africano, ou até mesmo no Brasil. Bruno Pinheiros Rodrigues aponta em sua tese de doutorado¹³³ que:

As estimativas gerais sobre a quantidade de escravos exportados da África Central, especialmente do porto de Benguela, nas últimas décadas têm sido constantemente revisadas, pela comparação ou consideração de novos núcleos documentais. Paul Lovejoy, por exemplo, afirma que do Oeste-Central Africano foram exportados cerca de 3 milhões de escravos,¹⁸¹ ao passo que Herbert Klein, na combinação de dados obtidos de portos, apresenta a estimativa de exportação de 2.082.250 escravos. No interior desse quadro, Lovejoy, David Eltis e David Richardson apontam que Benguela, entre os anos de 1676 a 1832, enviou para o Novo Mundo 205.700 escravos (Rodrigues, 2015, p. 93).

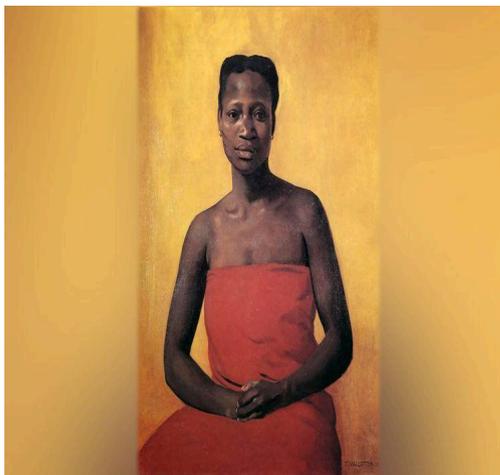
¹³¹ No terceiro tópico deste capítulo apresentaremos informações mais precisas a respeito desses números, fazendo comparações inclusive com outras faixas do artista, bem como outros artistas famosos do jazz mundial e da MPB.

¹³² Criada em 1615, a província de Benguela tem a sua sede na cidade de Benguela, a segunda maior cidade de Angola.

¹³³ “HOMENS DE FERRO, MULHERES DE PEDRA: Resistências e Readaptações identitárias de africanos escravizados. Do hinterland de Benguela aos vales dos rios Paraguai-Guaporé e América espanhola – fugas, quilombos e conspirações urbanas (1720-1809)”.

Tereza de Benguela foi casada com o líder do Quilombo do Piolho, José Piolho, que foi assassinado por soldados. Após sua morte, Tereza assumiu a liderança do quilombo que fazia divisa entre Mato Grosso e Bolívia.

Figura 40 - Retrato de Tereza de Benguela¹³⁴



Fonte: imagem retirada do site da Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe.

Ao ser entrevistado por Thaís Regina para o site Monkeybuzz, Amaro relata que gostaria de dar um abraço em Tereza, e que essa música seria uma forma de agradecer a grandiosa e poderosa mulher que ela foi para a história do Brasil. Esse trecho corrobora a hipótese de uma idealização e apego do pianista à personagem. Nesse sentido, o músico não quis demonstrar em seu discurso as contradições de uma líder guerreira e seus mandatários, apenas a forma como ele mesmo a enxergava. Com efeito, Tereza dominou sobre diferentes povos e culturas.

Em 1770, por exemplo, na descrição daqueles que serviam Teresa de Benguela, denominada a rainha do Quilombo Grande, são mencionadas negras e índias. Indagamo-nos a que ponto tais indígenas haviam assumido a hierarquia política que se apresentava no quilombo: assimilados, teriam se africanizado ou apenas estariam procedendo conforme padrões de hierarquia anteriores que traziam dos Cabixi [...] Em suma, os mais diferentes caminhos, para além das fontes escritas, nos levam a considerar que os africanos aquilombados e liderados por Teresa de Benguela, em 1770, pudessem ser majoritariamente de origem bantu, com possível predominância daqueles oriundos dos reinos de Angola e Benguela (Rodrigues, 2015, p. 283/293).

¹³⁴ Pintura de mulher feita pelo artista francês Félix Vallotton (Femme noire assise de face), feita em 1911, passou a ser associada no Brasil à figura de Tereza de Benguela. Óleo sobre tela, coleção privada. Disponível em: <https://al.se.leg.br/dia-nacional-de-tereza-de-benguela-relembra-a-resistencia-da-mulher-negra/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

Quando se trata do processo de composição, o pianista aponta: “Quando eu penso nesse abraço em Tereza, penso em um abraço elegante e suave, então fechei meus olhos e comecei a criar essas notas, longas e suaves, e vou sentindo esse cheiro de Tereza, o vento que bate na gente, a vista de Vila Bela.” (REGINA, 2021). O pianista idealiza Teresa de forma branda, suave e contemporânea, porém, “Teresa de Benguela, assim como Nzinga, era temida até por homens, respeitada e rigorosa na sua governança” (RODRIGUES, 2015, p. 300).

As faixas seguintes são “Cazumbá” e “Batucada”. “Cazumbá” é faixa emblemática que traz representações da cultura do nordeste do Brasil, bastante difundida no Maranhão. O nome também faz parte de uma região do Acre, Cazumbá-Iracema, região amazônica do Brasil.

De tal maneira, a Revista Continente destaca que a música “vem no sentido de homenagear esse encontro e celebrar esse boi místico, que vem da periferia do Maranhão, mas também acontece em Manaus, por essa projeção de Parintins” (ESTEPHANIA, 2021). A cultura vivida na região de São Luís, capital do Maranhão, pode nos apresentar indícios importantes de que a música do pianista pretende demonstrar parte da vivência e filosofia dos brincantes dessa expressão cultural.

O personagem Cazumbá é uma extensão/formato do Bumba meu Boi, expressão da cultura popular brasileira muito comum no norte e nordeste brasileiro. Todavia, o cazumbá é uma expressão também do misticismo da cultura maranhense. Em entrevista à jornalista Geisa Almeida, a mestre e doutora em ciências sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Elisene Matos, aponta que essa figura ora desperta medo, ora encantamento. Não é homem e nem mulher, mas um ser sobrenatural que ritualiza a vida e também a morte no bumba meu boi. Outro detalhe a ser considerado, segundo o mestre e pesquisador em Cultura Popular, Jandir Gonçalves, que tem expertise na diversidade das manifestações da cultura popular do Maranhão, é, que tanto o termo “cazumba” como “cazumbá” estão corretos.

Em entrevista ao programa Maranhense “Daqui” (vinculado ao grupo Globo) em 2021, Gonçalves aponta que os conterrâneos e brincantes utilizam mais o termo “cazumba”, e que cazumbá surgiu através de pesquisadores, sobretudo dos não nativos do Maranhão, e que a depender da região o termo sofre tais variações.

Figura 41 - Vestimenta Cazumbá¹³⁵

Fonte: imagem retirada do acervo da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj).

A pesquisadora Elisene destaca na entrevista que

O aspecto místico do cazumbá se revela em sua chamativa indumentária, que é composta por uma máscara que ilustra a figura de algum animal, também chamada de careta, e por uma longa túnica feita de veludo ou tecido de chita. (ALMEIDA, 2023).

Ainda segundo a pesquisadora, não há registros de onde e quando surgiu o cazumbá no bumba meu boi. Sabe-se, porém, que o personagem se concentra principalmente na Região da Baixada Maranhense e em alguns municípios do litoral norte do estado, como São Luís.

A autora destaca o fato de que algumas pesquisas na área da antropologia, elaboradas entre os anos de 1986 e 2005, atribuem ao personagem uma origem africana. “Em seu livro ‘Cazumbas: pessoas e personagens do bumba-meu-boi’, Elisene cita a associação feita pelo pesquisador e padre, Bráulio Ayres, das caretas e indumentárias dos cazumbás aos rituais praticados para os voduns africanos” (ALMEIDA, 2023).

135

Disponível em:
<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/museu-do-homem-do-nordeste-1/lista-dos-objetos/cazumba>. Acesso em: 17 dez 2023.

Desse modo, podemos ter em mente que a música “Cazumbá”, do terceiro álbum do pianista Amaro Freitas, é uma das formas que o artista encontrou de falar sobre mais uma cultura afro-brasileira difundida no nordeste brasileiro.

A música “Batucada”, faixa de número seis do disco, representa a conexão do pianista com uma ancestralidade construída a partir dos tambores. Ele afirma que, com a música: “Estou me permitindo ser um canal — estudando para tirar um grande som percussivo, mas ao mesmo tempo entendendo o piano como um instrumento rítmico e tentando descobrir como tirar essa rítmica da melhor forma possível.” (REGINA, 2021).

A composição atrelada ao contexto percussivo é algo que Amaro apresenta desde seu segundo trabalho. Entretanto, no contexto de “Sankofa”, isso se mostra muito mais alinhada com o afrocentrismo¹³⁶. Essa relação fez-se necessária dentro de sua jornada de autoafirmação e conexão com a filosofia de seus antepassados.

Nesse sentido, aponta Paul Gilroy:

Examinar a o lugar da música no mundo do Atlântico negro significa observar a autocompreensão articulada pelos que a têm produzido, o uso simbólico que lhe é dado por outros artistas e escritores negros e as relações sociais que têm produzido e reproduzido a cultura expressiva única, na qual a música constitui um elemento central e mesmo fundamental. Desejo propor que o compartilhamento das formas culturais negras pós-escravidão seja abordado por meio de questões relacionadas que convergem na análise da música negra e nas relações sociais que a sustentam (GILROY, 2020, p. 161).

O que Amaro fez ao longo de seu terceiro trabalho foi destacar o quanto estava imerso numa cultura brasileira mais afrocentrada. Esse destaque se deu em escala nacional, deixando um pouco de lado sua relação com o que pode-se caracterizar como pernambucanidade, que se traduz em um certo orgulho de pertencer a uma região específica.

3.2 NEGRITUDE E VIRTUOSISMO EM CONTRAPONTO

Em 2021, ano de lançamento de “Sankofa”, Amaro seguiu firme com seus shows no Brasil e mundo afora. No entanto, os palcos e entrevistas dão espaço a um artista mais engajado com as temáticas que dizem respeito a sua força como uma figura negra em atividade artística, atraindo o olhar não só de músicos interessados em jazz, mas de artistas, críticos, curadores e jornalistas interessados nas pautas da negritude. Nesta etapa de sua

¹³⁶ O Afrocentrismo é um movimento intelectual e cultural que coloca a África e as culturas africanas no centro do discurso histórico, cultural e social. Surge como uma resposta crítica ao eurocentrismo, que historicamente colocou a Europa e as culturas europeias como padrão e centro de referência nas narrativas históricas e culturais.

carreira, Amaro já se colocava como representante do cenário artístico negro brasileiro. O pianista torna-se então a cara da renovação do jazz brasileiro, sobretudo através da representação de uma modernidade negra, mais atenciosa, engajada e politizada.

Segundo o autor Antonio Sérgio A. Guimarães (2021), a “modernidade negra começa como uma revolução estética na música, na literatura e nas artes plásticas, mas também, concomitantemente, na representação de si e na construção de um ideal político. No caso do pianista em questão, a vestimenta, a linguagem (forma de se comunicar com o público), o cabelo e o tema do álbum fazem um apontamento direto às histórias de figuras que fomentam a construção da ancestralidade, do orgulho, da identidade e do sentimento de pertencimento.

É a partir dessas colocações que compreendemos parte das motivações que levaram o pianista a abrir mão de reproduzir um formato de jazz atrelado a uma estética estadunidense (mesmo dentro de um contexto negro) para evidenciar as filosofias e histórias de ancestrais negros em contexto brasileiro. Sendo assim, a negritude é uma das (senão a maior) peças fundamentais do terceiro trabalho/momento do artista. Tal conceito ocupa um lugar tão importante quanto as composições e o virtuosismo do músico.

O conceito de negritude diz respeito a um sentimento de orgulho e/ou conscientização acerca da cultura negra. Essa conscientização evidencia a valorização das peculiaridades, valores culturais e/ou orgulho racial, pertencentes à cultura dos negros e sua religiosidade¹³⁷. Já o virtuosismo ou virtuosidade, seria a habilidade técnica em uma interpretação artística. Coloco, aqui, as duas em contraponto, uma vez que, no contexto da música, o contraponto é uma forma de sobrepor melodias diferentes, para serem executadas ao mesmo tempo. Ou também aquilo que, embora apresente contraste ou oposição, complementa um assunto ou texto.

Deste modo, não seria equívoco categorizar Amaro como representante do jazz nacional cuja habilidade técnica é destacada com base em elementos rítmicos complexos

¹³⁷O conceito também diz respeito a um movimento literário e filosófico que surgiu no início do século XX, principalmente entre intelectuais e escritores africanos e afrodescendentes, com o objetivo de promover uma consciência positiva da identidade negra, celebrando a cultura africana e afrodescendente.

Principais autores associados à Negritude: **Aimé Césaire**: Poeta e político da Martinica, Césaire é considerado um dos fundadores do movimento Negritude. Sua obra mais famosa, "Cahier d'un retour au pays natal" (Caderno de um retorno ao país natal), é um marco do movimento. **Léopold Sédar Senghor**: Político, poeta e pensador senegalês, Senghor foi outro dos principais expoentes da Negritude. Ele também foi o primeiro presidente do Senegal após a independência. Suas obras incluem "Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française" (Antologia da nova poesia negra e malgaxe em língua francesa). **Léon-Gontran Damas**: Poeta e político da Guiana Francesa, Damas foi outro importante membro do movimento Negritude. Sua obra inclui "Pigments" e "Retour de Guyane" (Retorno da Guiana).

intercalados por vias de culturas populares. Além disso, a projeção dessas habilidades se deu também através da interlocução de células rítmicas a serviço de um determinado tema composto por negritude. Outro exemplo a ser demonstrado se dá pelo fato de que o músico foi cotado para participar de eventos e de entrevistas que evidenciam sua aproximação à cultura e religiosidade afro-brasileira.

A começar pela sua participação no projeto “Múltiplo Ancestral”, promovido pelo programa CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil). A atividade contava a história do personagem negro Baquaqua e do conceito de Sankofa. Entram nesta lista apresentações em festivais de música em comemoração ao mês da consciência negra em território brasileiro, sendo um dos principais deles o Preta Jazz Festival no auditório do Ibirapuera-SP. Além disso, o show do projeto “Ancestral Cumbe¹³⁸”: essa performance buscou ressignificar tanto o uso do piano, como o instrumento de cordas – a exemplo da viola nordestina – e aparatos percussivos, como o Ilú (instrumento de terreiro). O show fez releitura de obras de Moacir Santos, Milton Nascimento e Johnny Alf, sendo promovido pelo SESC de São Paulo.

A ressignificação ou releitura de elementos da cultura afro-brasileira é o motor do projeto “Ancestral Cumbe”. Nesse sentido, aponta Hall:

Existe, é claro, um conjunto de experiências negras historicamente distintas que contribuem para os repertórios alternativos [...]. Mas é para a diversidade e não para a homogeneidade da experiência negra que devemos dirigir integralmente a nossa atenção criativa agora. Não é somente para apreciar as diferenças históricas e experienciais dentro de, e entre, comunidades, regiões, campo e cidade, nas culturas nacionais e entre as diásporas, mas também reconhecer outros tipos de diferenças que localizam, situam e posicionam o novo negro. (HALL, Stuart, 2003, p. 346).

“Ancestral Cumbe” é o trabalho paralelo à turnê de Sankofa. Neste projeto, o pianista contou com músicos e um formato diferente do seu formato habitual, com exceção de Hugo Medeiros, baterista do Amaro Freitas Trio. Além do baterista (que Amaro considera como seu mentor rítmico), o pianista conta ainda com o multi-instrumentista Henrique Albino, peça chave em parcerias antigas, Laís de Assis, e o percussionista Lucas dos Prazeres. Todos os participantes eram de Pernambuco.

O conceito do projeto era o de homenagear a ancestralidade afro-brasileira através de personagens negros, com os quais Amaro teve contato direta e indiretamente em sua formação

¹³⁸ Cumbe é uma palavra de origem africana que em alguns países latino-americanos significa quilombo.

e carreira, como Milton Nascimento, Moacir Santos, Dom Salvador¹³⁹, Johnny Alf¹⁴⁰, Dominginhos e Naná Vasconcelos¹⁴¹. Durante sua apresentação em 2021 no festival Sesc Jazz, no teatro Sesc Pompéia, em São Paulo, o próprio pianista descreve o significado da palavra cumbe como sendo quilombo. Outro possível significado segundo ele pode ser “o melhor caminho/escolha”.

Um detalhe importante a ser mencionado é o de que quando um artista (como é o caso de Amaro) escolhe um tipo de apadrinhamento ou referência através de uma obra ou artista específico, o que muitas vezes está em jogo é o recorte ou uma “fotografia” de um momento singular daquele personagem ou obra. Por assim dizer, uma versão é escolhida como referência, e isso não representa aquele artista/obra como um todo.

Tendo isso em mente, o que Amaro faz é escolher momentos e versões específicas de artistas como Dominginhos e Naná Vasconcelos, por exemplo, dando forma e construindo suas performances e composições.

Figura 42 - projeto Ancestral Cumbe¹⁴²



Fonte: Jão Vicente.

Existem dois pontos do Ancestral Cumbe que consideramos interessantes a partir do tema proposto neste tópico. O primeiro deles é o fato de, pela primeira vez, Amaro subir ao

¹³⁹ Dom Salvador, nome artístico de Salvador da Silva Filho, é um instrumentista, arranjador e compositor brasileiro. Fez-se notável durante a efervescência musical do jazz e bossa nova nas noites cariocas.

¹⁴⁰ Johnny Alf é o nome artístico de Alfredo José da Silva, foi um compositor, cantor e pianista brasileiro. Considerado um dos pais da bossa nova, também foi um notável instrumentista, influenciou nomes como João Gilberto, Tom Jobim.

¹⁴¹ Teremos um espaço dedicado ao percussionista pernambucano Naná Vasconcelos no decorrer deste trabalho.

¹⁴²Foto: Jão Vicente. Disponível em: <https://falailhabela.com.br/2022/06/amaro-freitas-ancestral-cumbe-trazem-para-ilhabela-a-ancestralidade-african-a-por-meio-da-musica-no-ilhabela-in-jazz>. Acesso em: 18 dez. 2023.

palco (com um projeto dele) com uma mulher instrumentista. Freitas apresenta Laís (no festival) como uma força da representatividade da mulher negra da Zona da Mata Norte de Pernambuco. A artista é violonista, pesquisadora e violeira, com especialidade na música instrumental a partir do uso da viola de dez cordas.

O segundo ponto, que considero oportuno apresentar uma descrição mais aprofundada, diz respeito ao convite de Amaro feito ao percussionista e multi-artista Lucas dos Prazeres. Ao convidar o percussionista, Amaro também assume a força da religiosidade que atravessa essa escolha. Lucas dos Prazeres é percussionista, cantor e compositor, acompanhou por anos o também percussionista pernambucano Naná Vasconcelos.

Filho do Quilombo dos Prazeres, desde criança Lucas é também bailarino, dançarino e passista, tendo participado ao longo de sua trajetória de troças e grupos carnavalescos. Começou, então, a interligar dança e música. Apesar de ser músico, percussionista e compositor, o exercício corporal nunca se dissociou de seu trabalho, através de um fazer percussivo que ele chama de “corpo-memorial”.

Lucas é símbolo concreto e contemporâneo da ancestralidade. Nesse ponto, acredito que a ideia de corpo memorial faz total sentido dentro do espectro sociocultural afro-brasileiro. O livro “Arte e Espiritualidade - o cristão e a cultura brasileira”, dos autores Rodolfo Amorim, Marcos Almeida e Davi Lago, destaca que

Desde as origens de sua presença no contexto brasileiro, a expressão artística mais típica da população negra foi o registro de suas danças e expressões performáticas fortemente comunitárias por curiosos europeus (AMORIM, ALMEIDA, LAGO, 2022).

Ao apresentá-lo ao público, o próprio Amaro destaca a força ancestral de Lucas. Essa representatividade negra faz contraponto ao virtuosismo do percussionista, assim como acontece também com Laís de Assis no contexto do projeto.

Além disso, o trabalho artístico de Lucas se confunde com sua religiosidade, assim como acontece nos terreiros de religiões de matrizes africanas, sobretudo na historiografia brasileira.

É comum acordo entre os pesquisadores da arte afro-brasileira que o contexto de manutenção e cultivo das tradições religiosas africanas se tornaram a principal fonte de manifestação do imaginário estético afro-brasileiro durante os séculos de escravidão, tornando-se ainda mais presente após a abolição nos fins do século XIX. [...]. Assim a religião como principal elemento de promoção de coesão social em contextos indiferenciados torna seus cultos e rituais os contextos por excelência de expressão artística. A permanência de tais tradições no contexto brasileiro é um instigante fenômeno sociocultural quando comparamos com realidades de

escravidão de negros como nos EUA, onde constata-se a quase inexistência da memória e prática religiosa de matriz africana. (AMORIM, ALMEIDA, LAGO, 2022, p. 520-521).

Portanto, por meio da escolha estética de Amaro, Lucas leva ao palco o instrumento típico da relação entre o negro pernambucano e sua religiosidade candomblecista, o Ilú. Segundo o Instituto Tambor¹⁴³, o Ilú é um instrumento brasileiro de origem africana (Iorubá). Tradicionalmente usado no culto nagô no Recife, conhecido também como xangô pernambucano. Em iorubá, Ilu significa tambor. Ao falar sobre o instrumento durante a apresentação no Sesc jazz, Amaro o reverencia e pede aplauso para o instrumento sagrado, antes mesmo de pedir aplausos ao Lucas.

O pianista fez questão de informar ao público que aquele instrumento não é muito usual no contexto do jazz. De fato não é, se levarmos em consideração todo seu símbolo de representatividade cultural e religiosa, sobretudo em sua utilização no candomblé. Entretanto, Amaro Freitas (como líder do projeto) não quis tratar simplesmente de religião, e sim, do valor histórico e cultural que atravessa o instrumento e sua relação com a diáspora africana e a história da escravidão no Brasil. O instrumento foi uma ponte para apresentação dos ideais e valores inerentes ao projeto. O trabalho “Identidades: interface entre religião de negritude, de Lwdmila Constant Pacheco, aponta que:

Na história do candomblé, é comprovada a persistência de certos valores e práticas junto à ressignificação ou criação de outros valores e práticas. Há, portanto, alguma coisa que permanece ao lado de outra que se modifica. Por isso, se faz necessário o reconhecimento de certas continuidades herdadas da África, considerando também que o indivíduo como transmissor de cultura se converte em agente de mudança, e por isso a história do Candomblé precisa fazer um esforço de aproximação aos sujeitos históricos que foram seus protagonistas. Isto é, no Brasil a formação do hoje conhecido candomblé deve-se a determinados povos africanos que ocuparam principalmente o nordeste (mais precisamente Alagoas, Pernambuco, Sergipe e Bahia) somado a condição da escravidão (PACHECO, 2010, p. 52)

Não obstante a essa ideia, Lucas dos Prazeres teve seu momento de destaque junto ao instrumento, e nesse improviso/solo, é possível visualizar técnica, virtuosismo, e/ou conexão do instrumentista com sua religião, tudo isso fomentando a performance. Ao acabar, Lucas levanta o Ilú, numa espécie de reverência. Aponta-o para o público, que o aplaude.

Figura 43 - Lucas dos Prazeres e o Ilu¹⁴⁴

¹⁴³ O Instituto Tambor é um atelier de instrumentos de percussão artesanais, situado em São Paulo e coordenado pelo mestre artesão Luiz Poeira.

¹⁴⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3iJkE4zZJ8A>. Acesso em: 18 dez. 2023.



Fonte: *screenshot* retirado do vídeo da apresentação do Ancestral Cumbe.

Ao procurar saber mais profundamente sobre o ilú, consultei Rhuam de Osàlufàn¹⁴⁵, praticante e conhecedor da religião do candomblé, umbanda e Jurema Sagrada. De acordo com ele, o instrumento tem relevância no candomblé pela sua utilização no culto aos orixás do fogo, tais como Xangô e Oyá. A sacralidade do instrumento está contida no símbolo de sua estrutura, a começar pelo cruzeiro que sustenta o tambor pela parte inferior do instrumento. Nesse sentido, ele é especial porque tem o propósito de convocação por meio do toque, executado de uma forma que a batida e tons atendam a determinadas especificidades.

Ainda segundo ele, o Ilú é considerado um instrumento vivo, isso se dá pelo fato de que o seu coro/pele é retirado a partir de um sacrifício animal para aquele fim. Além disso, existe entre os praticantes a expressão “Ilú come”, proferida quando um sacrifício animal é realizado em cima do instrumento. Segundo a crença, esse é um dos processos que o torna vivo.

Ao longo do tempo (ele não especificou qual/quanto) o instrumento ampliou seu uso para além do candomblé, se estendendo a Umbanda e Jurema sagrada. Cada qual possui propósitos distintos quanto a convocação e ritual. Em resumo, os Ilús não se misturam. No barracão do Caboclo folha seca (casa de Rhuam de Osàlufàn), por exemplo, existem Ilús específicos para cada convocação e via religiosa.

Através dessas informações, podemos considerar o sentido da reverência que Lucas e Amaro prestam ao instrumento. Quando tratamos de jazz, não é apenas do virtuosismo musical que o representa, mas da espiritualidade e cultura negra (sobretudo em sua forma

¹⁴⁵ Rhuam é pai pequeno no barracão do Caboclo Folha Seca, no Cabo de Santo Agostinho, cidade parte da zona metropolitana do Recife.

híbrida) que fez e ainda faz parte da composição e historiografia do gênero, assim como o *spirituals*¹⁴⁶. Segundo Hobsbawm:

Os primeiros *spirituals* remontam a tempos mais antigos, certamente antes de 1800. [...] Os *spirituals* e as canções de gospel continuam, em todos os estágios da evolução, a ser cantados, e todos eles continuam a fornecer uma fonte inesgotável para o jazz em geral e para determinadas obras de jazz em especial. [...] Do nosso ponto de vista, o período crucial para esse desenvolvimento – que naturalmente intensificou o caráter negro da música *spirituals* – tenha sido o da segregação dos batistas negros, entre 1865 e a década de 1880, pois essa seita e as seitas chamadas *shouting* do século XX (portanto segregadas) como a Pentecostal Holiness Church, as Churches of God in Christ, e outras do mesmo gênero, foram responsáveis pela maior contribuição religioso-musical ao jazz. (HOBSBAWM, 1989, p. 53)

No contexto brasileiro, o jazz de Amaro Freitas atendeu a outros caminhos de espiritualidade, muito embora ele tenha crescido dentro de uma cultura evangélica brasileira. Nos EUA, berço do jazz, a religiosidade negra foi sucumbida pela religião dos brancos norte-americanos, um movimento bem diferente se comparado a sobrevivência e difusão das religiões de matrizes africanas no contexto brasileiro e outros países latino americanos. De certa forma, Amaro se apropria desse fator sociocultural.

O pianista não apresentou interesse ou crenças específicas com religiões de matrizes africanas, mas com um mundo africano hibridizado, com diversas versões desta “África”. Seja pelo seu contato com o senegalês em um bairro negro norte-americano, ou por sua própria experiência no Brasil e em Pernambuco, o pianista também não tomou para si um movimento negro político específico. Todavia, o mesmo segue ampliando seu discurso de uma determinada ancestralidade através de sua música e aparência. Essa questão, por si só, deve ser considerada como um ato político e de representatividade em si.

Durante esse percurso, Amaro envereda ainda mais pelos caminhos percussivos. Logo depois do lançamento e turnê de “Sankofa” e Ancestral Cumbe, o pianista passa a receber com certa recorrência (nos anos de 2022 e 2023), convites para apresentações solo, inclusive para o Japão e Europa, deixando seu trio oficial/original de lado. Após abandonar, por ora, os seus companheiros de projeto, e com turnês marcadas pela Europa, Amaro recorre a uma estética sonora do que ele chama de piano preparado. Esse conceito, porém, não é novo.

O piano preparado ou “um instrumento novo” surge por invenção de John Cage na década de 1940. Todavia, os novos conceitos de Cage só começaram a se disseminar no Brasil

¹⁴⁶ Os *spirituals* se desenvolveram essencialmente na região Sul dos EUA, onde o catolicismo e os franceses foram mais tolerantes com o que chamavam de paganismo, já que não se importavam com a salvação de seus escravos. Nesta região a música tradicional africana conseguiu sobreviver de forma mais rudimentar se comparada a qualquer outro lugar do país.

por volta da década de 1960. Segundo o artigo científico “O Piano preparado e expandido no Brasil” de Claudia Castelo Branco,

Este novo instrumento, o piano preparado, pode ser definido como um piano de cauda onde objetos de materiais diferentes são introduzidos entre as cordas do piano, produzindo timbres diversos. Dependendo de qual objeto é inserido, que materiais são utilizados, qual distância dos abafadores, em que cordas estes são introduzidos, uma escala de sons incomuns é produzida. Cage explica que tanto os objetos quanto suas posições foram encontrados experimentalmente [...] O termo preparação sugere que o instrumentista precisará de algum tempo (às vezes horas) antes da performance para preparar o piano – com a fixação dos objetos entre as cordas. Ao mesmo tempo, utiliza-se hoje o termo *preparação fixa Cageana* para remeter a esse tipo de preparação onde os objetos são precisamente colocados antes da performance e só são retirados depois. (BRANCO, Claudia, 2006, p.771)

No caso de Amaro Freitas, o virtuosismo do pianista agora se mostra mais forte, reverenciado e evidenciado em programas e canais brasileiros como Um Café lá Em Casa, do guitarrista Nelson Faria, e o programa italiano de televisão, como vimos anteriormente. Além disso, o pianista lançou dois singles: o primeiro foi “Melanina”, lançado em fevereiro de 2023, e “Dança dos Martelos” em maio de 2023. O último com direito a videoclipe.

O virtuosismo presente na música “Dança dos Martelos” é tão intensa percussivamente falando, que é possível notar inúmeras semelhanças com o trabalho do percussionista Naná Vasconcelos. A própria página oficial no Instagram do percussionista (in memoriam) o elogia. Com a performance lançada no YouTube, Amaro arranca admiração de alguns outros músicos. Um deles, Aishá Lourenço¹⁴⁷, uma percussionista de Pernambuco, cuja experiência se estende em turnês pela Europa e todo o Brasil, menciona: “meu brodinho, tu é um dos maiores percussionistas que já conheci.”. Logo, a comparação com Naná faz-se necessária nesse momento.

Juvenal de Holanda Vasconcelos (Naná Vasconcelos) nasceu na cidade do Recife, Pernambuco, em 1944. Foi um músico brasileiro, eleito oito vezes o melhor percussionista do mundo pela revista americana de jazz DownBeat. É símbolo de afro brasilidade e um dos principais nomes da percussão mundial. Também trabalhou com Milton Nascimento na década de 70, e participou de festivais de jazz e diversos projetos musicais internacionais como a banda do saxofonista argentino Gabo Barbieri.

¹⁴⁷ Aishá Lourenço é natural de Olinda e, como percussionista, atuou com Comadre Fulôzinha (PE), Nitin Sawhney (UK), Amadou & Mariam (Mali), Grupo Bongar (PE), Maciel Salú (PE), Lucas e Orquestra Dos Prazeres (PE), Naná Vasconcelos (PE,) e Marcelo Jeneci (PE). Ela também estudou Percussão Popular, na Escola Musical do Estado do Estado São Paulo (EMESP) e Produção Musical na Manchester MIDI School, na Inglaterra.

Além disso, Naná atuou e gravou em projetos ao lado de Egberto Gismonti, do trompetista Don Cherry (no grupo Codona, com o qual lançou três discos), além do guitarrista Pat Metheny e B.B King, nomes importantes no jazz e blues norte-americanos.

Figura 44 - Naná Vasconcelos¹⁴⁸



Fonte: site oficial do artista.

O berimbau foi o instrumento do qual se tornou protagonista durante suas performances. Morou em Paris, durante cinco anos. Por lá gravou o seu primeiro álbum – “Africadeus” (1971). No Brasil, Naná gravou o seu segundo disco, “Amazonas” (1972).

Em junho de 2023, em entrevista concedida ao Jornal de Notícias, Amaro disse que iria lançar um álbum novo no início de 2024. Afirmou também que pela primeira vez não iria seguir com o seu trio habitual, dos quais gravaram os seus três últimos trabalhos. Declarou viver um novo momento, e que o álbum estaria ligado “à espiritualidade e à ancestralidade, no sentido da natureza”. Um dos grandes homenageados, segundo ele, é Naná Vasconcelos, “um grande percussionista pernambucano que fez um trabalho baseado no som da mata da Amazônia. “Então, inspirado nisso, passei um tempo em Manaus, no Brasil, conectado com a abundância de água”, conta Amaro (Jornal de Notícias, 2023).

Amaro fez mais um recorte da ancestralidade brasileira neste último álbum, evidenciando agora a Amazônia brasileira, e escolheu uma versão de Naná para homenageá-lo em suas performances. Desse modo, cabe uma vez mais afirmar que o Naná idealizado por Amaro nesse disco não é o Naná que morou na França e prestou serviço em gravações de

¹⁴⁸ Disponível em: <https://nanavasconcelos.com.br/fotos1/nggallery/page/2>. Acesso em: 23 dez. 2023.

jingles, e trilhas sonoras para cinema, muito menos o Naná do maracatu pernambucano. A escolha de Amaro apresenta o percussionista imerso na Amazônia, com sonoridades mais voltadas para a mata e suas peculiaridades¹⁴⁹.

O conceito do piano de Amaro chegou ao ápice de uma imersão cultural cuja estética podemos considerar uma sonoridade mais ancestral, percussiva e próxima do que se pode chamar de jazz brasileiro. E para tal, o músico optou ficar muito mais próximo da musicalidade de Naná, do que Oscar Peterson, Chick Corea, João Donato e outros nomes do jazz. Desse modo, concluo este tópico indicando o quanto o seu virtuosismo e negritude caminham juntos.

3.3 “O BAMBA DO JAZZ!”: ADMIRAÇÃO E CONTRADIÇÕES NO JAZZ DO ARTISTA

Amaro conseguiu ser uma das principais figuras da nova geração do jazz em território nacional e internacional. Foi chamado de o “bamba do jazz” pelo site Marte Cultural¹⁵⁰, e recebeu a alcunha de “o senhor do novo jazz brasileiro” pela colunista Sara Sofia do site do Jornal de Notícias¹⁵¹. Portanto, a força que Amaro tem enquanto artista é tão forte que chega a distanciá-lo e até mesmo isentá-lo de críticas referentes a suas composições ou sua forma de tocar. Até o momento dessa pesquisa, o trabalho do pianista pareceu sufocar ou até mesmo calar a voz de alguns críticos que optaram por não se posicionar publicamente contra o seu estilo subversivo de jazz.

Mesmo assim, não pude deixar de ouvir comentários a respeito de seu trabalho e performance. Certa vez, um professor meu disse: “Esse jazz do Amaro é tão bom quanto um hambúrguer vegano”. Em outra ocasião, uma colega musicista falou: “Eu fiz uma edição (se

¹⁴⁹ A incansável pesquisa sobre o piano preparado – técnica criada por John Cage nos anos 1940 – somada à experiência junto à comunidade indígena Sateré Mawé, na bacia amazônica, resultou no álbum “Y'Y” (pronuncia-se IêIê), do pianista pernambucano Amaro Freitas. Nele, o artista extrai de seu instrumento uma profusão de sons que evocam o ambiente da selva, passando pelos ritmos de sua terra natal até a vanguarda do jazz europeu. por Daniel Barbosa, Disponível em: https://www.em.com.br/cultura/2024/03/6812534-amaro-freitas-lanca-o-disco-yy-inspirado-em-sua-estada-na-amazonia.html#google_vignette, 04 de março de 2024. Acesso em: 05 abr. 2024.

¹⁵⁰ Novo “bamba do jazz”, pernambucano Amaro Freitas volta a Florianópolis e participa de show gratuito no Sexta Jazz AF. Marte Cultural, 2022. Disponível em: <https://marte.art.br/novo-bamba-do-jazz-pernambucano-amaro-freitas-volta-a-florianopolis-e-participa-de-show-gratuito-no-sexta-jazz-af/>. Acesso em: 06 jan. 2024.

¹⁵¹ GONÇALVES, Sara Sofia. Amaro Freitas e a mudança de ritmo do senhor do novo jazz brasileiro. Jornal de Notícias, 2023. Disponível em: <https://www.jn.pt/6531822744/amaro-freitas-e-a-mudanca-de-ritmo-do-senhor-do-novo-jazz-brasileiro/>. Acesso em: 6 jan. 2024.

referindo a vídeo pelo smartphone) do Amaro tocando em cima do tema do jogo *top gear*: é tão frenético que se encaixou direitinho, e eu particularmente acho agonizante”.

Outros dois comentários não tão elogiosos que presenciei diziam: “o primeiro álbum eu gostei, mas os outros ficaram muito politizados, não são mais belas músicas, não gostei muito”, disse um colega trompetista e também um pianista. Outro colega músico criticou o trabalho a partir das mixagens e masterizações dos álbuns. “Nos trabalhos de Amaro não rola muito som, diferente das performances ao vivo, seus álbuns estão longe de ser comparados aos da Europa, tem mixagem fraca”, disse um engenheiro de áudio.

Com efeito, Amaro é um exemplo notável de que as críticas estão mudando, ao menos as publicadas em espaços midiáticos ou espaços dedicados à crítica de arte. Toda crítica direcionada ao artista foi feita de forma velada, mesmo na era das desenfreadas críticas em espaços digitais como Instagram, canais de YouTube ou Facebook. Nesse sentido, Amaro não passou pelos mesmos desafios e críticas de seus conterrâneos de jazz pernambucano, tais como Maestro Spok, Dominginhos e o pianista Vitor Araújo, mencionados no primeiro capítulo.

O maestro teve seu trabalho contestado por puristas da música, segundo o pesquisador Amilcar Bezerra: “Os mais conservadores torceram o nariz para Spok, sob a alegação de que a linguagem do jazz desvirtuaria características essenciais do frevo” (BEZERRA, 2021). Já Dominginhos enfrentou críticas durante sua participação em festival de jazz na segunda metade da década de 1970, tal como aponta o historiador Gustavo Alonso:

“Muita gente – e isso quer dizer a grande maioria das pessoas que superlotaram o Palácio das Convenções do Anhembi – chegou mais tarde, apostando no tom ‘fraco’ da sanfona de Dominginhos, escalado para abrir o show [do Free Jazz Festival de 19XX]. O repúdio a Dominginhos não era mero preconceito por suas origens nordestinas. Havia entre os jazzistas um repúdio generalizado e histórico a seu instrumento, a sanfona. O aclamado historiador inglês Eric Hobsbawm escreveu em seu livro ‘História social do jazz’: ‘Ninguém conseguiu ainda produzir jazz de qualidade com acordeon’. A presença de Dominginhos no festival representava aquilo que os puristas do gênero mais detestavam. O Free Jazz Festival era muito criticado pelo público mais exigente do jazz por ser uma salada mista de vários estilos musicais. E o acordeon era visto como um instrumento alheio à tradição jazzística. A marca de “forrozeiro” parcialmente cultivada por Dominginhos tampouco ajudava.(ALONSO, Gustavo, no prelo).

No caso do também pianista Vitor Araújo, a crítica e a defesa vieram por nomes e maestros importantes do Brasil. Como exemplo, temos a pianista Maria Luiza Corker-Nobre, membro da Comissão de Patrimônio Intelectual do Rio de Janeiro. Além dela, o Professor do

Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, Ivanildo Guilherme Ribeiro, teve sua fala registrada no blog do jornalista Cazzo Fontoura, no artigo: “Vitor Araújo, o réu”¹⁵². Reproduzo um trecho aqui:

É inegável que Vitor é um dos grandes talentos surgidos no Brasil. Não resta a menor dúvida, a habilidade dele não se discute. O problema é que, no caso, o compositor e o intérprete estão se misturando. Acho que ele deve ser orientado, até porque há possibilidade de sofrer consequências, inclusive judiciais, se reescrever partituras consagradas, como vem fazendo. Ele precisa entender que não pode modificar partituras de outros músicos. O maestro João Carlos Martins põe a batuta na polêmica, mas para salvar a pele do rapaz. Não vê problema nos rearranjos, caso a interferência seja boa. Cita o francês Jacques Lussier e o americano Bobby McFerrin, que fazem Bach swingar: Já ouvi falar muito bem do Vitor (FONTOURA, 2009).

No caso de Amaro, parece que está tudo certo aos olhos dos críticos, ao menos aqueles que tem espaços ou alguma notoriedade em plataformas e espaços midiáticos. Aqui no Brasil o pianista tem se mostrado bastante ativo nas vias mais comerciais da indústria fonográfica. Em se tratando de parcerias, ele participou do último trabalho da cantora brasileira Sandy. O pianista foi um dos convidados para participar do projeto “Nós, Voz, Eles”, lançado pela cantora em 2022. A música, cujo título é "Amor Não Testado", acumulou em janeiro de 2024 cerca de 802.493 *plays* no Spotify.

Além disso, ao se despedir dos palcos e anunciar sua aposentadoria, o cantor e compositor Milton Nascimento (de quem Amaro tornou-se próximo desde 2021) foi homenageado pelo programa Altas Horas, da TV Globo. Para a programação de despedida, foram convidados diversos nomes – entre artistas, celebridades e jornalistas –, tanto para compor a plateia como para o palco. Amaro era um dos convidados daquela noite especial, mas ficou na plateia, ao lado de artistas e celebridades brasileiras.

Freitas torna-se, então, um nome forte do jazz internacional, presente em vários festivais, continentes e países. Em julho de 2023 esteve no Japão. No seu Instagram, ele postou o seguinte texto: “A ficha ainda não caiu, estou indo pro Japão como representante da atual música brasileira”, disse.

Apesar de críticos tecerem comentários negativos a seu respeito, não dá pra negar que Amaro tornou-se uma celebridade do mundo da música, sobretudo da instrumental. E não é somente o jazz seu grande trunfo, mas a sua forma de tocar piano, sua personalidade e

¹⁵² Disponível em: <http://cazzoradiotube.blogspot.com/2009/01/vitor-araujo-o-reu.html>. Acesso em: 05 abr. 2024.

identidade musical, além de suas parcerias. Todo esse processo o levou a ser indicado em 2023 ao prêmio Multishow de Melhor Instrumentista do Ano¹⁵³.

O artista ainda participou do Mini Festival, no dia 02 de setembro de 2023: trata-se de um evento infantil oferecido pela Petrobras. A programação contou com outros artistas/grupos já conhecidos no universo da música e espetáculos infantis. Todavia, Amaro era estreado. Sua música estava ao alcance de um público até então novo. Mesmo sendo um concerto de piano para crianças, teve todos os ingressos esgotados.

Figura 45 - Amaro e as crianças no festival¹⁵⁴



Fonte: Facebook oficial do festival.

Em janeiro de 2024, o músico vai ao Festival de Verão de Sidney, na Austrália, e comemora esse feito em seu Instagram, indicando que aquela oportunidade fazia parte da sua representatividade junto a música brasileira e sua estreia no quarto continente. O curioso disso tudo é que o pianista ainda não foi ao continente e nem um país africano até o momento dessa pesquisa.

No dia 30 de abril, em Pernambuco, é considerado o dia internacional do jazz. Em 2023, alguns nomes foram homenageados pela página do Instagram do Cultura-PE, ligada ao governo do estado. O nome de Amaro compunha os homenageados ao lado de Naná Vasconcelos e de Moacir Santos. Esses exemplos servem para demonstrar o quanto o artista não se restringe a um nicho musical específico. Com efeito, seu reconhecimento enquanto

¹⁵³ O Prêmio Multishow de Música Brasileira é a maior premiação musical brasileira, realizada anualmente pelo canal Multishow, sua primeira edição ocorreu em 1994, cuja votação era feita pela audiência, desde 2011 a votação conta com um júri especializado, composto por jornalistas e técnicos da indústria fonográfica.

¹⁵⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=821219360011469&set=pcb.821219500011455>. Acesso em: 28 dez. 2023.

pianista virtuoso e habilidoso vem se expandindo e alcançando diferentes públicos e regiões Brasil afora.

Os números de seus ouvintes no *Spotify* são expressivos, e esse sucesso o faz ter sua foto na capa da playlist de jazz brasileiro na plataforma, que permanece desde fevereiro de 2023 e se mantém em abril de 2024. Em 11 de dezembro de 2023, a faixa “Baquaqua” acumulou, no *Spotify*, cerca de 325.866 *plays*, ultrapassando a primeira faixa que leva o título do disco. “Sankofa” acumula 293.820, enquanto “Ayeye” tem no mesmo período cerca de 424.169 *plays*. Todas as demais faixas tem uma média de 70.000 *plays*, com exceção da quarta música, “Villa Bella”. Como vimos anteriormente, esta canção apresenta uma diferença enorme junto às três primeiras colocadas, tendo neste mesmo período acumulado cerca de 2.824.857 *plays*.

De fato, a música “Villa Bella” é um fenômeno quanto a seus números, pois só a música “Rasif” tinha alcançado a faixa dos milhões de reproduções. Neste mesmo período, a mesma tinha registrado 1.521.822 *plays*, não ameaçando, contudo, a quarta faixa (“Villa Bella”) do terceiro trabalho do pianista.¹⁵⁵

Amaro é um artista novo no mercado da música. Não tem 10 anos de carreira com trabalho autoral. Tem um vasto caminho a ser percorrido. No primeiro semestre de 2024, ele estreou seu quarto álbum, cujo título é “Y’Y’”. Trata-se de o primeiro em parcerias com músicos estrangeiros, e o primeiro também sem a formação do trio original que o ajudou a ter notoriedade Brasil afora. Além disso, esse disco é a sua estreia na parceria com a sua nova gravadora (Selo Norte Americano), a *Psychic Hotline*.

Amaro é agente do seu tempo. Ele está na capa do *Spotify* na categoria “Jazz Brasileiro” e isso, por si só, é um fenômeno à parte, se comparado a todos seus antecessores que, assim como ele, construíram carreiras através de um jazz pernambucano: ou negro?

¹⁵⁵ Todas as músicas acima citadas como exemplo foram pesquisadas na data de 11 de dezembro de 2023.

REFERÊNCIAS

ABDIAS NASCIMENTO. Itaú Cultural. © 2016. Disponível em: <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/>. Acesso em 6 jan. 2024.

A DITA CURVA. **Aishá Lourenço: percussionista e arte educadora.** 2018. Disponível em: <http://ditacurva.art.br/ditas/aisha-lourenco/> Acesso em 17 abr. 2024.

A DITA CURVA. **Lais de Assis: Violeira e violinista.** Disponível em: <http://ditacurva.art.br/ditas/lais-de-assis/>. Acesso em 6 jan. 2024.

ALBUQUERQUE, Gabriel. **Amaro Freitas renova estruturas do jazz em 'Sangue Negro'.** JC NE, 2016. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2016/11/29/amaro-freitas-renova-estruturas-do-jazz-em-sangue-negro-262003.php> Acesso em 23 abr. 2024.

ALEPE. **Trio Sotaque anima última edição do Segunda Cultural este ano.** Alepe, 2005, Notícias. Disponível em: <https://www.alepe.pe.gov.br/2005/12/06/trio-sotaque-anima-ultima-edicao-do-segunda-cultural-este-ano/> Acesso em 16 abr. 2024.

ALONSO, Gustavo. **Sanfona sentida: uma biografia de Dominginhos.** No prelo.

ALONSO, Gustavo. **Simonal: Quem não tem swing morre com a boca cheia de formiga.** Ed. Record, 2019.

ANGIE. **Montreux Jazz Festival na Suíça: vários estilos musicais e grátis.** Apure Guria, 2017. Disponível em: <https://apureguria.com/europa/suica/montreux-jazz-festival-roteiro-suica/>. Acesso em 22 jan. 2024.

AMARAL, Tercio. **Único relato autobiográfico de um ex-escravo brasileiro vai virar livro.** Diário de Pernambuco, 2015. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2015/05/unico-relato-autobiografico-d-e-um-ex-escravo-brasileiro-vai-virar-livro.html>. Acesso em 6 jan. 2024.

AMARAL, Fabricio. **Caatinga Criativa.** Mapa Cultural do Ceará, Sobral Cultural, 2019. Disponível em: <https://cultura.sobral.ce.gov.br/agente/8951/%7B%7Brelation.agent.singleUrl%7D%7D> Acesso em 23 abr. 2024.

AMARO, André. **A cultura nordestina no piano jazz de Amaro Freitas**. Rádio Câmara, 2024. Disponível em:
<https://www.camara.leg.br/radio/programas/703158-a-cultura-nordestina-no-piano-jazz-de>
 Acesso em 16 abr. 2024.

AMORIM, Rodolfo; ALMEIDA, Marcos; LAGO, Davi. **Arte e espiritualidade: o cristão e a cultura brasileira**. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

BEZERRA, Amilcar Almeida. **O frevo e o jazz: parentesco, afinidades e diálogos possíveis**. Revista Gruvi. Recife, set. 2021. Disponível em:
<https://www.gruvi.com.br/post/o-frevo-e-o-jazz-parentesco-afinidades-e-dialogos-poss%C3%ADveis>. Acesso em: 27 fev. 2022.

ARAÚJO, Rita de Cassia Barbosa. **Cazumbá**. Ministério da Educação. Fundaj, 2021. Disponível em:
<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/museu-do-homem-do-nordeste-1/lista-dos-objetos/cazumba>. Acesso em 6 jan. 2024.

ARTE FORA DO MUSEU. **Cumbe**. Disponível em:
[tps://arteforadomuseu.com.br/cumbe/](https://arteforadomuseu.com.br/cumbe/) Acesso em 17 abr. 2024.

Ayoh'Omidire, Félix. **Yorubanidade mundializada: o reinado da oralitura em textos yorubá-nigerianos e afro-baianos contemporâneos**. Tese (Doutorado em Letras e Linguísticas). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 380 p. 2005. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/10992/1/Tese%20F%c3%a9lix%20Ayoh%27Omidire%201.pdf> Acesso em 22 jan.2024.

BAHIA, Sergio Gaia. **Processos composicionais de Moacir Santos: subsídios para uma criação autoral**. Tese (Doutorado em música) Universidade Estadual de Campinas, 2016.

BATISTA, Isaac Matheus S. **O negro herói e seu traje: sentidos do consumo de vestuário pelo movimento da negritude na contemporaneidade**. 2019. Dissertação (Mestrado em Consumo) -. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 589 p., 2019. Disponível em:
<http://www.tede2.ufpe.br:8080/tede2/bitstream/tede2/8243/2/Isaac%20Matheus%20Santos%20Batista.pdf> Acesso em 22 mar. 2024.

BARBOSA, Daniel. **Amaro Freitas lança o disco "Y'Y", inspirado em sua estada na Amazônia**. Estado de Minas, 2024, Cultura. Disponível em:
https://www.em.com.br/cultura/2024/03/6812534-amaro-freitas-lanca-o-disco-yy-inspirado-e-m-sua-estada-na-amazonia.html#google_vignette Acesso em 24 abr. 2024.

BECKER, Howard S. **Mundos da arte**. Tradução de Luis San Payo. Livros Horizontes, 2010.

BELO HORIZONTE SURPREENDENTE. **Savassi Festival 2023**. 2023 Disponível em:

<http://portalbelohorizonte.com.br/eventos/festival/musica/savassi-festival-2023> Acesso em 16 abr. 2024.

BENTO, Emanuel. **Amaro Freitas, o pianista recifense que ganhou o mundo ao unir jazz e cultura popular nordestina**. Diário de Pernambuco, 2019, Música. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2019/04/amaro-freitas-o-pianista-recifense-que-ganhou-o-mundo-ao-unir-jazz-e.html> Acesso em 16 abr. 2024.

BENTO, Emanuel. **Selo musical de jazz em Pernambuco quer fomentar lançamentos e pesquisa**. Diário de Pernambuco, 2020,. Música. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2020/10/selo-musical-de-jazz-em-pernambuco-quer-fomentar-lancamentos-e-pesquis.html>. Acesso em 17 abr. 2024.

BENTO, Emanuel. **Amaro Freitas: 'O Brasil não nos contou a verdadeira história do Brasil'**. Diário de Pernambuco, 2021, Musica. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2021/07/amaro-freitas-o-brasil-nao-nos-contou-a-verdadeira-historia-do-brasi.html> Acesso em 23 abr. 2024.

BENTO, Emmanuel. **Ode ao jazz e a Moacir Santos**. Diário de Pernambuco, 202, Viver. Disponível em: <http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/noticia/cadernos/viver/2021/02/ode-ao-jazz-e-a-moacir-santos.html> Acesso em 23 abr. 2024.

BRANCO, Cláudia Castelo. **O piano preparado e expandido no Brasil**. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM). Brasília, 2006. Disponível em: https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/COM/07_Com_TeoComp/sessao02/07COM_TeoComp_0204-094.pdf. Acesso em 6 jan. 2024.

BRANCO, Luis Freitas. **Amaro Freitas e um piano entre a história e o futuro: “ Quis criar uma música brasileira que revela o que somos agora”**. Observador, 2022. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/amaro-freitas-e-um-piano-entre-a-historia-e-o-futuro-quis-criar-uma-musica-brasileira-que-revela-o-que-somos-agora/> Acesso em 22 mar. 2024.

BRITO, Fabelly Marry. **"Maracatu não é par, é ímpar": práticas culturais, representações e identidades no maracatu rural de Pernambuco (2000-2014)**. Dissertação (Mestrado em história)- Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2020.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CALADO, Carlos. **Amaro Freitas: o jazz brasileiro do pianista que já conquistou plateias na Europa.** Música de alma negra, 2019. Disponível em: <https://www.carloscalado.com.br/2019/01/amaro-freitas-o-jazz-brasileiro-do.html> Acesso em 25 jan. 2024.

CAVALCANTI, Leonardo. **Amaro Freitas mistura o jazz ao frevo em "Sangue Negro".** Correio Braziliense, Diversão e Arte, 2016. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/12/10/interna_diversao_arte_560724/amaro-freitas-mistura-o-jazz-ao-frevo-em-sangue-negro.shtml Acesso em 5 out. 2023.

CARVALHO, Cezar. **História.** Arcoverde minha cidade. Disponível em: [amaro-freitas/https://arcoverdeminhacidade.webnode.com.br/](https://arcoverdeminhacidade.webnode.com.br/) Acesso em 26 abr. 2024.

CERQUEIRA, Janaina Andrade. **Música do Mundo S/A: construção e comercialização da world music- o caso da Putumayo Records.** Monografia (Graduação em Comunicação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 75 p., 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30119/1/MONOGRAFIA.pdf> Acesso em 22 mar. 2024.

COLETIVA. **A trajetória e a obra do músico Amaro Freitas é tema do bate-papo com o pianista pernambucano.** Coletiva Sonora. Disponível em: <https://www.coletiva.org/sonora-coletiva-a-trajetoria-e-a-obra-do-musico-amaro-freitas> Acesso em 17 abr. 2024.

CONSTANT, Leticia. **Spok Frevo Orquestra recebe elogios do jornal Le Monde.** RFI, 2010. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/geral/20100717-spok-frevo-orquestra-recebe-elogios-do-jornal-le-monde> Acesso em 17 abr. 2024.

COUTINHO, Isabela Dias R. **Arte como resistência: polifonias diaspóricas.** PUC-RIO, Instituto de Relações Internacionais, 2020. Disponível em: https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2018/relatorios_pdf/ccs/IRI/IRI-Isabela%20Dias%20R.%20Coutinho.pdf Acesso em 04 abr. 2024.

CORRÊA, Ademir. **Milton Nascimento e Criolo lançam EP juntos.** Globo.com. 2020. Disponível em: <https://gq.globo.com/Cultura/Musica/noticia/2020/05/milton-nascimento-e-criolo-lancam-ep-existe-amor.html>. Acesso em 22 jan. 2024.

CORREIO BRAZILIENSE. **Existe amor: Milton, Criolo e Amaro Freitas falam sobre novo EP.** Diversão e Arte, 2020. Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/05/09/interna_diversao_arte_852937/existe-amor-milton-nascimento-criolo-e-amaro-freitas-falam-sobre-nov.shtml#google_vignette. Acesso em 22 jan. 2024.

COSTA, Bernardo. **O jazz do sanfoneiro dominguinhos**. Coisas, 2016. Disponível em: <https://coisasdamusica.com.br/o-jazz-de-dominguinhos/> Acesso em 16 abr. 2024.

CULTURA.PE. **Programação musical do FIG 2023 também terá os palcos Estação e Coreto**. Notícias Cultura. PE, 2023. Disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/canal/fig2023/programacao-musical-do-fig-2023-tambem-ter-ao-palcos-estacao-e-coreto/> Acesso em 22 jan. 2024.

CUNHA, Marco Antonio. **Sesc São Paulo realiza o SESC JAZZ de 15 a 31 de outubro**. Boomerang Music, 2021. Disponível em: <https://boomerangmusic.com.br/sesc-sao-paulo-realiza-o-sesc-jazz-de-15-a-31-de-outubro/> Acesso em 17 abr. 2024.

CRIOLO. **Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira**. © 2021. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/criolo/>. Acesso em 22 jan. 2024.

CRIOLO. **Milton Nascimento e Criolo feat. Amaro Freitas: Não Existe Amor em SP**. YouTube, 24 de abril de 2020. 6min44s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vwjVbpKITUc> Acesso em 26 abr. 2024.

CRUZ, Raimundo Lázaro. **Maracatu nação, uma corpe sagrada afrobrasileira: um Estudo sobre a Transição Religiosa na Trajetória da Figura do Rei do Congo, em Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)- Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/283/1/pre-textuais.pdf> Acesso em 16 abr. 2024.

CRUZ, Felipe Branco. **A ascensão do pernambucano Amaro Freitas como novo bamba do jazz**. Veja, 2021, Cultura. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/a-ascensao-do-pernambucano-amaro-freitas-como-novo-bamba-do-jazz/> Acesso em 23 abr. 2024.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Pianista italiano Stefano Bollani apresenta nova turnê no Recife**. Viver/Diario, 2018. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/08/pianista-italiano-stefano-bollani-apresenta-no-recife-nova-turne.html> Acesso em 25 jan. 2024.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Vivo Open Air terá três shows e seis filmes neste fim de semana**. Diário de Pernambuco, 2016, Cinema. Disponível em:

<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2016/12/vivo-open-air-tera-tres-shows-e-seis-filmes-neste-fim-de-semana.html> Acesso em 16 abr. 2024.

DIÁRIO DO COMÉRCIO. **Múltiplo Ancestral tem Amaro Freitas**. Diário do comercio, 2021, Variedades. Disponível em:

<https://diariodocomercio.com.br/variedades/multiplo-ancestral-tem-amaro-freitas/> Acesso em 17 abr. 2024.

DOMINGUES, Petrônio. **De Nova Orleans ao Brasil: o jazz no Mundo Atlântico**. Revista Brasileira de História, v. 40, n. 85, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472020v40n85-09> Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbh/a/QwMm5Q5yDzmFBkPPSG95Zwt/?lang=pt&format=pdf>

Acesso em 17 abr. 2024.

DOWBEAT. **Premiere: Hear ‘Trupé,’ an Homage to Lula Calixto from Pianist Amaro Freitas’ ‘Rasif’**. 2018. Disponível em:

<https://downbeat.com/?/news/detail/premiere-amaro-freitas> Acesso em 10 de outubro de 2023.

ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

ESPIR, Guilherme. **O piano é a voz de Amaro Freitas**. La Parola, 2019. Disponível em:

<https://laparola.com.br/amaro-freitas-entrevista> Acesso em 23 abr. 2024.

ESSINGER, Silvio. **Amaro Freitas leva jazz de Recife para o mundo pela via da África**. O globo.com. Cultura, 2021. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/amaro-freitas-leva-jazz-de-recife-para-mundo-pela-via-da-af-rica-25070953>. Acesso em 22 jan. 2024.

FALA ILHABELA. **Amaro Freitas & Ancestral Cumbe trazem para Ilhabela a ancestralidade africana por meio da música no Ilhabela In Jazz**. Cultura, 8 jun. 2022.

Disponível em:

<https://falailhabela.com.br/2022/06/amaro-freitas-ancestral-cumbe-trazem-para-ilhabela-a-ancestralidade-africana-por-meio-da-musica-no-ilhabela-in-jazz/>. Acesso em 22 jan. 2024.

FERNANDES, Kamilla. **Arte no Agreste: Garanhuns abriga festival de inverno**. Folha de São Paulo, 16 jun. 1999. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq16079933.htm> Acesso em 04 abr. 2024.

FERREIRA, Mauro. **Lenine grava disco autoral no Rio com toque do pianista-revelação Amaro Freitas**. G1, Pop & Arte, 2018. Disponível em:

<https://g1.globo.com/musica/blog/mauro-ferreira/post/lenine-grava-disco-autoral-no-rio-com-o-toque-do-pianista-revelacao-amaro-freitas.ghtml> Acesso em 25 jan. 2024.

FERREIRA, Mauro. **Amaro Freitas evolui na universalidade da rota afro-brasileira trilhada pelo pianista no álbum 'Sankofa'**. G1 Globo. com, 2021, Pop&Arte. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2021/07/10/amaro-freitas-evolui-na-universalidade-da-rota-afro-brasileira-trilhada-pelo-pianista-no-album-sankofa.ghtml>

Acesso em 23 abr. 2024.

FERREIRA, Kiko. **Pianista Amaro Freitas lança CD instrumental 'Sangue negro'**. Portal Uai, 2017. Disponível em:

<https://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2017/08/16/noticias-musica.211629/pianista-amaro-freitas-lanca-cd-instrumental-sangue-negro.shtml> Acesso em 23 abr. 2024.

FESTIVAL DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA. **João Donato: Compositor, cantor, multi-instrumentista e arranjador**. FMCB, 2022. Disponível em:

<https://fmcbr.com.br/joao-donato/> Acesso em 04 abr. 2024

FESTIVAL AURORA INSTRUMENTAL. **Entrevista Amaro Freitas - Aurora Instrumental (1ª edição)**. YouTube, 28 de abril de 2020. 5min13s. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=yvXZCnQ266Y> Acesso em 26 abr. 2024.

FIMUS. **Contrabanda**. 7. Fimus Jazz. 2023. Disponível em:

<https://www.fimus.art.br/artistas/contrabanda> Acesso em 22 mar. 2024.

FLOR, Cauê Gomes. **Da racialização a etnicização: a construção de um complexo posicionar-se**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 120 p. 2016. Disponível em:

<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7885/DissCGF.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 04 abr. 2024.

FOLHA DE PERNAMBUCO. **Amaro Freitas faz show no Paço do Frevo**. Folha de Pernambuco: Cultura +, 2017. Disponível em:

<https://www.folhape.com.br/cultura/amaro-freitas-faz-show-no-paco-do-frevo/23514/> Acesso em 22 mar. 2024.

FOLHA DE PERNAMBUCO. **Nada de morgação no dia dos pais: veja as dicas de Diversão&Arte para este domingo (12)**. Cultura +, 2018. Disponível em:

<https://www.folhape.com.br/cultura/nada-de-morgacao-no-dia-dos-pais-veja-as-dicas-de-diversao-para-es/77588/> Acesso em 25 jan. 2024.

FOLHA DE PERNAMBUCO. **Mesa de glosas é tema de encontro virtual: Com participação de poetas e pesquisadores, atividade é promovida pelo Sesc Triunfo**. Portal Folha PE: Cultura Popular, 17 junho de 2020. Disponível em:

<https://www.folhape.com.br/cultura/mesa-de-glosas-e-tema-de-encontro-virtual/144129/>

Acesso em 13 abr. 2024.

FOLHA DE PERNAMBUCO. **Lucas dos Prazeres apresenta espetáculo de dança no Paço do Frevo nesta sexta.** Portal da folha de Pernambuco, 2023. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/lucas-dos-prazeres-apresenta-espetaculo-da-danca-no-paco-do-frevo/289229/>. Acesso em 6 jan. 2024.

FONTOURA, Cazzo. **Vitor Araújo, o réu.** Cazzo Radio Tube, 2009. Disponível em: <http://cazzoradiotube.blogspot.com/2009/01/vitor-araujo-o-reu.html> Acesso em 23 abr. 2024.

FRAZÃO, Dilva. **Naná Vasconcelos.** E Biografia, 2023. Disponível em: https://www.ebiografia.com/nana_vasconcelos/. Acesso em 6 jan. 2024.

FREEMAN, Phil. **Ugly beauty the month in jazz.** Stereogum, 2018. Disponível em: <https://www.stereogum.com/2026718/ugly-beauty-the-month-in-jazz-december-2018/columns/ugly-beauty/> Acesso em 22 jan. 2024.

FRED ANDRADE. Bio. 2023. Disponível em: <https://www.fredandrade.com/bio> Acesso em 17 abr. 2024.

FREITAS, Amaro. **Amaro Freitas & Ancestral Cumbe no Sesc Pompeia para o Sesc Jazz.** YouTube, 15 de outubro de 2021. 2h 03min 35s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3iJkE4zZJ8Ahttps://www.youtube.com/watch?v=jgRwrOXb8_I Acesso em 25 abr. 2024.

FREITAS, Amaro. **Teaser 1 Amaro Freitas.** YouTube, 30 de março de 2016. 2min08s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IIw9hQTtCyE> Acesso em 26 abr. 2024.

FREITAS, Amaro. **Amaro Freitas no programa Conversa com Bial.** YouTube, 15 de setembro de 2021. 31min38s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tfo4TDO02YQ> Acesso em 26 abr. 2024.

FREITAS, Amaro. **Participação no show do pianista Italiano Stefano Bollani com um time de Brasileiros fora de sério.** Facebook, 13 de agosto de 2018. 1min37s. Disponível em: <https://www.facebook.com/AmaroFreitaspiano/videos/participa%C3%A7%C3%A3o-no-show-do-pianista-italiano-stefano-bollani-com-um-time-de-brasile/300542667368106/> Acesso em 26 abr. 2024.

FREITAS, Amaro. AMARO FREITAS. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/AmaroFreitasJazz?mibextid=LQQJ4d> Acesso em 26 abr. 2024.

FREIRE FILHO, João; JANOTTI JUNIOR, Jeder. **Comunicação & música popular massiva.** João Freire Filho e Jeder Janotti Junior (orgs)- Salvador: Edufba, 2006.

FRIDMAN, Luis Carlos. **Theodor Adorno e Eric Hobsbawm sobre o Jazz**. Sociologia e Antropologia: Rio de Janeiro, UFF, v. 10, n. 2, p. 493-512, mai.- ago., 2020 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/Sw43XpPznY4mRHZKcZbtwj/?format=pdf> Acesso em 22 mar. 2024.

GARSON, Wilson. **Luciano Magno: Solando como nunca, improvisando como poucos**. Clube de jazz, 2010, Lançamentos. Disponível em: <https://clubedejazz.com/luciano-magno-solando-como-nunca-improvisando-como-poucos/> Acesso em 16 abr. 2024.

GIACOMO, Fred Di. **Amaro Freitas: o gênio do piano que o estado brasileiro não matou**. Ecoa Uol, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/05/21/amaro-freitas-o-genio-do-piano-que-o-estado-brasileiro-nao-matou.htm> Acesso em 23 abr. 2024.

GLOBO PLAY. **Daqui**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/daqui/t/F5ChTfNCv5/> Acesso em 26 abr. 2024.

GOETHE, Paulo. **O Recife no mapa do jazz**. Diário de Pernambuco, 2016. Disponível em: <https://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2016/03/16/o-recife-no-mapa-do-jazz/> Acesso em 17 abr. 2024.

GONÇALVES, Sara Sofia. **Amaro Freitas e a mudança de ritmo do senhor do novo jazz brasileiro**. Jornal de Notícias, 2023. Disponível em: <https://www.jn.pt/6531822744/amaro-freitas-e-a-mudanca-de-ritmo-do-senhor-do-novo-jazz-brasileiro/>. Acesso em 6 jan. 2024.

GONÇALVES, Marco Antonio. (orgs.). **Operação Forrock**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010. p. 09-64.

GRUPO BONGAR. **Amaro Freitas: Tem preto na tela**. YouTube, 10 de julho de 2022. 41min37s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UW7kSBhZod0> Acesso em 26 abr. 2024.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Modernidades negras: a formação social brasileira (1930-1970)**. São Paulo: Editora 34, 2001 (1a Edição). 296p.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012 (2a Edição). 432p.

G1 PE. **Circuito dos Vitrais Sacros revela história da capital pernambucana**. G1, 2012, Recife. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pe/brasil/noticia/2012/08/em-pe-circuito-dos-vitrais-sacros-revela-historia-do-recife.html> Acesso em 16 abr. 2024.

HARRIS, Rex. **Jazz: As suas origens e o desenvolvimento que adquiriu, desde os ritmos primitivos africanos à evoluída música ocidental dos nossos dias.** Tradução de Raul Calado. Rio de Janeiro: Editora Ulisseia, 1952.

HIQUE BERNARDON. **Teoria musical: classificação de compasso.** Caverna do Lenhador. 10 out. 2018. Disponível em:
<https://cavernadolenhador.wordpress.com/2015/10/10/classificacao-de-compasso/> Acesso em: 22 mar. 2024.

HOBSBAWM, Eric J. **A história Social do Jazz.** Ed. Paz e Terra: 2009, 380 p.

HOWSON, Jo Brandim. Amaro Freitas @ Ronnie Scott's. Sound and Colours, 2028. Disponível em:
<https://soundsandcolours.com/region/london/amaro-freitas-ronnie-scotts-2nd-nov-2018-43279/> Acesso em 25 jan. 2024.

INSTRUMENTAL SESC BRASIL. **Amaro Freitas | Programa Passagem de Som.** YouTube, 30 de março de 2020. 25min26s. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=usanuaUO5Hg> Acesso em 26 abr. 2024.

JAZZ MANSION. **'Encontro a vida a partir do piano e o piano a partir da vida', divide o músico Amaro Freitas.** JAZZ MANSION, 2021. Disponível em:
<https://www.jazzmansion.com/post/encontro-a-vida-a-partir-do-piano-e-o-piano-a-partir-da-vida-divide-o-musico-amaro-freitas> Acesso em 23 abr. 2024.

JAZZ PORTO. **Sobre o Jazz Porto.** Facebook. Disponível em:
https://www.facebook.com/jazzportopernambuco/about_details?locale=pt_BR Acesso em 26 abr. 2024.

LAST FM. **Cacau Santos:** biografia. 2024. Disponível em:
<https://www.last.fm/pt/music/Cacau+Santos/+wiki> Acesso em 17 abr. 2024.

LAST FM. **Ebel Perrelli:** biografia. Recife, 2024. Disponível em:
<https://www.last.fm/pt/music/Ebel+Perrelli/+wiki> Acesso em 17 abr. 2024.

LIMA, Reginaldo Vilela. **Samba de coco de Arcoverde- PE: Práticas e representações na construção de um patrimônio cultural (1980-2010).** Dissertação (Mestrado em história)- Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 102 p. 2018.

LINS, Rico. **Jazz na fábrica.** Rico Lins + Studio, 2016. Disponível em:

<https://www.ricolins.com/jazz-na-fabrica/> Acesso em 16 abr. 2024.

JC NE 10. **Amaro Freitas**. Disponível em:

<https://jc.ne10.uol.com.br/search/?q=Amaro+Freitas+> Acesso em 22 mar. 2024.

JORNAL DO COMMERCCIO. **Amaro Freitas trio leva seu jazz pernambucano a Europa**.

Canal Cultura, 2018. Disponível em:

<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2018/10/21/amaro-freitas-trio-leva-seu-jazz-pernambucano-a-europa-359112.php> Acesso em 12 abr. 2021.

LENINE. Lenine - Lua Candeia (Ao Vivo). YouTube, 3 de dezembro de 2018. 5min53s.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=dpUagWWMDEo> Acesso em 26 abr. 2024.

LIMA, Iara. **O que eu descobri: Daniel Podsk Quartet lança o disco Relembrando PE**. O

GRITO, 2015. Disponível em:

<https://www.revistaogrito.com/o-que-eu-descobri-daniel-podsk-quartet-lanca-o-disco-relembrando-pe/> Acesso em 23 abr. 2024.

LINS, Letícia. **Sangue Negro no Museu do Estado**. Oxe Recife, Cultura e Diversão, 2027.

Disponível em:

<https://oxerecife.com.br/sangue-negro-no-museu-do-estado/> Acesso em 22 mar. 2024.

MALAGUIAS, Flavia Martins; RAMOS, Wellington Furtado. **A voz da resistência: uma**

análise do poema ‘Poesia Negra’, de Luna Vitrolira. Revista FT, Linguística, letras e Artes,

ed. 122, 18 de maio de 2023. Disponível em:

<https://revistaft.com.br/a-voz-da-resistencia-uma-analise-do-poema-poesia-negra-de-luna-vitrolira/> Acesso em 13 abr. 2024.

MANCHETE. **Esta semana na rede Manchete**. Manchete, 1986, ed. 1799. Digital Brasil,

Manchete, Rio de Janeiro- 1952 a 2007. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=004120&pesq=Dominguinhos&pagfis=240746> Acesso em 23 abr. 2024.

MARTE MUSICAL. **Novo “bamba do jazz”, pernambucano Amaro Freitas volta a**

Florianoópolis e participa de show gratuito no Sexta Jazz AF. Marte Cultural, 2022.

Disponível

em:

<https://marte.art.br/novo-bamba-do-jazz-pernambucano-amaro-freitas-volta-a-florianopolis-e-participa-de-show-gratuito-no-sexta-jazz-af/>. Acesso em 06 jan. 2024.

MATTOS, Flávio de. **Stefano Bollani**. Rádio Senado, 2021. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/radio/1/improviso/2021/08/27/stefano-bollani> Acesso em: 25 jan. 2024.

MATITZ, Queila Regina Souza; PEREIRA, Patrick dos Santos. **Sankofa: relacoes entre a identidade do empreendedor negro brasileiro e as fronteiras dinâmicas do afroempreendedorismo**. XI Encontro de Estudos Organizacionais da Anpad. 2022. Disponível em:
<https://anpad.com.br/uploads/articles/117/approved/3bcf6eeeb2611212e088d0d91f2ade9c.pdf>
 Acesso em 04 abr. 2024.

MAYAKA MURSI. Mercado Black Money. Disponível em:
<https://www.mercadoblackmoney.com.br/ori-cabelos/produto/mayaka-mursi> Acesso em 22 mar. 2024.

MEDEIROS, Daniel. **Amaro Freitas une a cultura popular afro-brasileira e o jazz em 'Rasif'**. Folha de Pernambuco, 2024, Cultura +. Disponível em:
<https://www.folhape.com.br/cultura/amaro-freitas-une-a-cultura-popular-afro-brasileira-e-o-jazz-em-rasif/102865/> Acesso em 23 abr. 2024.

METRÓPOLIS. **Você é Suas Memórias - Entrevista com Amaro Freitas**. YouTube, 30 de abril de 2021. 30min01s. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=bowYfYpCzYA> Acesso em 26 abr. 2024.

MINI FESTIVAL. **Música e interatividade para a infância**. Facebook, 03 de setembro de 2023. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=821219360011469&set=pcb.821219500011455>
 Acesso em 26 abr. 2024.

MINGUS. **Música e gastronomia no coração de Boa viagem**. Disponível em:
<https://www.restaurantemingus.com.br/> Acesso em 22 mar. 2024.

MONGIOVI, Angelo Guimarães. **Num doce balanço: composições, identidade e tópicos do Jazz Brasileiro**. Tese (Doutorado em música)- Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte, 2017.

MONTEIRO, Jacira Pontinta Vaz. **O estigma da cor**. 1 ed. Rio de Janeiro: Quitanda, Thomas Nelson Brasil, 2023.

MORIN, William. **Daqui conta a história Cazumbá**. YouTube, 26 de junho de 2021. 8min 58s. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=jE9jmrhjgio> Acesso em 26abr. 2024.

NASCIMENTO, Felipe. **Do spiritual ao jazz**. Medium, 2018. Disponível em: <https://felipenascimento.medium.com/do-spiritual-ao-jazz-com-shel%C3%A9a-e-kirk-whalum-235442b15b86>. Acesso em 6 jan. 2024.

NEGRITUDE. *In*: Dicio.7GRAUS,© 2009-2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/negritude/>. Acesso em 6 jan. 2024.

Nicolau Netto, Mighel. **O discurso da diversidade: a definição da diferença a partir da world music**. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo, 2012. Disponível em:

https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR_6abc1d9eef3ad8dc565e7d8dc89d70d4
Acesso em 20 nov. 2023.

NO AR COQUETEL MOLOTOV. **Entrevista Amaro Freitas na 17a Edição do No Ar Coquetel Molotov**. YouTube, 16 de fevereiro de 2021. 20min47s. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ei86ebWy3U0> Acesso em 26 abr. 2024.

NUNES, Ricardo Ferreira. **Vitreorum Ministerium: o didatismo dos vitrais medievais, história e linguagem visual Os vitrais da Yorkminster**. Tese (Doutorado em linguística geral)- Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2012. Disponível em:

https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13122012-102204/publico/2012_RicardoFerreiraNunes.pdf Acesso em 16 abr. 2024.

OBER MÚSICAS. **O grande pianista brasileiro Amaro Freitas levará adiante uma ampla turnê europeia**. IBER, 2021. Disponível em:

<https://www.ibermusicas.org/index.php/o-grande-pianista-brasileiro-amaro-freitas-levara-adiante-uma-ampla-turne-europeia/> Acesso em 17 abr. 2024.

O GLOBO. **Spok Frevo Orquestra traz frevo pernambucano a São Paulo**. O Globo, 2012, Cultura. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/spok-frevo-orquestra-traz-frevo-pernambucano-sao-paulo-3629577> Acesso em 16 abr. 2024

OLIVEIRA, Aline Martins. **A questão rítmica e a defasagem dos códigos no piano nacionalista brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, 142 p. 2006. Disponível em:

<https://www.unirio.br/ppgm/arquivos/dissertacoes/aline-oliveira> Acesso em 04 abr. 2024.

O POVO. **Prêmios e parcerias em cinco décadas de carreira**. O povo Online, 2013, Trajetória. Disponível em:

<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/dominginhos/2013/07/24/notdominginhos,3098018/premios-e-parcerias-em-cinco-decadas-de-carreira.shtml> Acesso em 23 abr. 2024.

PACHECO, Lwdmila Constat. **Identidade: interface entre religião e negritude**. Dissertação (Mestrado em Psicologia social) - Universidade Federal de Sergipe, Centro de Ciências de Educação e Ciências Humanas, 161 p. 2010. Disponível em:

https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6029/1/LWDMILA_CONSTANT_PACHECO.pdf. Acesso em 6 jan. 2024.

PANELA DO JAZZ. **Sobre Panela do Jazz**. Facebook. Disponível em:

https://www.facebook.com/esquinadojazz/?locale=pt_BR Acesso em 26 abr. 2024.

PARQUE DONA LINDU. **IX Recife International Jazz Festival**. Recife, 7 de março de 2015.

<http://www.parquedonalindu.com/2015/03/ix-recife-international-jazz-festival.html>

PEREIRA, Patrick dos Santos. **Sankofa: a identidade negra e a emergência de fronteiras dinâmicas no contexto de afroempreendedorismo**. Dissertação (Mestrado em Ciências sociais aplicadas) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 143 p. 2022. Disponível em:

<https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/77361/R%20-%20D%20-%20PATRICK%20DOS%20SANTOS%20PEREIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 6 jan. 2024.

PINHEIRO, Marcio. **Fala Jazz: Amaro Freitas. 2019**. Maracatu Planetário. Disponível em:

<https://amajazz.com.br/2019/03/01/falajazz-amaro-freitas/> Acesso em 25 jan. 2024.

PIRES, Anneliese. **NY Times elogia a SpokFrevo Orquestra**. Jornal do Commercio, 2014. Disponível em:

<https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2014/10/27/ny-times-elogia-spokfrevo-orquestra/index.html> Acesso em 17 abr. 2024.

RAFAEL, Romero. **Renovação do jazz mundial, recifense Amaro Freitas estreia no Recife o show "Sankofa"**. JC NE, 2022. Disponível em:

<https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/musica/2022/03/14965150-renovacao-do-jazz-mundial-recifense-amaro-freitas-estrela-no-recife-o-show-sankofa.html> Acesso em 23 abr. 2024.

REGINA, Thais. **Amaro Freitas: calma e explosão**. Monkeybuzz, 2021. Disponível em:

<https://monkeybuzz.com.br/materias/amaro-freitas-calmaria-e-explosao/> Acesso em 23 abr. 2024.

REGINA, Thais. **Subversivo, conceitual e brasileiro: Amaro Freitas**. Monkeybuzz, 2020. Disponível em:

<https://monkeybuzz.com.br/materias/subversivo-conceitual-e-brasileirissimo-amaro-freitas/> Acesso em 04 abr. 2024.

RIBEIRO, Jan. **Luna Vitrolira lança álbum e filme ‘Aquenda- o amor às vezes é isso’**. Portal da Cultura: Notícias, Música, 24 de março de 2021. Disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/canal/musica/luna-vitrolira-lanca-album-e-filme-aquenda-o-amor-as-vezes-e-isso/> Acesso em 13 abr. 2024.

RODRIGUES, Ana Paula S. **Cirandas temáticas e formais: a prosa poética contemporânea de Marcelino Freire**. Crítica Literária- PUC. 2009. Disponível em: https://www4.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_anteriores/n3/download/pdf/Rasif.pdf Acesso em 22 mar. 2024.

RODRIGUES, Bruno Pinheiro. **Homens de ferro, mulheres de pedra. Resistências e Readaptações identitárias de africanos escravizados**. Do hinterland de Benguela aos vales dos rios Paraguai-Guaporé e América espanhola – fugas, quilombos e conspirações urbanas (1720-1809). Tese (Doutorado em História)- Universidade Federal do Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Cuiabá, 372 p. 2015. Disponível em: https://ri.ufmt.br/bitstream/1/2256/1/TESE_2015_Bruno%20Pinheiro%20Rodrigues.pdf Acesso em 04 abr. 2024.

RUIZ, Renan Branco. **Jazz no Brasil ou Jazz Brasileiro? Um balanço histórico sobre o jazz durante o longo modernismo (1920-1980)**. História e Cultura, dez. 2021. 51-81p.

SÁ JUNIOR, Adalberto Fernandes. **Entre liberdade e cultura: Multiculturalismo, Povos Originários e Igualdade**. Tese (Doutorado em Direitos Humanos e Inclusão Social). Universidade de São Paulo, 196 p. 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-28082020-040954/publico/9741768_Tese_Original.pdf Acesso em 25 jan. 2024.

SALDANHA, Leonardo Vilaça. **Frevendo no Recife : a música popular urbana do Recife e sua consolidação através do rádio**. (Tese) Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, 297 p. 2008.

SANDRONI, Carlos. O paradigma do tresillo. Revista Opus 8, fev. 2022, 102-113 p. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Sandroni-paradigma_tresillo.pdf Acesso em 04 abr. 2024.

SANKOFA. **Sankofa: significado desse símbolo africano**. In: Dicionário de símbolos, 7GRAUS,© 2008-2024. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>. Acesso em 6 jan. 2024.

SANTOS, JÁ. **Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida**. In: MACEDO, JR., org. Desvendando a história da África [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, p. 181-194. ISBN 978-85-386-0383-2. Available from: doi:

10.7476/9788538603832. Disponível em:
<http://books.scielo.org/id/yf4cf/epub/macedo-9788538603832.epub>. Acesso em 04 abr. 2024.

SANTOS, Robson. **O elogiado LP "Coisas" do arranjador Moacir Santos**. CBN Campinas, Música é Cultura, 2019. Disponível em:
<https://portalcbncampinas.com.br/2019/11/o-elogiado-lp-coisas-do-arranjador-moacir-santos-projeto-considerado-a-sintese-de-sua-obra/> Acesso em 04 abr. 2024

SESC SÃO PAULO. **Amaro Freitas**. YouTube, 06 de abril de 2021. 1h13min05s. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=pitZFuA3n9E>. Acesso em 26 abr. 2024.

SERTÃO JAZZ. **Sobre SerTão Jazz**. Facebook. Disponível em:
https://www.facebook.com/sertaojazz/about_details?locale=pt_BR Acesso em 26 abr. 2024.

SILVA, Tiago J. **Cena Jazz**. Recife, 16 de abril. 2020. Disponível em:
<https://youtu.be/yY3vMdQoL6U> . Acesso em: 11 ago. 2022.

SOUZA, Aldaci de. **Dia Nacional de Tereza de Benguela relembra a resistência da mulher negra**. Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, 2022. Disponível em:
<https://al.se.leg.br/dia-nacional-de-tereza-de-benguela-relembra-a-resistencia-da-mulher-negra/>. Acesso em 6 jan. 2024.

SPOK FREVO ORQUESTRA. **Passo de Anjo**. Nossa discografia. Disponível em:
<https://www.spokfrevoorquestra.com.br/discografia/passo-de-anjo/> Acesso em 16 abr. 2016.

STACATTO. *In: Dicio*. 7 GRAUS, © 2009-2024. Disponível em:
<https://www.dicio.com.br/staccato/>. Acesso em 22 jan. 2024.

STEPHANIA, Camila. **Amaro Freitas está entre as revelações do Prêmio Instrumental da MIMO**. Folha de Pernambuco, 2016, Música + . Disponível em:
<https://www.folhape.com.br/cultura/amaro-freitas-esta-entre-as-revelacoes-do-premio-instrumental-da-mimo/7028/> Acesso em 16 abr. 2024.

STROPASOLAS, Pedro. **Samba de coco: a história da família que faz do ritmo a própria natureza do Brasil**. Brasil de Fato, 2022. Disponível em:
<https://www.brasildefato.com.br/2022/08/01/samba-de-coco-a-historia-da-familia-que-faz-do-ritmo-a-propria-natureza-do-brasil> Acesso em 04 abr. 2024.

SULLIVAN, Mark. **Amaro Freitas: Rasif**. All About Jazz, 2018. Disponível em:
<https://www.allaboutjazz.com/rasif-amaro-freitas-far-out-recordings-review-by-mark-sullivan>
 Acesso em 25 jan. 2024.

TELES, José. **Amaro Freitas Trio leva seu jazz pernambucano à Europa**. Jornal do Commercio, 2018. Disponível em:

<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2018/10/21/amaro-freitas-trio-leva-seu-jazz-pernambucano-a-europa-359112.php>. Acesso em 22 jan. 2024.

TELES, José. **Amaro Freitas renovando a tradição do piano em Pernambuco**. JC NE, 2018. Disponível em:

<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2018/02/10/amaro-freitas-renovando-a-tradicao-do-piano-em-pernambuco-327464.php> Acesso em 23 abr. 2024.

TROTTA, Felipe. **A reinvenção musical do Nordeste**. Operação Forrock. Recife, Ed. Massangana/ Fundaj, 2010.

TV BRASIL. **Amaro Freitas apresenta o álbum "Sangue Negro" no Partituras**. YouTube, 27 de novembro de 2017. 54min51s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pjNGAV8r5vo> Acesso em 26 abr. 2024.

TV PERNAMBUCO. **Jazz lá em Casa Parte 1**. YouTube, 22 de agosto de 2011. 7min28s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ddiQjQsUk0A&t=75s> Acesso em 26 abr. 2024.

TV PERNAMBUCO. **noBALAIO - Tarô + Medicina alternativa (Reiki) + Amaro Freitas**. YouTube, 28 de junho de 2017. 32min25s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zR2AExbxB-A> Acesso em 26 abr. 2024.

TURBINADO. **Amaro Freitas trio fará apresentação em Porto Alegre**. 2018. Disponível em: <https://www.turbinado.art.br/site/artigos/noticia/amaro-freitas-trio-fara-apresentacao-em-porto-alegre> Acesso em 17 abr. 204.

TRIUNFO JAZZ. **Triunfo Jazz 2019**. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/triunfojazz> Acesso em 26 abr. 2024.

UNIAESO. **UNIAESO 55 anos: Uma história de desafios e sucesso**. Institucional, 2023. Disponível em: <https://www.barrosmelo.edu.br/noticia/uniaeso-55-anos-uma-historia-de-desafios-e-sucesso> Acesso em 23 abr. 2024.

UFPE. **Capiba - O maior compositor de frevo pernambucano foi aluno de direito da FDR**. Arquivo CCJ, 2020. Disponível em: https://www.ufpe.br/arquivoccj/curiosidades/-/asset_publisher/x1R6vFfGRYss/content/capiba-o-maior-compositor-de-frevo-pernambucano-foi-aluno-de-direito-da-fdr/590249 Acesso em 17 abr. 2024.

UFRB. **Tereza de Benguela: a escrava que virou rainha e liderou um quilombo de negros e indígenas**. Biblioteca setorial do Cecult. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Disponível em:

<https://www.ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias/220-tereza-de-benguela-a-escrava-que-virou-rainha-e-liderou-um-quilombo-de-negros-e-indios>. Acesso em 6 jan. 2024.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

VIA DEI MATTI. **Amaro Freitas**. set. 2023, 8 min. Disponível em:

<https://www.raiplay.it/video/2023/10/Amaro-Freitas---Via-dei-Matti-n0-17102023-2d0560a5-baef-4f14-898a-603db852a362.htm> (entrevista a tv italiana)l Acesso em 22 mar. 2024.

VIEIRA, José Carlos. **Com um piano ancestral, Amaro Freitas sobe ao palco do Festival Mova**. Correio Brasiliense, 05 jun. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2022/06/5012761-com-um-piano-ancestral-amaro-freitas-sobe-ao-palco-do-festival-moca.html> . Acesso em: 11 ago 2022.

VPRO VRIJE GELUIDEN EXTRA. **Amaro Freitas** - Interview @Porto Musical 2018. YouTube, 14 de fevereiro de 2018. 9min21s. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=CN0goI8VmC4> Acesso em 26 abr. 2024.

XEXÉO, Artur. **Pilantragem, o gênero musical que a MPB esqueceu**. Musicaria Brasil, 2011. Disponível em:

<https://musicariabrasil.blogspot.com/2011/10/pilantragem-o-genero-musical-que-mpb.html> Acesso em 23 abr. 2024.